

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS - *Campus Sorocaba*
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E BIOLÓGICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA CONDIÇÃO HUMANA
(PPGECH)

FABIANA FURLANI CARLUCCI

**ARTE NA EDUCOMUNICAÇÃO, COMO POTENCIALIDADE DE JOVENS EM
ESPAÇOS DE EDUCAÇÃO**

SOROCABA-SP
2024

FABIANA FURLANI CARLUCCI

**ARTE NA EDUCOMUNICAÇÃO, COMO POTENCIALIDADE DE JOVENS EM
ESPAÇOS DE EDUCAÇÃO**

Dissertação apresentada à banca do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Condição Humana da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar - *campus* Sorocaba, como parte das exigências para obtenção do título de Mestra em Estudos da Condição Humana.

Área de concentração: A Condição Humana na Contemporaneidade.

Orientadora: Profa. Dra. Cláudia Regina Lahni.

SOROCABA - SP
2024

FABIANA FURLANI CARLUCCI

**ARTE NA EDUCOMUNICAÇÃO, COMO POTENCIALIDADE DE JOVENS EM
ESPAÇOS DE EDUCAÇÃO**

Dissertação apresentada à banca do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Condição Humana da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar - campus Sorocaba, como parte das exigências para obtenção do título de Mestra em Estudos da Condição Humana.

Área de concentração: A Condição Humana na Contemporaneidade.

Orientadora: Profa. Dra. Cláudia Regina Lahni

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Cláudia Regina Lahni (UFSCar)

Profa. Dra. Viviane Melo de Mendonça (UFSCar)

Profa. Dra. Aline Silva Corrêa Maia Lima (FESJF)

SOROCABA - SP
2024

Fabiana, Furlani Carlucci

Arte na Educomunicação, como Potencialidade de Jovens em Espaços de Educação / Furlani Carlucci Fabiana – 2024. 171f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de São Carlos, campus Sorocaba, Sorocaba
Orientador (a): Profa. Dra. Cláudia Regina Lahni
Banca Examinadora: Profa. Dra. Cláudia Regina Lahni, Profa. Dra. Viviane Melo de Mendonça, Profa. Dra. Aline Silva Corrêa Maia Lima
Bibliografia

1. Arte na Educomunicação. 2. Juventude e Pandemia. 3. Perspectiva Feminista de Pesquisa. I. Fabiana, Furlani Carlucci. II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática (Sin)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Maria Aparecida de Lourdes Mariano - CRB/8 6979



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Ciências Humanas e Biológicas
Programa de Pós-Graduação em Estudos da Condição Humana

Relatório de Defesa de Dissertação

Candidata: Fabiana Furlani Carlucci

Aos 07/02/2024, às 14:00, realizou-se na Universidade Federal de São Carlos, nas formas e termos do Regimento Interno do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Condição Humana, a defesa de dissertação de mestrado sob o título: ARTE NA EDUCOMUNICAÇÃO, COMO POTENCIALIDADE DE JOVENS EM ESPAÇOS DE EDUCAÇÃO, apresentada pela candidata Fabiana Furlani Carlucci. Ao final dos trabalhos, a banca examinadora reuniu-se em sessão reservada para o julgamento, tendo os membros chegado ao seguinte resultado:

| Participantes da Banca | Função | Instituição | Conceito | Resultado Final |
|--------------------------------------|------------|-----------------|--------------|-----------------|
| Profa. Dra. Cláudia Regina Lahni | Presidente | UFJF | <u> A </u> | aprovada |
| Profa. Dra. Aline Maia | Titular | Estácio-Juiz de | <u> A </u> | |
| Profa. Dra. Viviane Melo de Mendonça | Titular | Fora UFSCar | <u> A </u> | |

Parecer da Comissão Julgadora*:

A banca considerou o trabalho de excelência e indica para publicação.

Encerrada a sessão reservada, a presidenta informou ao público presente o resultado. Nada mais havendo a tratar, a sessão foi encerrada e, para constar, eu, Claudia Regina Lahni, representante do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Condição Humana, lavrei o presente relatório, assinado por mim e pelos membros da banca examinadora.

Profa. Dra. Cláudia Regina Lahni

Representante do PPG: Claudia Regina Lahni

Profa. Dra. Aline Maia

Profa. Dra. Viviane Melo de Mendonça

Certifico que a defesa realizou-se com a participação à distância do(s) membro(s) Aline Maia e, depois das arguições e deliberações realizadas, o(s) participante(s) à distância está(ão) de acordo com o conteúdo do parecer da banca examinadora redigido neste relatório de defesa.



Documento assinado digitalmente
CLAUDIA REGINA LAHNI
Data: 22/02/2024 09:46:58-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Profa. Dra. Cláudia Regina Lahni

(x) Não houve alteração no título () Houve alteração no título. O novo título passa a

ser:

Observações:

- a) Se o candidato for reprovado por algum dos membros, o preenchimento do parecer é obrigatório.
b) Para gozar dos direitos do título de Mestre ou Doutor em Estudos da Condição Humana, o candidato ainda precisa ter sua dissertação ou tese homologada pelo Conselho de Pós-Graduação da UFSCar.

Fim e Começo

“Depois de cada guerra
alguém tem que fazer a faxina.
Colocar uma certa ordem
que afinal não se faz sozinha.

Alguém tem que jogar o entulho
para o lado da estrada
para que possam passar
os carros carregando os corpos.

Alguém tem que se atolar
no lodo e nas cinzas
em molas de sofás
em cacos de vidro
e em trapos ensanguentados.

Alguém tem que arrastar a viga
para apoiar a parede,
pôr a porta nos caixilhos,
envidraçar a janela.

A cena não rende foto
e leva anos.

E todas as câmeras já debandaram
para outra guerra.

As pontes têm que ser refeitas,
e também as estações.
De tanto arregaçá-las,
as mangas ficarão em farrapos.

Alguém de vassoura na mão
ainda recorda como foi.

Alguém escuta
meneando a cabeça que se safou.

Mas ao seu redor
já começam a rondar
os que acham tudo muito chato.

Às vezes alguém desenterra
de sob um arbusto
velhos argumentos enferrujados
e os arrasta para o lixão.

Os que sabiam
o que aqui se passou
devem dar lugar àqueles
que pouco sabem.
Ou menos que pouco.
E por fim nada mais que nada.

Na relva que cobriu as causas e os efeitos
alguém deve se deitar
com um capim entre os dentes
e namorar as nuvens.”

(Wisława Szymborska)

Apresentação

Wisława Szymborska, poetisa polonesa nascida em 1923, vivenciou fortemente o período entreguerras. Este seu poema, resume de forma contundente para nós, o que foi a pandemia da Covid-19 e a subsequente reconfiguração de tantos aspectos da vida. Ele aborda traumas, feridas, memórias e rupturas, destacando como é crucial, especialmente em tempos como este, ressignificar a realidade para que possamos seguir adiante. Iniciar nossa dissertação com uma linguagem que descreva simbolicamente o significado desta pesquisa nos coloca em contato com a interface da arte, educação e comunicação, elementos fundamentais no campo de estudo deste programa de pós-graduação.

Este trabalho nasce em paralelo à minha trajetória de vida.

Certo dia, uma professora deste programa mencionou que, na ciência, a pergunta fundamental é única, mas ela se expande, criando vertentes, raízes e se amplia à medida que avançamos em nosso entendimento. Concordo plenamente.

Minha primeira formação, por exemplo, é como atriz. No teatro, aprendi outras funções, como a de produtora cultural e diretora teatral. Posteriormente, graduei-me em cinema e audiovisual e, por último, obtive licenciatura em artes visuais. Em minhas incursões por esses lugares, sempre tive a certeza da paixão que fazia com que todas essas áreas se encontrassem e conversassem naquilo que fazia sentido para mim: a educação. Por mais que trilhasse outros caminhos, a educação sempre aparecia, primeiro dentro daquilo que chamamos de educação não formal e depois, mais tarde, vivenciando de fato o "chão da escola".

Um olhar mais acentuado para a relação entre arte-educação e educomunicação começou a surgir durante a licenciatura em artes visuais, concluída durante o período de pandemia. Isso culminou no projeto que chamei de *Experimente Oficina (2020)*, conduzido de maneira virtual, com alunos/as e ex-alunos/as, em sua maioria, com o objetivo de unir essas linguagens e entender novas formas de interação a partir do distanciamento social.

Em 2022, também de maneira virtual, tive o privilégio de iniciar este estudo apresentado no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos da Condição Humana (PPGECH), na UFSCar-So, e de verticalizar essa escolha. Minha busca não se direciona para a hiperespecialização em uma área, mas sim para um olhar da inter-relação e da experiência prática positiva ao fazer essas conexões.

Esta dissertação representa a visão de uma mulher em constante evolução, construindo-se e reconstruindo-se diariamente, compartilhando experiências em uma área que, sem dúvida, continuará a desvendar novas perspectivas epistemológicas e a promover inúmeras práticas

enriquecedoras no contexto da cidadania ativa e de uma educação emancipadora para todas as pessoas.

Agradecimentos

À minha companheira de vida, de jornada, de afetos, risos, arte e respiro, Débora. A ela, que me faz acordar todos os dias disposta a mudar o mundo, nem que seja a partir do nosso quintal. Amor incondicional desta e de todas as outras vidas. Te amo e agradeço ao universo e deusas, sempre.

Ao meu filho canino Bruno, que nos prova todos os dias a capacidade da transformação através do amor. Um amor infinito resgatado de lugares infelizes.

A minha amada mãe, Rosemaria, que me incentivou desde sempre em todas as escolhas da vida. E que nunca deixou faltar acolhimento, colo e carinho.

À minha irmã Fabíola e meus sobrinhos Rafael e Livia, que fortalecem minha caminhada. Que invadem minha alma de doçura.

A memória de meu pai, Celso Bergamini Carlucci, grande entusiasta de tudo o que fiz. O cara que deixou a régua do ser masculino em minha vida num lugar quase inalcançável, por sua cultura, educação e gentileza, sobretudo.

Aos meus alunos/as, ex-alunos/as que diariamente me contam sobre minhas escolhas. Sobre a crença num lugar que é esperar.

À minha orientadora Cláudia Lahni e sua companheira Daniela Auad, ao grupo de pesquisa Flores Raras, assim como todas as mulheres que resistem, insistem e fazem da ciência um lugar político e justo!

E por fim, aos meus amigos e amigas, que sabem quem são, por quem nutro amor incondicional.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Evoé, Saravá, Axé!

Resumo

O fechamento das instituições de ensino como medida de contenção da pandemia de Covid-19 teve um impacto significativo na vida de milhões de crianças e adolescentes, gerando um conjunto de desafios que afetaram profundamente seu bem-estar e qualidade de vida. Este contexto trouxe consigo sentimentos de medo, incerteza e ansiedade, entre outros aspectos emocionais e psicológicos que merecem atenção. Diante dessas mudanças profundas no cenário educacional global, algumas educadoras e educadores puderam explorar práticas educomunicativas, como uma ferramenta essencial no contexto do ensino remoto ou híbrido. Esta pesquisa tem como objetivo investigar na interface entre comunicação, educação e arte, como o uso do audiovisual pode contribuir para a potencialidade de jovens em espaços de educação formal e não formal. Para tanto, recorreremos, como parte do processo metodológico, a uma breve revisão do estado da arte em Anais de Congressos de entidades Científicas, bem como a realização de entrevistas semiestruturadas. Estas entrevistas foram realizadas com jovens que participaram da *Experimente Oficina (2020)*, iniciativa que surgiu como resposta à interrupção das aulas presenciais devido à pandemia. Considerando os profundos impactos da pandemia na educação, esta pesquisa adota uma abordagem interdisciplinar, com inspiração na pesquisa participante, e incorpora uma perspectiva feminista de pesquisa. Acreditamos que os resultados deste estudo podem contribuir para o conhecimento acumulado sobre educomunicação, arte-educação e juventude. Também avaliamos que este trabalho pode fortalecer, de maneira significativa, a formação e exercício da cidadania ativa de adolescentes, assim como promover uma educação emancipadora para todas as pessoas. A partir do aporte teórico e da escrita desta dissertação, buscamos ainda, e de modo especial, a valorização das mulheres na Ciência.

Palavras-chave: Educomunicação; Arte; Cidadania; Juventude e Pandemia.

Abstract

The closure of educational institutions as a measure to contain the Covid-19 pandemic had a significant impact on the lives of millions of children and adolescents, generating a set of challenges that deeply affected their well-being and quality of life. This context brought with it feelings of fear, uncertainty, and anxiety, among other emotional and psychological aspects that deserve attention. Faced with these profound changes in the global educational landscape, some educators were able to explore educommunicative practices as an essential tool in the context of remote or hybrid teaching. This research aims to investigate at the intersection of communication, education, and art how the use of audiovisual materials can contribute to the potential of young people in both formal and non-formal educational spaces. To do so, as part of the methodological process, we conducted a brief review of the state of the art in the Proceedings of Scientific Congresses, as well as semi-structured interviews. These interviews were carried out with young individuals who participated in the Experiment Workshop, an initiative that emerged in response to the interruption of in-person classes due to the pandemic. Considering the profound impacts of the pandemic on education, this research adopts an interdisciplinary approach, drawing inspiration from participatory research and incorporating a feminist research perspective. We believe that the results of this study can contribute to the accumulated knowledge about educommunication, art education, and youth. We also assess that this work can significantly strengthen the formation and exercise of active citizenship for adolescents, as well as promote an emancipatory education for all individuals. Through the

theoretical framework and writing of this dissertation, we also seek, in a special way, to highlight the role of women in science.

Keywords: Educommunication; Art; Citizenship; Youth and Pandemic.

SUMÁRIO

| | |
|---|------------|
| 1. Introdução | 13 |
| 2. Os Primeiros Lampejos de nossa Investigação | 21 |
| 2.1 A Condição Humana e a Covid-19 | 23 |
| 2.2 A Pandemia em Números e Impactos na Educação | 30 |
| 2.3 Cidadania e Condição Humana na Atualidade..... | 36 |
| 3. Interdisciplinaridade, na interface da Arte, Comunicação e Educação..... | 41 |
| 3.1 Um possível Percurso Educomunicativo na Arte-Educação..... | 46 |
| 3.2 Então, Educomunicação..... | 50 |
| 3.3 Um Breve Estado da Arte..... | 56 |
| 3.4 Pesquisa Participante..... | 61 |
| 3.5 Pesquisa numa perspectiva feminista..... | 62 |
| 4. Experiências em prol da Juventude, na Pandemia (Pesquisa Participante e seu desenvolvimento)..... | 65 |
| 4.1 Experimente Oficina..... | 69 |
| 4.2 Transcrição de Entrevista na Íntegra..... | 74 |
| 4.3 Comentários..... | 87 |
| 5. Considerações Finais..... | 94 |
| Referências..... | 98 |
| Anexos..... | 102 |

1. INTRODUÇÃO

No fim de dezembro de 2019, a Organização Mundial da Saúde (OMS) foi alertada sobre vários casos de pneumonia na cidade de Wuhan, província de Hubei, na República Popular da China. Tratava-se de uma nova cepa (tipo) de coronavírus que não havia sido identificada antes em seres humanos. Uma semana depois, o novo coronavírus já circulava por toda parte do mundo. Em 11 de março de 2020, a Covid-19 foi caracterizada pela OMS como uma pandemia.¹

Segundo a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), o fechamento das instituições de Ensino, como iniciativa para a contenção de casos da Covid-19, retirou milhões de crianças e adolescentes das escolas.² Instituições fechadas, exames, provas adiadas e suspensão da conclusão de ciclos ou períodos escolares causaram uma interrupção nas rotinas, e o confinamento nas casas gerou em adolescentes medo, incertezas, ansiedades e vários outros aspectos que afetaram e continua a afetar seu bem-estar e qualidade de vida, em função, especialmente, do distanciamento social.

A OMS apoiou e conduziu pesquisas sobre vários aspectos da pandemia, incluindo a origem do vírus e estudos epidemiológicos. Após três anos e mais de sete milhões de mortes, a Organização declarou, dia cinco de maio de 2023, o fim da Covid-19 como emergência em saúde pública de importância internacional. O status de pandemia, entretanto, não se alterou, já que o vírus se mantém disseminado globalmente.³

Parece ser unânime entre especialistas, a opinião de que o grande fator por trás da melhora na situação sanitária é a campanha de vacinação histórica, que alcançou mais de 5,5 bilhões de pessoas no planeta com ao menos uma dose em pouco mais de dois anos – cerca de 70% da população mundial. Tem-se ainda o vírus circulando, causando doenças e mortes, mas graças à vacinação, conseguimos diminuir o risco.

¹ **Histórico da pandemia de COVID-19.** Disponível em: <<https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>>. Acesso em: 12 jun. 2023.

² **Aprendizagem Nunca Para: Resposta da educação frente à COVID-19.** Disponível em: <<https://pt.unesco.org/covid19/educationresponse/globalcoalition>>. Acesso em: 12 jun. 2023.

³ **Covid-19: fim da emergência não altera status de pandemia.** Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2023-05/covid-19-fim-da-emergencia-nao-altera-status-de-pandemia>>. Acesso em: 12 jun. 2023.

Com isso, a OMS afirma que é pertinente continuarmos atentos para não sermos surpreendidos.⁴

Ainda que o Brasil tenha tido uma forte campanha de vacinação contra a Covid-19, a ausência de medidas de combate à doença marcou os três anos de pandemia no país. Não à toa, o Brasil é o segundo país com mais mortes totais, que ultrapassam 700 mil, e está entre os dez primeiros com maiores taxas de óbitos por milhão de habitantes, considerando nações com pelo menos 10 milhões de pessoas, segundo matéria citada acima.

Além da elevação dos níveis de cobertura vacinal, outro grande desafio para mantermos a conjuntura atual é o combate à desinformação em todos os níveis. A falta de informação não afetou apenas a saúde. Ela se proliferou, provocando injustiça social em escala industrial, através do capitalismo digital, cada vez mais enredado nas redes políticas e econômicas. Não podemos esquecer que, em consequência dos horrores do desgoverno brasileiro dos anos de 2019-2022, pautado na desinformação, no negacionismo e atos antidemocráticos, o país chegou a registrar em abril de 2021, mais de quatro mil mortes por dia, além de tornar-se exemplo negativo no combate à pandemia.⁵

É sabido que grande parcela da população brasileira é afetada com a extirpação de direitos como a educação e a informação, cujo estabelecimento é previsto na Constituição. Nesse sentido, já no âmbito da educação, considera-se que com a pandemia da Covid-19 muitas atividades surgiram na prática pedagógica escolar, na tentativa de minimizar os danos a estudantes. Com isso, o ensino remoto emergencial passou a conduzir os percursos educativos, e o diálogo entre a comunicação e a educação tornou-se primordial. Desse modo, a importância dessa interface para mediar os novos processos de aprendizagem ficou ainda mais evidente, já que professoras e professores foram desafiados a inovar suas práticas, tendo diferentes recursos como subjetificação em suas dinâmicas.

⁴ **Covid:** após OMS declarar fim da emergência, especialistas falam sobre a nova realidade da infecção. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/saude/noticia/2023/05/covid-apos-oms-declarar-fim-da-emergencia-especialistas-falam-sobre-a-nova-realidade-da-infeccao.ghtml>>. Acesso em: 12 jun. 2023.

⁵ **Brasil bate marca de 4 mil mortes por Covid registradas em um dia pela 1ª vez e soma 337,6 mil na pandemia.** Disponível em: <<https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2021/04/06/brasil-bate-marca-de-4-mil-mortes-por-covid-registrados-em-um-dia-e-soma-3376-mil-na-pandemia.ghtml>>. Acesso em: 12 jun. 2023.

Por meio de algumas pesquisas realizadas nesse período, através de entidades científicas e/ou outros meios de comunicação, é possível constatar que educadoras e educadores que puderam explorar algum tipo de repertório tecnológico, se conectando com essa possibilidade dentro do ensino remoto ou híbrido, e usaram por exemplo o audiovisual como ferramenta de trabalho, experimentaram uma possível potencialidade no ensino-aprendizagem. Por outro lado, essas mesmas pesquisas revelam que muitos/as profissionais da educação se viram impedidos/as de propor estratégias remotas, visto que parte dos/as alunos/as não possuía sequer aparelho móvel ou conexão à Internet, deflagrando ainda mais a disparidade socioeconômica de nosso país, acentuada pela pandemia.

Antes mesmo desse período, já era amplamente reconhecido que o Brasil enfrentava desafios no campo da educação, visando reverter os baixos índices de aprendizagem escolar e superar as profundas desigualdades educacionais. Com a chegada da pandemia, a situação se agravou ainda mais. A duração do fechamento das escolas variou consideravelmente entre os países, e o Brasil se destacou como um dos que passaram mais tempo com suas escolas fechadas. Além disso, o país enfrentou sérias limitações na implementação do ensino remoto devido à falta de conectividade digital adequada em muitas de suas escolas públicas. Isso teve um impacto significativo nas oportunidades de aprendizado de alunos/as, tornando o Brasil um dos países mais afetados em termos de aprendizagem escolar durante esse período desafiador (Dias, Ramos, 2022, p.859-862).⁶

Segundo pesquisa realizada em dezembro de 2022 pela Associação Civil sem fins lucrativos *Dados para um Debate Democrático na Educação (D³e)*,⁷ os alunos e alunas de nível socioeconômico mais baixo apresentaram perdas de aprendizagem mais acentuadas. No Brasil, estudos como o proposto pela D³e identificaram que esses/as alunos/as aprenderam a metade do que seus pares menos vulneráveis em 2020. Durante a crise sanitária, os/as estudantes mais pobres e com pais menos escolarizados, provavelmente foram mais prejudicados no acesso e na capacidade de usar a tecnologia

⁶ Dias, Érika, & Ramos, Mozart Neves. (2022). A Educação e os impactos da Covid-19 nas aprendizagens escolares. *Ensaio*, 30(117), 859–870. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ensaio/a/LTWGK6r8n6LSPPLRjvFL9qs/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 3 out. 2023.

⁷ TÉCNICA, N. **Impactos da pandemia na educação brasileira**. Disponível em: <https://d3e.com.br/wpcontent/uploads/nota_tecnica_2212_impactos_pandemia_educacao_brasileira.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2023.

para o aprendizado no formato remoto. A qualidade do seu ambiente de aprendizagem em casa e o apoio que receberam de professores/as e pais, além da falta de espaço adequado e favorável dentro de suas casas para que estudassem autonomamente também impactaram a aprendizagem deste grupo. Esse impacto diferencial foi possivelmente maior no Brasil do que o reportado nos estudos internacionais em países desenvolvidos, reforçando assim a necessidade de ações de recuperação da educação e o papel central da escola, em especial da escola pública, na promoção de mais oportunidades para estudantes em situação de maior vulnerabilidade social (D³e, 2022, p. 4).

Também para fins de registro histórico, é importante destacar que a pandemia trouxe à tona a necessidade de debates mais profundos sobre a integração das novas tecnologias e métodos de aprendizagem, bem como o aprimoramento das habilidades humanas para enfrentar essas mudanças. Esses recursos demandam não apenas competência técnica e capacitação, mas, acima de tudo, a aplicação de conceitos fundamentados em nossa visão de uma sociedade mais justa, onde os princípios de cidadania e equidade sejam efetivamente colocados em prática.

Comunicação e Educação

Maria Aparecida Baccega (1943-2020), autora, professora doutora e livre docente, que atuou durante 25 anos na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), pesquisadora da linguagem e de análise do discurso, coloca que a forte presença da mídia em nossa cultura, cuja discussão tradicional se apresenta formulada na questão: “Devemos ou não usar os meios no processo educacional ou procurar estratégias de educação para os meios?”, já não se aplica. Baccega (2011) já nos alertava que, a questão é constatar que os meios também são educadores, como uma outra agência de socialização, e que por eles também passa a construção da cidadania, “No sentido em que a escola já não é mais o único ‘lugar do saber’, temos que entender que modalidade de mídia queremos para pavimentar as mudanças sociais para a construção da efetiva cidadania” (Baccega, 2011, p.32). Ainda, a mesma ressalta que,

Por isso, comunicação/educação inclui, mas não se resume a educação para os meios, leitura crítica dos meios, uso da tecnologia em sala de aula, formação do professor para o trato com os meios etc. Tem, sobretudo, o objetivo de construir a cidadania, a partir do mundo editado devidamente conhecido e criticado. Nesse campo cabem: do território digital à arte-educação, do meio ambiente à

educação a distância, entre muitos outros tópicos, sem esquecer os vários suportes, as várias linguagens - televisão, rádio, teatro, cinema, jornal, cibercultura etc. Tudo percorrido com olhos de congregação das agências de formação: a escola e os meios, voltados sempre para a construção de uma nova variável histórica (Baccega, 2011, p.32).

Seguindo esta linha de discussão, observamos que a escola desenvolve papel central na formação de estudantes, garantindo acesso aos conhecimentos historicamente sistematizados, acompanhando todos os estágios da evolução humana, desde um modelo mais informal em sua origem, até a educação dos tempos atuais. Assim sendo, essa antiga instituição não deve ser avaliada como ambiente independente, mas sim um espaço onde a diversidade, os direitos humanos, a pluralidade, a dignidade façam parte do conjunto de fatores que possibilitem a expressão do indivíduo em sua completude. A educação, como direito de todas as pessoas, trabalha na formação de sujeitos múltiplos, capazes de lidar com problemas universais.

Para Olga Pombo (2003), teórica portuguesa, doutora em História e Filosofia da Educação, a função da escola na educação é apenas auxiliar, e não tomar toda a responsabilidade do desenvolvimento social de um/a aluno/a. Partindo dessa premissa, de que a educação vai muito além dos espaços físicos delimitados pelos muros escolares e salas de aula, Pombo diferencia o termo “educação” da expressão “ensino”. Ela menciona que: “A primeira (educação) diz respeito à disciplinarização das vontades e dos desejos, já o segundo (ensino), à inscrição das novas gerações no patrimônio comum dos saberes que fomos inventando” (Pombo, 2003, p. 18-19).

Em diálogo com as ideias de Pombo (2003) e de muitas outras pensadoras na área, também devemos considerar a importância dos ambientes que fazem parte da educação a partir de uma perspectiva não formal. De maneira geral, a educação formal é caracterizada por sua estrutura, institucionalização e, geralmente, segue um currículo e um sistema de certificação rígidos, enquanto a educação não formal é mais flexível e adaptável, podendo ser direcionada para objetivos específicos ou necessidades práticas. Ambas desempenham papéis significativos na aprendizagem ao longo da vida e no desenvolvimento pessoal e profissional das pessoas.

Para Maria da Glória Gohn, doutora em Ciência Política pela Universidade de São Paulo:

Em síntese, a educação não formal é uma ferramenta importante no processo de formação e construção da cidadania das pessoas, em qualquer nível social ou de escolaridade, destacando, entretanto, sua relevância no campo da juventude. Pelo fato de ser menos estruturada

e mais flexível, consegue atingir a atenção e o imaginário dos jovens. Ela possibilita ganhos civilizacionais — a inclusão social, o combate ao preconceito. Quando é acionada em processos sociais desenvolvidos em comunidades carentes socioeconomicamente, ela possibilita processos de inclusão social via o resgate da riqueza cultural daquelas pessoas, expressa na diversidade de práticas, valores e experiências anteriores. Quando presente na fase de escolarização básica de crianças, jovens/ adolescentes ou adultos, como pode ser observado em vários movimentos e projetos sociais citados, ela potencializa o processo de aprendizagem, complementando-o com outras dimensões que não têm espaço nas estruturas curriculares. Ela não substitui a escola, não é mero coadjuvante para simplesmente ocupar os alunos fora do período escolar. A educação não formal tem seu próprio espaço-formar cidadão, em qualquer idade, classe socioeconômica, etnia, sexo, nacionalidade, religião etc., para o mundo da vida. Ela tem condições de unir cultura e política (aquí entendidas como *modus vivendis*, conjunto de valores e formas de representações), dando elementos para uma nova cultura política (Gohn, 2020, p. 13).

As categorias que envolvem tais termos seguem sendo estudadas, transformadas, contextualizadas e recontextualizadas conforme sua época, costumes, interesses político-econômicos, e assim por diante. Ainda, para nos voltarmos ao nosso sujeito de pesquisa nesta dissertação, no atual cenário, precisamos entender que quando refletimos sobre questões que dizem respeito à educação e à adolescência/juventude, quase sempre chegamos a um denominador comum que é: na socialização escolar, adolescentes/jovens reconhecem suas referências nos pares, localizam os tais ídolos ou adultos espelhos, desvendam sua sexualidade, se distanciam da relação parental para se aproximar de si mesmo. Essas interações sociais em ambientes educacionais promovem a compreensão de identidade e cidadania em crianças e adolescentes (Dias, 2016, p. 43).

Nossos Sujeitos e a Pandemia

A adolescência é um período do desenvolvimento marcado por transformações biológicas, psicológicas e sociais. As características desse momento são complexas, e múltiplas abordagens procuram responder como definir esse período do ciclo vital situado entre a infância e a idade adulta. Todavia, num contexto pandêmico, onde o isolamento foi adotado como medida necessária para o controle da contaminação, não foi possível manter hábitos até então considerados saudáveis a esses/as jovens. Esse rompimento significou uma grande mudança no desenvolvimento complexo deste organismo, no sentido de enxergar como o/a jovem passou a ser envolvido/a em seu contexto social.

De repente, a escola, assim como outros espaços de interação, que sempre foram o ambiente ideal para que muitas descobertas pessoais ou vivências socializadoras e plurais pudessem acontecer, ficaram diferentes, seguindo protocolos sanitários que transformaram abruptamente a relação desses/as adolescentes. Então, para além das questões socioemocionais que permeiam as vidas desses sujeitos na pandemia, quais são os lugares que podemos e devemos trazer à luz, nessa formação integral de indivíduos vivendo um novo tempo presente?

Esta dissertação que aqui se apresenta buscou investigar no campo da interdisciplinaridade, na interface entre comunicação, educação e arte, de que maneira a utilização do audiovisual tem colaborado com a potencialidade de jovens em práticas educacionais formais e não formais, na contemporaneidade. A partir dela, trazemos reflexão sobre outras possibilidades práticas educomunicativas, junto a produções artísticas, para que haja um auxiliar na formação e exercício de cidadania, e emancipação humana.

Para tanto, tivemos como parte do processo metodológico um breve ‘estado da arte’ em Anais do Congresso Nacional da Intercom (Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação), e na Anped (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação), nos Grupos de Trabalho “Comunicação e Educação” e “Educação e Comunicação”, respectivamente. Destacamos, naquilo que foi contemplado em nossos primeiros movimentos de pesquisa, o ambiente da arte e educomunicação no Brasil e como ele tem sido vivenciado pelas juventudes. Foram também verificadas a autoria, os temas e os aportes teóricos dos mesmos. A escolha dos anos e grupos de pesquisa se deu como recorte para melhor compreensão de nosso objeto de estudo.

Num segundo momento, foi realizada uma pesquisa com abordagem qualitativa, com inspiração na pesquisa participante, a partir de entrevistas semiestruturadas com jovens de classe média que tinham de 11 a 21 anos no momento que foi decretada a pandemia da Covid-19, participantes da *Experimente Oficina (2020)*, curso ministrado pela pesquisadora a partir da interrupção das aulas presenciais.

Como contribuição e valorização da mulher na Ciência, adotamos uma perspectiva feminista de pesquisa, buscando um outro ponto de vista diferente daquele quase sempre ancorado num sistema hegemônico, branco, eurocêntrico e patriarcal. Como aporte teórico, debruçamo-nos em obras de autoras, clássicas e contemporâneas,

que entendem educação, comunicação e arte como papel fundamental e estratégico, visando à cidadania ativa e democrática de todas as pessoas.

Partindo da experiência feminina, do uso de análises e de linguagens não sexistas, da emancipação de grupos oprimidos, em especial das mulheres, essa pesquisa se evidencia com real preocupação com o lugar da investigadora na relação com os/as participantes, assim como o seu impacto, considerando os/as participantes especialistas das suas próprias experiências.

“Então a questão do protesto e a arte são inseparáveis pra mim. Eu não posso dizer que ela é também/ou uma proposta. Arte pelo bem da arte não existe de verdade pra mim, nunca existiu. O que eu via era errado e eu precisava me manifestar sobre. Eu amava poesia e amava palavras. Mas o que é bonito precisava servir ao propósito de mudar minha vida, ou então estaria morto. Se eu não posso expor essa dor e mudá-la, então morrerei dela. E esse foi o início do meu próprio protesto” (Audre Lorde, 2019).

Acreditamos que esta abordagem e escolha metodológica, permite retratar a experiência única destes sujeitos, de acordo com o ponto de vista sobre suas vivências e necessidades, além de explorar uma observação que sirva de análise para futuras pesquisas que contemplem essa interface.

A predileção pelo objeto e sujeito se dá no envolvimento da mestrandia com os grupos investigados, mantendo-se há quase duas décadas na vivência do “chão” de escola como arte-educadora, dando aulas de teatro para o ensino fundamental I, II e ensino médio, além de algumas eletivas no campo da arte-educação e comunicação pensadas a partir de sua experiência profissional. Como cineasta, atriz, diretora e produtora cultural, também dedicou grande parte de suas produções às juventudes, pesquisando linguagens e intervenções, dedicadas às temáticas desse universo.

Para a participação na pesquisa, o/a responsável assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e o/a adolescente, quando menor, o Termo de Assentimento, de acordo com a resolução 466/12. Este projeto também foi aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade Federal de São Carlos/UFSCar em 23/01/2023, através da Plataforma Brasil, tendo como número do parecer: 5.861.165.

2. OS PRIMEIROS LAMPEJOS DE NOSSA INVESTIGAÇÃO

“De tudo que existe, nada é tão estranho como as relações humanas, pensou ela, com suas mudanças, sua extraordinária irracionalidade.”(Virginia Woolf)

O programa de pós-graduação em Estudos da Condição Humana na Contemporaneidade da UFSCar-So/PPGECH tem como missão a produção e disseminação do conhecimento científico, bem como a formação de pesquisadores/as, educadores/as, gestores/as e profissionais capazes de abordar os complexos desafios da sociedade contemporânea de forma interdisciplinar. Além disso, o programa explora a descrição da condição humana, considerando desejos, subjetividade, identidades sociais, políticas e linguagem, permitindo a manifestação da humanidade em sua contingência histórica⁸.

Nesse diálogo direto com a condição humana, o conceito de cidadania para Maria de Lourdes Manzini Covre (2001), socióloga, pesquisadora e livre docente pela Universidade de São Paulo (USP), aparece como categoria dependente da ação dos sujeitos e dos grupos básicos em conflito, assim como das condições globais da sociedade. Desta forma, a autora explica que, no decorrer da história tivemos em nossos modelos de desenvolvimento posturas que ora enfatizaram o sujeito, ora as estruturas e seus mecanismos como agentes. Contudo, tal categoria permite avançar no pressuposto dialético marxista, que diz que os seres humanos fazem História segundo determinadas circunstâncias estruturais, ou seja, nem só o sujeito, nem só a estrutura (Manzini-Covre, 2001, p. 63).

Nesse pensamento reside a possibilidade de fazer a ligação entre os desejos e as necessidades humanas, enquanto indivíduos (subjetividades), e sujeitos grupais (no bairro, nas fábricas, nos sindicatos, nos partidos etc.), até chegar ao âmbito global da sociedade. Compreendemos, nessa relação que a autora nos traz, que no exercício de cidadania nos tornamos humanos. É por meio de nossas ações que o mundo se movimenta. Assim sendo, quanto à subjetividade humana, reflete que a construção de

⁸ PPGECH. Disponível em: <https://www.ppgech.ufscar.br/pt-br/o-programa/apresentacao>. Acesso em 12 jun. 2023.

uma sociedade melhor passa pela revolução nas subjetividades das pessoas, podendo esta ser um rompimento com as trevas da alienação (Manzini-Covre, 2001, p. 64).

Embora saibamos que esse rompimento, ou revolução interna, não seja tarefa fácil, é por meio dele que podemos encontrar caminhos possíveis para percepção do nosso Eu no Universo, trazendo à tona nossas subjetividades para nos expressarmos, criando identidade e, conseqüentemente, ação para lidar com o mundo e, melhor assim, organizá-lo. É nessa perspectiva que também entramos em contato com a área do desejo, visto que “É o desejo que motiva o ser humano a agir dessa ou daquela forma, como expressão do próprio fluxo da vida” (Manzini-Covre, 2001, p. 64-65).

No resgate de sujeitos desejanter existe a expressão primeira de sujeito-cidadão. É nessa revolução individual que cada pessoa ou grupo pode elaborar sua forma de viver. Portanto, uma educação para a cidadania deve ser possível facilitadora de revoluções internas em indivíduos, que então tornam-se conscientes de seus direitos e preparados para lutar por eles. A autora coloca alguns lugares onde esse exercício é possível, um deles é a arte. Assim como ela, nós acreditamos que a arte, além da educação, da comunicação e tantas outras coisas, seja um caminho para essa revolução e, conseqüentemente, se torne ação.

Imbuídas da importância do conhecimento da condição humana para o direito e sua relação com a noção de cidadania, tecemos as linhas que constroem nossa dissertação em sua interface. Nos três itens dentro desse capítulo: "A Condição Humana e a Pandemia da Covid-19," "A Pandemia em Números e Impactos na Educação e Cidadania," e "Cidadania e Condição Humana na Atualidade," trataremos de como o sistema neoliberal capitalista nos conduz para uma sociedade heteronormativa e racializada de maneira exponencial. Através da pandemia, vimos e vivenciamos latentemente todas as searas daquilo que é público sendo privilegiado em serviços privados: a saúde, a educação, a comunicação, a arte e tantos outros direitos fundamentais, previstos na Constituição, agentes transformadores dessa revolução das subjetividades humanas, num sentido singular e plural.

Para isso, discutiremos a seguir como esse contexto atual nos coloca em situações desafiadoras, usando conceitos discutidos por autoras clássicas e contemporâneas que demonstram maestria em suas áreas. Além disso, essas autoras reconhecem a necessidade de subverter e reformular o sistema existente quando se trata de gênero, questões étnico-raciais e socioeconômicas, a fim de promover o exercício e respeito à dignidade humana e fomentar a solidariedade.

2.1 A Condição Humana e a pandemia da Covid-19

Hannah Arendt (1906-1975), filósofa e teórica política contemporânea, judia, nascida na Alemanha, abre seu livro “A Condição Humana” dizendo que, condição humana não é a mesma coisa que natureza humana.

Segundo Arendt (2020), a condição humana diz respeito às formas de vida que a humanidade impõe a si mesma para sobreviver, e que essas tendem a suprir sua existência, ou seja, elas variam de acordo com o lugar e o momento histórico do qual a pessoa faz parte. Todas nós, nesse sentido, somos condicionadas, até mesmo ao condicionar o comportamento de outras pessoas. Isso acontece através dos nossos próprios atos, ou pelo contexto histórico que vivemos (Arendt, 2020, p. 6).

Arendt (2020) também sistematiza a condição humana em três aspectos: labor, trabalho e ação. Labor como processo biológico necessário para a sobrevivência do indivíduo e da espécie humana. Trabalho como atividade de transformar coisas naturais em coisas artificiais, não sendo essa categoria, essência, e sim uma atividade que a humanidade impôs à sua própria espécie, resultado de um processo cultural. E ação, como necessidade humana de viver entre seus semelhantes, já que sua natureza é eminentemente social. É na qualidade da ação, que a humanidade supõe seu caráter social, ou como escreve a autora, sua pluralidade, “A pluralidade é a condição da ação humana porque somos todos iguais, isto é, humanos, de um modo tal que ninguém jamais é igual a qualquer outro que viveu, vive ou viverá” (Arendt, 2020, p.10).

Em “Que mundo é este? Uma fenomenologia pandêmica”, Judith Butler (2022), também judia, nascida em 1956, filósofa, lésbica, mãe e autora de diversas obras que se somam aos estudos de gênero, diz que a pandemia nos trouxe uma oscilação entre mundos e mundos. Enquanto algumas pessoas insistem na intensificação de que tudo que há está errado no mundo, outras sugerem que a pandemia nos deslocou para um possível sentido de interconexão e interdependência globais.

A pandemia se distribui em ondas e surtos que se correlacionam, fenomenologicamente, à esperança e ao desespero. Não importa o quão localizados e diferenciados sejam os modos de registrá-la, para as pessoas ao redor do mundo, a pandemia continua a ser entendida como fenômeno, força, crise ou mesmo condição que se estende globalmente e que, pensada como condição do mundo presente, figura esse mundo (ou o entrega a nós) de maneiras bem específicas (Butler, 2022, p.36).

A pandemia da Covid-19 se estabeleceu e se relacionou com regiões do mundo de formas bastantes diferentes. Se pensarmos o Norte e Sul Global, com suas distâncias socioeconômicas e ações para as demandas que o vírus nos trouxe, logo alargamos essa discussão. Porém, independente dessas circunstâncias, nenhum corpo individual esteve antecipadamente imune.

Assim sendo, Butler nos propõe uma volta ao início antes de um passo adiante quando escreve que, “a suscetibilidade à doença é global e a vida humana tem sua relação imunológica com o mundo, é parte dele”. Ela nos lembra que somos relação muito antes de sermos indivíduo. Se caminhamos para uma endemia, ela também se tornará parte estável da própria textura e experiência humana, desencadeando um novo sentido de mundo. Ainda que o vírus se torne, de fato, endêmico, ele não erradicará a vulnerabilidade, porque o corpo humano nunca poderá se tornar impermeável ao exterior (Butler, 2022, p.37-38).

Assim sendo, se meu corpo se delimita quando toca outro corpo, se nascemos, vivemos e morremos em relação, tanto Arendt como Butler nos faz pensar que, mesmo num mundo plural cercado por diferenças e desigualdades, existe algo que nos une e nos constitui. Mas como pensarmos nessa unidade que diz respeito à vida humana na contemporaneidade, quando o abismo social ficou ainda mais evidente na pandemia? Como pensar nessa unidade, quando o que vivemos no momento de maior aflição da Covid-19 foram pensamentos individuais, discursos unilaterais de grandes nações que trataram de modo isolado uma crise societária universal? Como pensar, quando tivemos narrativas fortalecidas e apoiadas por parte da população, promovendo ações que desaguaram em múltiplas agendas reacionárias, atrapalhando uma coordenação unificada da crise? O que presenciamos foi, de repente, diante de uma tragédia mundial, de milhares de vidas perdidas, um vírus, evidenciando sem arestas, a grande disparidade produzida pelo sistema neoliberal capitalista.

Num contexto em que as relações sociais e as próprias identidades estão alicerçadas naquilo que se consome, onde tudo foi e é objeto de exploração, tudo passível de ser precificado, a pandemia, e todos os seus horrores, não deixou de ser mercadoria. A exemplo disso, tivemos a disputa pelo monopólio das vacinas, ou como no Brasil, casos de corrupção ligados a compra de medicamentos, ocorrendo inclusive uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) instaurada para apuração do caso. A criação da CPI das Vacinas foi motivada por preocupações e denúncias relacionadas à gestão da pandemia de COVID-19 no Brasil, incluindo a aquisição de vacinas, a

distribuição de recursos para estados e municípios e outras questões ligadas à resposta do governo à pandemia.

Como nos provoca Hannah Arendt, “A terra é a própria quintessência da condição humana”, é por meio da vida que o ser humano permanece ligado a todos os outros organismos vivos. Existe um grande número de investigações científicas que buscam tornar “artificial” também a vida, cortando o último laço que mantém esses seres entre filhos/filhas da natureza, a fim de produzir vidas humanas superiores. Uma verdadeira rebelião contra a existência humana tal como ela é, tem sido dada. O que era um dom gratuito, natural, passou a ser produzido. Portanto, não podemos duvidar da capacidade humana em realizar tal troca e destruir toda vida orgânica na terra. “Somos criaturas ligadas à Terra e nos pusemos a agir como se fôssemos habitantes do universo” (Arendt, 2020).

No processo da pandemia da Covid-19, surgiam novos bilionários exatamente no instante em que corpos eram enterrados sem direito sequer a um adeus. Empresas farmacêuticas aumentaram o valor de suas ações, na expectativa gerada de grandes lucros com a venda de vacinas. Enquanto isso, sacos pretos empilhavam restos humanos em containers do lado de fora de hospitais. Essas empresas determinavam o preço das doses e também a distribuição dessas vacinas. À população em geral, sobretudo as mais desamparadas, sobrava e sobra, nessa crise sanitária e em todas as outras, continuar adoecendo física e psicologicamente, num modo de vida que coloca a produtividade acima do bem-estar individual e coletivo.

A colonização do planeta vermelho, por exemplo, já não é coisa só da ficção. Vejamos a corrida espacial dos bilionários. Um deles, em 2020 afirmou que mesmo com a Covid-19 tendo atrasado alguns programas públicos e privados, a pandemia não pareceu ser prejudicial para o investimento geral na indústria espacial, já que em grande parte, os gastos são geralmente feitos de negócio para negócio, ou para governo, perfil que se recupera mais rápido do que os negócios cujo consumidor final é o cliente⁹.

Não que não consideremos os avanços científicos e suas reverberações como alianças sociais primordiais para a humanidade, muito pelo contrário. Acreditamos tão absolutamente na ciência que fazemos dela parte fundamental de nossas vidas. Contudo,

⁹ **Por que Bezos, Musk e outros bilionários apostam na exploração do espaço?** Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/economia/por-que-bezos-musk-e-otros-bilionarios-apostam-na-exploracao-espacial/>>. Acesso em: 12 jun. 2023.

esses avanços não podem estar unicamente ligados a empresas que ditam as regras e financiam o sistema numa retroalimentação sem fim.

Que Mundo é esse?

Seguindo esta linha de raciocínio, “Que tipo de mundo é este em que algo assim pode acontecer!?”, questiona Butler. Ela constrói essa pergunta num contexto em que os efeitos de um regime que rotineiramente destrói as instituições democráticas existentes, acontece. A autora em questão, norte-americana, vive numa região submetida a alterações climáticas, cujos resultados são incêndios massivamente destrutivos. Numa região onde supremacistas brancos estão em ascensão, afetando diferentes populações após períodos de inatividade temporária. Tudo em meio a uma pandemia (Butler, 2022, p.43).

Logo em seguida à pergunta sugerida, a autora discorre que não é só o vírus que é novo, pois o mundo agora é desvelado de maneira diferente do que pensávamos, já que este é transformado pela emergência do vírus e seus efeitos. Embora o mundo tenha sido sempre um lugar em que pandemias podiam acontecer, o motivo para ficarmos alertas, é que sua versão atual não foi antecipada, impondo um novo grupo de constrangimentos (Butler, 2022, p. 43).

Então, quando nos perguntamos “que tipo de mundo é este em que uma pandemia assim pode ocorrer?”, o que notamos, segundo Butler, é um deslocamento, porque agora sabemos que o mundo pode ser um lugar assim. Pode não ser um novo mundo, um novo tempo, mas a demonstração de algo que sempre esteve latente, que apenas parte de nós encontrou (Butler, 2022, p. 45-46).

Não foi só a grave crise provocada pela pandemia da Covid-19 que nos colocou e coloca num constante estado de emergência, apontando para uma pane em nossa ordem civilizatória. Embora saibamos que a pandemia tenha nos obrigado a desenvolver ações de forma apressada, para dar conta da imprevisibilidade da atuação do vírus, essa eminência de crise que nos impulsiona o tempo todo para um estado de alerta, é antes provocada pela hegemonia do pensamento capitalista neoliberal.

A professora Nancy Fraser, teórica-crítica feminista, nascida em 1947, contemporânea de Butler, com quem mantém diálogo constante, e cujas pesquisas giram em torno da problematização da sociedade e natureza, produção e reprodução,

economia e política, em entrevista ao jornal online *Outras Mídias*¹⁰ comenta que: “vê a Covid-19 como uma tempestade perfeita de irracionalidade e injustiça capitalista” (Fraser, 2021, n.p). É só nos deslocarmos bem pouco do que a grande mídia mundial nos vende, que não fica nada difícil compreender que o sistema que nos trouxe o vírus é o mesmo que bloqueou nossos esforços para enfrentá-lo.

Fraser fala sobre o aquecimento global em primeiro lugar, e o desmatamento tropical, como resultado direto do capitalismo.

O SARS-CoV-2, há muito tempo, estava abrigado em cavernas remotas, sem efeitos nocivos para o ser humano. No entanto recentemente, o vírus passou para uma espécie intermediária e depois para nós. Então, o que causou esta “transferência zoonótica”? O que aconteceu para que os morcegos entrassem em contato com a espécie intermediária e depois conosco? (Fraser, 2021, n.p).

A filósofa ainda completa: “podemos estar certos de que virão mais epidemias virais entre os humanos, graças à persistência das mudanças climáticas e o desmatamento, que são impelidos implacavelmente pelo desenvolvimento capitalista” (Fraser, 2021, n.p).

Para tanto, quão corrompidos/as, ou mastigados/as, ou absorvidos/as estamos, que não percebemos essa espiral? E se conscientes desse processo, como mudá-lo, transformá-lo, subvertê-lo? Quais são os debates públicos necessários para que esses assuntos estejam em pauta e sejam desvelados para nós? Que tipo de educação para e pelas mídias devemos ter, para que não sejamos tragados/as pelo que ela nos vende? Onde estão as fontes alternativas de comunicação? De que modo podemos passá-la adiante? A educação é uma saída?

Essas são algumas das perguntas que nos fazemos quando algumas luzes se acendem. O que para alguns parecem temas de absoluta obviedade, para tantos outros continua à sombra, porque afinal, “*agro é pop, agro é tech, agro é tudo*”. O poder de relacionar as coisas se perde, na falta primeiro de educação, e logo em seguida de informação. Nossa reflexão se dá aqui sobre a necessidade de estabelecer uma conexão entre os campos de pesquisa abordados no texto e a forma como essas pesquisas se relacionam com uma população que frequentemente se vê marginalizada sem compreender completamente as razões por trás disso. Essas questões afetam

¹⁰ Por I. H. U online. **Nancy Fraser**: os novos horizontes do pós-capitalismo. Disponível em: <<https://outraspalavras.net/outrasmidias/nancy-fraser-os-novos-horizontes-do-pos-capitalismo/>>. Acesso em: 12 jun. 2023.

profundamente essas populações e seus direitos fundamentais, no entanto, muitas vezes, elas não conseguem perceber a extensão dessa problemática.

Quanto ao Estado, Fraser (2021) ressalta o aspecto político da crise, que convergiu com o aspecto ecológico, exacerbando ambos e nos colocando em perigo. Para ela, a pandemia seria horrível para os seres humanos de qualquer modo, mas foi ainda pior devido os quarenta anos de financeirização neoliberal que afetaram as capacidades políticas que, de outro modo, teríamos conseguido utilizar para controlar a Covid-19. Ou seja, destruídas as infraestruturas públicas, os governantes transferiram funções sanitárias vitais para provedores e seguradoras, empresas farmacêuticas e fabricantes com fins lucrativos. E que, centrados somente em seus lucros e no preço de suas ações, importam-se muito pouco com o interesse público, portanto, os resultados são trágicos. Nesse sentido, “Um sistema social que submete os assuntos da vida e morte à ‘lei do valor’ estava estruturalmente preparado, desde o início, para abandonar milhões de pessoas à sua sorte diante da Covid-19” (Fraser, 2021, n.p).

Outra ideia perturbadora, e bastante lúcida que a pesquisadora traz, é a do racismo estrutural como um dos aspectos mais expostos na pandemia. Essa racialização impregna a crise atual, retirando dessas populações desproporcionalmente vulneráveis, a terra, a energia, a riqueza mineral, a proteção política e seus direitos acionáveis. Além dos múltiplos impactos letais do aquecimento global, foi essa população que esteve no fim da fila da vacinação.

A cor, além disso, está profundamente entrelaçada com a classe, no sistema mundial capitalista em geral e no período atual em particular. De fato, os dois são inseparáveis, como demonstra a categoria “trabalhador essencial”. Se deixarmos de lado profissões da medicina, essa denominação abarca trabalhadores agrícolas migrantes, trabalhadores imigrantes dos matadouros e do empacotamento de carne, distribuidores dos depósitos da Amazon, motoristas de UPS (um sistema de envio de pacotes), auxiliares das residências de idosos, limpadores dos hospitais, repositores e caixas dos supermercados, aqueles que entregam comida para levar. Especialmente perigosos em tempos de Covid, esses trabalhos são em sua maioria mal remunerados, não sindicalizados e precários, desprovidos de auxílios e proteções trabalhistas, sujeitos a uma supervisão intrusiva e aceleração implacável. Embora exista uma diversidade de pessoas, são ocupados de forma desproporcional por mulheres e pessoas afro-americanas (Fraser, 2021, n.p).

Bem como, em relação à emancipação, Fraser diz que devemos ampliar nossa ideia do que conta como luta anticapitalista:

Não são apenas as lutas nas fábricas entre os/as trabalhadores/as e patrões/as, ainda que sejam muito importantes. São também as lutas

pela educação, moradia digna e saúde pública. Essas são lutas sobre a reprodução social, que envolvem o setor público e o privado. São lutas sobre a disfunção capitalista, por um novo sistema social, que repensaria toda a relação entre a sociedade humana e a natureza não humana, entre a produção e a reprodução, entre a economia e a política (Fraser, 2021, n.p).

Este pensamento de Fraser vem ao encontro com algumas ideias e questionamentos colocados ao longo desta dissertação. Entendemos que os movimentos que sustentam as lutas populares existem a partir de uma organização, e esta não existe sem educação e comunicação. Nesses movimentos, as lutas pela transformação se fortalecem.

Ao escrever esta dissertação, o mundo está testemunhando algumas guerras e conflitos. Se dependêssemos exclusivamente da mídia convencional, sustentada pelo sistema neoliberal capitalista, para nos informar sobre esses conflitos, por exemplo, teríamos uma visão limitada, parcial e distorcida dessas guerras. Hoje, a mídia alternativa desempenha um papel crucial ao abordar questões geopolíticas que vão além da simples disseminação de informações.¹¹

Para citarmos apenas dois pontos de deslocamento onde é possível perceber uma cobertura parcial da grande mídia, temos a CPI do Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST)¹², criminalizados pela mídia antes mesmo de apresentar provas, e a guerra entre Israel e Palestina onde é permanente a ocultação dos crimes e atrocidades cometidos por Israel.¹³

Se não reconhecermos a disfunção gerada por todo o sistema capitalista e não a repensarmos com urgência, enfrentaremos sérias consequências. Isso afetará não apenas nossos recursos naturais, mas também a vida humana como um todo.

¹¹ **As duas guerras em que o Ocidente se perdeu.** Outras Palavras. Disponível em:<<https://outraspalavras.net/geopoliticaeguerra/as-duas-guerras-em-que-o-ocidente-se-perdeu/>>. Acesso em 01 mar. 2024.

¹² **Imprensa criminaliza MST mesmo sem CPI apresentar provas.** (2023, outubro 11). Brasil de Fato. Disponível em:<<https://www.brasildefato.com.br/2023/10/11/imprensa-criminaliza-mst-mesmo-sem-cpi-apresentar-provas/>>. Acesso em 01 mar. 2024.

¹³ **Intervozes.** O que também nos choca é o silêncio da mídia em relação à violência que Israel impõe aos palestinos. **Twitter.** Disponível em:<<https://twitter.com/intervozes/status/1760066966176276855>>. Acesso em 01 mar. 2024.

2.2 A Pandemia em Números e Impactos na Educação

A pesquisa da associação civil sem fins lucrativos “Dados para um Debate Democrático na Educação (D³e)”, já citada na introdução, demonstra que, a maioria dos estudos que apresentam dados de países em desenvolvimento, sugerem um aumento das taxas de abandono escolar. Esses estudos identificaram dois grupos em situação de maior risco: os adolescentes e as meninas (2022, p. 6).¹⁴

No Brasil, a fragilização do vínculo com a escola, associada às dificuldades para a implementação do ensino remoto nas redes públicas, gerou grande preocupação sobre as taxas de abandono e evasão escolar. No entanto, ainda sabemos pouco sobre os efeitos da interrupção das atividades presenciais sobre as taxas de abandono e evasão escolar no País, nos anos de 2020 e 2021. Isso porque os dados do Censo Escolar 2021 subestimam fortemente o abandono escolar, uma vez que muitas redes simplesmente deixaram de reportar esse fenômeno diante da dificuldade de contato com estudantes.

Faltando menos de um mês para as eleições de 2022, o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) chamou a atenção da sociedade para a urgência de se priorizar a educação na hora do voto. Para tanto, a organização instalou “Monumentos à Educação” em lugares centrais de três capitais brasileiras: Belém, Salvador e São Paulo. A proposta era alertar eleitoras e eleitores sobre a importância da educação na garantia dos direitos de crianças e adolescentes no País.¹⁵

A campanha foi dividida em etapas. Primeiro, foram instalados monumentos, em tamanho natural, que representavam salas de aula, com uma professora e sete alunos/as. Essas obras foram instaladas no Parque da República, em Belém; no Parque do Ibirapuera, em São Paulo, e no Largo do Campo Grande, em Salvador.

¹⁴ TÉCNICA, N. **Impactos da pandemia na educação brasileira**. Disponível em: <https://d3e.com.br/wp-content/uploads/nota_tecnica_2212_impactos_pandemia_educacao_brasileira.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2023.

¹⁵ UNICEF. **UNICEF instala “Monumentos à Educação em três capitais brasileiras”**. [S. l.], 9 set. 2022. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/unicef-instala-monumentos-a-educacao-em-tres-capitais>. Acesso em: 20 dez. 2022.

Figura 1 - Monumento à Educação, na cidade de São Paulo



Fonte: Divulgação/Unicef - 2022

Figura 2 - Monumento à Educação, na cidade de Salvador



Fonte: Divulgação/Unicef - 2022

Num segundo momento, no monumento, as crianças presentes desapareciam, ficando apenas a professora no cenário que representava a sala de aula. Na última etapa da campanha, as estátuas das crianças começavam a aparecer nas ruas, em outras situações: vendendo balas, pedindo esmolas, catando latinhas etc. A proposta era mostrar que, fora da escola, as crianças podem ficar em situação de grande vulnerabilidade, comprometendo o futuro delas.

A pesquisa “Educação brasileira em 2022 – a voz de adolescentes” foi realizada pelo instituto de Inteligência em Pesquisa e Consultoria Estratégica (IPEC), a pedido do UNICEF, em agosto de 2022. O levantamento, feito de 9 a 18 de agosto de 2022, aponta uma evasão escolar de 2 milhões de crianças e jovens entre 11 e 19 anos, denotando uma profunda crise educacional no Brasil, acentuada pela pandemia da Covid-19.¹⁶

Nossa escolha em apontar aqui tais números e nos apoiar em imagens, que contam sobre nosso estudo, é por entender que elas sintetizam nossas preocupações, no que diz respeito a processos educativos voltados às novas possibilidades que vimos surgir no contexto de crise, além de explorar o campo simbólico da arte na interface que permeia nossa pesquisa.

Figura 3 - Monumento à Educação, na cidade de Salvador



Fonte: Divulgação/Unicef - 2022

¹⁶ UNICEF. **Educação brasileira em 2022 - a voz de adolescentes** | UNICEF Brasil: Pesquisa realizada pelo Ipec para o UNICEF. Educação brasileira em 2022 - a voz de adolescentes, [S. l.], p. 28 p, 15 set. 2022. Disponível em: https://www.unicef.org/brazil/media/20186/file/educacao-em-2022_a-voz-de-adolescentes.pdf. Acesso em: 20 dez. 2022.

Depois de três anos, quase quatro, mesmo com o sentimento de volta à normalidade da vida, os efeitos do fechamento das escolas, da redução da atividade econômica e da intensa digitalização de empresas continuam a impactar as juventudes, sobretudo as que estão em situação de maior vulnerabilidade. Contra isso, é preciso lidar com esse cenário a curto, médio e longo prazo, articulando ações e políticas públicas. Entre poder público, setor privado e sociedade civil com foco em inclusão, justiça social e novas oportunidades de desenvolvimento, existem forças para restauração daquilo que precisamos construir na educação. E isso não é possível sem a presença de um Estado de Direito comprometido.

Pandemia e Juventudes

Maria Carla Corrochano (2021), professora do Departamento de Ciências Humanas e Educação, do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED-So) e do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Condição Humana (PPGECH-So), discute em matéria que foi publicada, online, para a Sociedade Brasileira de Sociologia que, se considerarmos o trabalho e os estudos como significativas dimensões da condição juvenil, pode-se dizer que a pandemia aprofundou uma crise que não é recente.

Para muitos, a dedicação exclusiva aos estudos, ou a combinação entre trabalho e estudos, marca da condição juvenil brasileira, também se torna mais complexa; o aumento da evasão escolar sinaliza a urgência do trabalho dado o rebaixamento da renda familiar e, ao lado das dificuldades de conexão, acesso a equipamentos ou de retorno à escola em um contexto ainda pouco seguro, pode significar uma inflexão na tendência anterior de maior presença dos jovens na escola, especialmente dos jovens das camadas populares (Corrochano, 2021, n.p).¹⁷

Corrochano (2021) evidencia que é diante do aprofundamento das desigualdades, de indicadores tão negativos e medidas tão devastadoras, que o olhar para o presente também significa evidenciar essa juventude não silenciada, “Uma análise mais aprofundada das ações e mobilizações juvenis no presente pandêmico, ainda está por ser feita” (Corrochano, 2021, n.p).

Vemos as juventudes como agentes de transformação em um sistema que demonstra estar em declínio. É nessa capacidade transformadora que concentramos

¹⁷ **Pandemia e condição juvenil: o futuro também é o agora.** Disponível em: <<https://sbsociologia.com.br/pandemia-e-condicao-juvenil-o-futuro-tambem-e-o-agora/>>. Acesso em: 12 jun. 2023.

nossa investigação. Além disso, acreditamos fortemente no envolvimento desses/as jovens, reforçado pela interação diária com eles. Consideramos também, que a arte, as práticas educomunicativas e outros projetos voltados para as juventudes podem desempenhar um papel crucial na construção de uma sociedade mais justa. Essas iniciativas não apenas contribuem para essa estrutura, mas também fortalecem a educação cidadã, capacitando os/as jovens a desempenhar um papel ativo e informado em nossa sociedade em constante transformação.

Vulnerabilidade e Saúde Mental na Pandemia

Em conversa com a jornalista e comentarista Julia Duailibi, para o podcast “O Assunto”¹⁸, Vera Iaconelli (2023), doutora em psicanálise pela USP, diretora do *Instituto Gerar de Psicanálise* e colunista do jornal *Folha de S. Paulo*, aponta que, embora a adolescência seja uma fase de adaptações, crescimento, transformações e, conseqüentemente, de vulnerabilidade psíquica, esta nem sempre desemboca em adoecimento. Contudo, a conjuntura deste momento pandêmico, que nos coloca a todos e todas como “cobaias” das *Big Techs*, que por um lado nos oferece a ferramenta maravilhosa que é a Internet, por outro, acaba por acelerar o processo de exposição de crianças e jovens às telas e, em consequência, às redes sociais, impactando sua saúde mental (Iaconelli, 2023).

De maneira ininterrupta e avassaladora, por necessidade, sobrevivência ou entretenimento, estamos todos e todas plugadas na rede, com o melhor e o pior do que ela tem a nos oferecer. Então, Iaconelli salienta que esses/essas jovens tem apresentado sintomas ou causado distúrbios não só com eles/elas mesmos/as. Esses atos de violência como forma de expressar “as não soluções” do sofrimento próprio dessa época, tem acontecido sobretudo na pandemia. Se é uma questão estrutural, esses produtos com alto potencial de dependência psíquica: telas e redes sociais, devem ter o uso controlado a partir de ações dos pais, da sociedade e do Estado (Iaconelli, 2023).

Desde a suspensão das aulas presenciais, os quadros de depressão, ansiedade e síndrome do pânico aumentaram entre adolescentes, segundo Iaconelli (2023). Nossa função aqui não é levantar dados em pesquisas feitas na área, até porque através de uma

¹⁸ **O Assunto #946 Saúde mental de adolescentes: riscos e ajuda.** Disponível em: <<https://g1.globo.com/podcast/o-assunto/noticia/2023/04/24/o-assunto-946-saude-mental-de-adolescentes-riscos-e-ajuda.ghtml>>. Acesso em: 12 jun. 2023.

busca rápida pela “maravilhosa” ferramenta “Internética”, se chega a números bastantes específicos. Nossa investigação se dá no entendimento de como colaborar com essas juventudes que, independentemente da situação financeira, ou dos problemas da casa, ou de suas classes, foram imensamente afetadas.

Para Iaconelli (2023), a pandemia nos deu a dimensão de como esse produto “redes sociais”, foi jogado na mão de crianças e adolescentes sem a menor finalidade de emancipação humana. E se as telas trabalham com a imagem, elas também operam com o imaginário, e então podem tratar de um espelho distorcido, principalmente nessa fase, podendo potencializar um lugar bastante perigoso. Conscientização, regulamentação e educação podem e devem ser caminhos para solucionar muitos desses problemas.

A *Experimente Oficina* (2020) pôde nos gerar experiência compartilhada para pensar e repensar ações que sejam efetivas nesse lugar de transformação. Embora esta experiência educacional tenha acontecido com adolescentes num contexto e camada financeiramente menos vulnerável da população, estes sujeitos de classe média não estiveram menos sensíveis às questões que contemplam sua faixa etária. Assim, seguimos acreditando que esta prática e outros projetos voltados às juventudes sejam importantes para ampliação da construção de uma sociedade mais justa, bem como fortalecedoras de uma educação cidadã.

Calmaria

Eu estou vivendo um caos
 Eu não aguento mais
 Essa vida de viver trancado
 Essa vida de viver calado
 Ao brilho das estrelas
 Vejo a lua voar
 Com esse brilho que faz a gente sonhar
 O como seria
 Ter encontros de novo na vida
 O como seria
 Viver sem se machucar todo dia
 Tudo que eu preciso é de calmaria
 Tudo que eu preciso é de calmaria
 Tudo que eu preciso é de calmaria
 Tudo que eu preciso é
 Resolver o caos
 Tudo que eu preciso é
 Virar um tagarela e sair pela janela
 Tudo que eu preciso é
 Voar que nem a lua e brilhar que nem estrelas

Tudo que eu preciso é
É me curar

Fonte: (Música composta por Gabriel Terreri, 17 anos, em 2020, participante da Experimente Oficina)¹⁹

2.3 Cidadania e Condição Humana na Atualidade

Ao longo desta dissertação, palavras como cidadania, democracia e direitos humanos vão sendo relacionadas com temas e categorias que permeiam e interagem com esta pesquisa. É nesse lugar, que a escritora e pesquisadora, feminista lésbica, professora titular Daniela Auad (2003), em seu artigo intitulado “Educação para a democracia e co-educação: apontamentos a partir da categoria gênero”, nos lembra como pode ser “esvaziado” o uso destes termos, se conferidos com legitimidade em discursos, apenas como *slogans*. Sem que seja feita uma reflexão acerca de como o uso dessas noções pode implicar concretamente em mudança de práticas, tais palavras podem ser usadas em vão, como ocorre com vários temas de estudo das Ciências Humanas. Auad consolida neste artigo um importante debate acerca de direitos humanos, educação e gênero. Ressalta ainda a máxima conhecida mundialmente e no Brasil, por quem verdadeiramente se preocupa com a situação das mulheres, que diz: “Os direitos não são humanos sem os direitos das mulheres.” (Auad, 2003, p.137).

Assim, considerando essa mesma linha que envolve nossos sujeitos, em conversa direta com nossos estudos, qualquer tentativa de educação para os direitos humanos e/ou cidadania, sem precisar exatamente quais são as categorias que constituem os sujeitos dos direitos, está perdida. Portanto, gênero está, para Auad (2003), assim como para nós, pesquisadoras, como categoria de suma importância.

A pesquisadora cita Maria Victoria de Mesquita Benevides (1996), socióloga, com especialização no campo da ciência política e do direito, e em temas da história política brasileira e da educação, dentre outras autoras e autores que são colocadas/os em diálogo. Para Benevides, é impossível desenvolver um programa de direitos humanos na escola se não houver a associação deste com práticas democráticas e, portanto, há que se formar professoras para tal.

¹⁹ TERRERI, G. *Calmaria - Gabriel Terreri (Clipe Oficial)*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=uHZ7MoW5Q9Q>>. Acesso em: 12 jun. 2023.

(...)Vale notar aqui a diferença que a autora estabelece entre educação para a democracia e educação democrática. Esta seria apenas permeada por regras democráticas durante o seu desenvolvimento, enquanto aquela, de maior profundidade e abrangência, ocupa-se da formação dos sujeitos para a vivência de valores republicanos e democráticos, tornando-os cômicos de sua dignidade e a de seus semelhantes, de modo a fomentar a solidariedade. A educação para a democracia consiste ainda na cidadania ativa, ou seja, na formação para a participação na vida pública como governante ou cidadão comum (Auad, 2003, p.137).

Tais notas são essenciais no pensamento destas pesquisadoras, nos situando com maior atenção em conceitos da contemporaneidade, como o perigo de que sejamos atravessadas por “provocações envernizadas”. Ocorre-nos que aquilo que Auad (2003) chama de “slogan” em sua provocação, não nos permita horizontalizar e verticalizar essas discussões que perpassam direitos humanos, cidadania e democracia, também pelas vertentes de gênero, raça/etnia e classe.

Neste ínterim, Maria Victoria Benevides (1996) começa desenvolvendo seu tema - educação para a democracia - apontando o movimento de democratização do Brasil, assim como o reconhecimento universal de que não pode haver desenvolvimento de um país exclusivamente no campo econômico, se não houver também desenvolvimento social e político. Assim sendo, aqui e no mundo, torna-se fundamental a questão da educação política. Apesar de cidadania ser um tema em expansão, nossa ação política continua desvalorizada. Somos apenas vistos como cidadãos e cidadãs contribuintes e consumidores/as –, “Em relação a direitos, não temos sequer escola para todos” (Benevides, 1996, p.224).

Benevides discute ainda a importância da formação intelectual e da informação no sentido de uma educação para a democracia, sem as quais nossa capacidade de conhecer para melhor escolher, é improvável. A insuficiência de informações reforça as desigualdades, fomenta injustiças e pode levar a uma verdadeira segregação. “No Brasil, aqueles que não tem acesso ao ensino, à informação e às diversas expressões da cultura *lato sensu*, são, justamente, os mais marginalizados, os que chamamos, hoje, de “excluídos” (Benevides, 1996, p.226).

A maioria dos estudos sobre educação e pandemia, apresenta dados de países em desenvolvimento que sugerem um aumento das taxas de abandono escolar, identificando dois grupos em situação de maior risco: adolescentes em vulnerabilidade

e meninas, o que registra fortemente a marca de como essas categorias estão consubstanciadas.

(...) Se a constituição é uma arma na mão de todos cidadãos e cidadãs para encaminhar e conquistar propostas mais igualitárias? (...) Se cidadania é o próprio direito à vida no sentido pleno? (...) Se é direito de todos e todas, não só as necessidades básicas, mas todos os níveis de acesso de existência, incluindo o mais abrangente, o papel de seres humanos no Universo? “O que é cidadania para uns e o que é cidadania para outros?” (Manzini-Covre, 2001, p. 8-11).

Pandemia, Gênero e Questões Étnico-raciais

A pandemia da Covid-19 nos colocou diante de desafios que nos fizeram repensar o funcionamento de instituições, já tão castigadas pelas discrepâncias de nossa sociedade neoliberal capitalista, e acentuou a importância de pesquisas que busquem reflexão e resolução a fim de minimizar tamanha disparidade. Quando refletimos equidade, aliamos o senso de justiça social ao que entendemos como igualdade, provocando um equilíbrio entre os desiguais. Mas, para que todas as pessoas sejam ouvidas, é necessário que se apoie, cada vez mais, as vozes resistentes e persistentes.

Talíria Petrone, deputada federal, ativista feminista, em seu prefácio à edição brasileira de “Feminismo para 99%, um Manifesto”, diz que: “O capitalismo é a barbárie. Transforma tudo em mercadoria: corpos, talentos, fé, trabalho, amor, desejos, mulheres” (Petrone, 2019, p.17).

A formação da sociedade brasileira foi marcada por desigualdades sociais, étnico-raciais e de gênero que permanecem muito presentes. Nos mais de trezentos anos de escravidão, o domínio de uma elite agrária, proprietária e branca como grupo social dominante produziu profundas violências para as mulheres e especialmente para as mulheres negras e indígenas. O patriarcalismo e a escravidão são constitutivos da sociabilidade burguesa, possuindo expressões específicas em lugares como o Brasil e outros territórios colonizados (Petrone, 2019, p.16).

Logo, no que diz respeito a essas questões, acreditamos que a Arte e a Educomunicação têm papel fundamental para algumas mudanças, sendo, neste caso, uma ferramenta que pode se atentar e buscar alternativas aos problemas que geram as desigualdades sociais, étnico-raciais e de gênero.

É fundamental que possamos nos aprofundar nessas discussões e pesquisas para seguirmos firmes e esperançosas, num futuro mais humano, no sentido do verdadeiro encontro com a solidariedade. A arte segue nos dando essa dimensão.

A Carne

A carne mais barata do mercado é a carne negra
 (Tá ligado que não é fácil, né, mano?)
 (Né, mano? Vixe!)
 (Se liga aí!)

A carne mais barata do mercado é a carne negra
 A carne mais barata do mercado é a carne negra
 A carne mais barata do mercado é a carne negra
 A carne mais barata do mercado é a carne negra
 (Só serve o não preto)

Que vai de graça pro presídio
 E para debaixo do plástico
 Que vai de graça pro subemprego
 E pros hospitais psiquiátricos

A carne mais barata do mercado é a carne negra (diz aí!)
 A carne mais barata do mercado é a carne negra
 A carne mais barata do mercado é a carne negra
 A carne mais barata do mercado é a carne negra

Que fez e faz história
 Segurando esse país no braço, mermão
 O cabra aqui não se sente revoltado
 Porque o revólver já está engatilhado

E o vingador é lento
 Mas muito bem intencionado
 E esse país vai deixando todo mundo preto
 E o cabelo esticado

Mas, mesmo assim
 Ainda guardo o direito de algum antepassado da cor
 Brigar sutilmente por respeito
 Brigar bravamente por respeito

Brigar por justiça e por respeito (pode acreditar)
 De algum antepassado da cor
 Brigar, brigar, brigar, brigar, brigar
 (Se liga aí!)

A carne mais barata do mercado é a carne negra
 (Na cara dura, só serve o não preto)
 A carne mais barata do mercado é a carne negra
 A carne mais barata do mercado é a carne negra
 (Na cara dura, só serve o não preto)
 A carne mais barata do mercado é a carne negra

Negra
 Negra
 Carne negra (pode acreditar)
 A carne negra

(na voz de Elza Soares - 2002)²⁰

²⁰ SOARES, Elza. **A Carne - Elza Soares (Videoclipe Oficial)**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=yktrUMoc1Xw>>. Acesso em: 12 jun. 2023.

3. INTERDISCIPLINARIDADE, NA INTERFACE DA ARTE, COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO

Em *Epistemologia da Interdisciplinaridade*, Pombo (2008) aponta perspectivas do trabalho interdisciplinar, tanto em nível de novas disciplinas como de novas práticas e teorizações. Entendemos nossa pesquisa no campo da complexidade, especificamente nas interações entre os campos da arte-educação e educomunicação, cuja realização requer a consideração de múltiplas e diferentes perspectivas. Portanto, no sentido em que ultrapassamos a dimensão do paralelismo, do colocar em conjunto de forma coordenada, e avançamos para a combinação de uma convergência, de uma complementaridade, nos colocamos no campo intermediário da interdisciplinaridade (Pombo, 2008).

Como se entende pelo nome, educomunicação é o encontro da educação com a comunicação, multimídia, colaborativa e interdisciplinar. A expressão nasceu para estabelecer, além de um avanço no campo do conhecimento científico, com o aprimoramento da pesquisa e dos processos de transformação social, também um solo histórico, sem o qual seu alcance estaria limitado. A construção do campo comunicação/educação como território teórico capaz de fundamentar práticas de formação de sujeitos conscientes é tarefa complexa, que exige o reconhecimento dos meios de comunicação como um outro lugar do saber, atuando juntamente com a escola (Baccega, 1999).

O campo da comunicação/educação é multi e transdisciplinar: Economia, Política, Estética, História, Linguagens, entre outros saberes, o compõem. Cada um deles dialoga com os outros, elaborando, desse modo, um aparato conceitual que coloca os meios no centro das investigações e procura dar conta da complexidade do campo. São as pesquisas que resultam desse diálogo entre os saberes que nos permitem apontar os meios de comunicação como os maiores produtores de significados compartilhados que jamais se viu na sociedade humana, reconhecendo-se, desse modo, sua incidência sobre a realidade social e cultural (Baccega, 1999, p. 181).

O termo “educomunicação” compreende linhas de trabalho como educação pelos meios de comunicação, educação para a mídia, uso das mídias na educação, produção de conteúdos educativos, gestão democrática das mídias, leitura crítica dos meios, prática epistemológica e experimental do conceito e expressão através das artes.

Por meio das artes são experimentadas emoções e sensibilidades que contribuem de forma significativa para nos tornarmos mais capazes de compreender os campos

simbólicos e complexos da vida humana. A arte tem potencial de auxiliar a travessia por momentos imprevisíveis, além de ter papel fundamental no nosso sistema cognitivo e intelectual. Com a arte, o indivíduo pode se sentir mais fortalecido para lidar com o imprevisto, com o improvável.

O ensino das artes está oficializado no sistema educacional brasileiro, na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), de nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. O parágrafo II, do artigo 26, trata o ensino da arte como sendo obrigatório, viabilizando-se assim a arte como ferramenta pedagógica no processo de ensino e aprendizagem através da expressão de ideias e estímulo da criatividade do indivíduo.

Embora independentes, porém intrinsecamente relacionados, os dois conceitos e práticas – arte-educação e educomunicação - surgiram em quadraturas históricas, como resposta a um modelo social excludente, que afastava a formação dos/as estudantes da vivência artística e do direito à comunicação. As demandas sociais prioritárias, que ambas buscam atender, dizem respeito a uma educação emancipadora para todas as pessoas, balizada em uma relação dialógica, em que alunos e alunas se sintam protagonistas em seu processo de aprendizagem. É essencial que sua experiência possa existir, apoiada numa metodologia colaborativa e crítica.

Nesse mergulho que nos apresentam as milhares de possibilidades de conhecimento e ideias dadas por tal interface, nos aproximamos de Pombo (2006), que reflete sobre o crescimento do conhecimento científico, resultado de um processo de reordenamento interno das comunidades, levado a cabo por um reordenamento das disciplinas.

A interdisciplinaridade traduz-se na constante emergência de novas disciplinas que não são mais do que a estabilização institucional e epistemológica de rotinas de cruzamento de disciplinas. Este fenômeno, não apenas torna mais articulado o conjunto dos diversos “ramos” do saber (depois de os ramos principais se terem constituído, as novas ciências, resultantes da sua subdivisão sucessiva, vêm ocupar espaços vazios), como o fazem dilatar, constituindo mesmo novos espaços de investigação, surpreendentes campos de visibilidade (Pombo, 2006, p. 210).

No âmbito da educação, em “Ensinando a Transgredir - a educação como prática da liberdade”, bell hooks (2017), autora, professora, teórica feminista, artista e ativista antirracista estadunidense, enfatiza a diferença entre a educação como prática da liberdade e a educação que só trabalha para reforçar a dominação. Ela propõe um modelo horizontal de aprendizagem, contrapondo-se à já conhecida educação bancária,

de antemão tão discutida por Paulo Freire, que traduz a metodologia educacional de instituições tradicionais de ensino.

No artigo “Educação e Comunicação: Feminismos e Lesbianidades em diálogo”, as professoras e pesquisadoras Daniela Auad e Cláudia Regina Lahni (2021), citam a mesma obra de hooks, pontuando o capítulo em que a autora constrói uma conversa consigo mesma, na qual relata como a obra do autor influenciou sua formação como educadora. Para hooks, Freire se fez essencial no sentido de encontrar uma linguagem política, para elaborar sua luta enquanto mulher negra em uma realidade classista e racista, fundamental para que ela embasasse sua concepção de sala de aula, como lugar de entusiasmo e nunca de tédio (hooks, 2017, p.17).

Naquilo que entendemos já no campo da comunicação, a autora vai dizer que, quando a desinformação se torna parte do consumo cultural coletivo e as pessoas se apegam a ela, o resultado é uma teia complexa de mentiras que permeiam a vida cotidiana. Isso enfraquece nossa capacidade de encarar a realidade e diminui nossa motivação para combater injustiças. As parcialidades e a supremacia que sustentam o racismo, o sexismo, o imperialismo e a supremacia branca corrompem a educação, transformando-a em algo que não promove a liberdade (hooks, 2017).

Auad e Lahni destacam a importância do procurar compreender e significar o fazer educativo, como um caminho de resistência às ideias antidemocráticas, possibilitando o diálogo entre pensadoras e pensadores militantes, que percebem como amplo e rico o campo das teorias emancipatórias e libertárias. Com isso, as autoras discorrem sobre a importância dos olhares clássicos que nos são caros para dialogar com sujeitos atuais, para adensar a representatividade de grupos significativos e para conhecer novos objetos (Auad; Lahni, 2021).

Fazer da sala de aula um contexto democrático onde todos sintam a responsabilidade de contribuir é um objetivo central da pedagogia transformadora.(...) À medida que a sala de aula se torna mais diversa, os professores têm de enfrentar o modo como a política da dominação se reproduz no contexto educacional.(...) Quem fala? Quem ouve? E por quê? Cuidar para que todos os alunos cumpram sua responsabilidade de contribuir para o aprendizado na sala de aula não é uma abordagem comum no sistema que Freire chamou de “educação bancária”, onde os alunos são encarados como meros consumidores passivos (hooks, 2017, p.56-57).

Para hooks, os/as alunos/as estão mais dispostos a abrir mão de uma educação bancária, assim como a enfrentar o desafio do multiculturalismo. É, portanto, o

multiculturalismo que obriga educadoras e educadores a reconhecer as estreitas fronteiras que moldaram o modo como o conhecimento é compartilhado na sala de aula, o que, por conseguinte, obriga todos nós a reconhecer nossa cumplicidade na aceitação e perpetuação de todos os tipos de parcialidade e preconceito (hooks, 2017).

Em "A Imagem como Ensino da Arte", Ana Mae Barbosa (2020), professora pioneira no campo da arte-educação e também seguidora das principais diretrizes pedagógicas freireanas, responsável pela sistematização da abordagem triangular no ensino das artes, constituída em três eixos: apreciar, refletir e produzir, com o foco na liberdade de obter conhecimento crítico e reflexivo no processo de ensino, destaca como o ensino das artes pode cumprir um papel de resgate e reestruturação social, no qual a população permanentemente marginalizada das periferias conheça os jogos de metáforas, códigos e significados usuais daqueles que, durante séculos, determinaram seu destino. Para a autora, "A escola seria o lugar em que se poderia exercer o princípio democrático de acesso à informação e formação estética de todas as classes sociais, propiciando na multiculturalidade brasileira uma aproximação de códigos culturais de diferentes grupos" (Barbosa, 2020, p. 33).

Sobre a arte no contexto educativo na pandemia, Barbosa (2020) destaca que: "A arte é a fibra óptica da educação. Ela consegue estabelecer uma comunicação entre todos os lóbulos cerebrais e estabelecer uma relação com todos os conhecimentos".²¹ Assim sendo, para adolescentes em especial, o convívio com a arte auxilia na fase de transição para o mundo adulto, promovendo e fortalecendo a autoestima, tão complexa num momento de tantas transformações físicas e emocionais, tornando-os indivíduos mais expressivos, livres e críticos, podendo exercer com mais facilidade a elaboração de significados, produzindo novas formas de ver e pensar a vida, transformando a realidade. Por conseguinte, a arte na educação, aliada à comunicação, além de propor uma educação pelos e para os meios, possibilita o olhar curador de educandos/as sobre aquilo que consomem em seu cotidiano.

Para Maria Cristina Castilho Costa (2021), pesquisadora, professora e vice-coordenadora do Núcleo de Comunicação e Educação da Escola de Comunicações e

²¹ Ana Mae Barbosa e a arte-educação em tempos de pandemia: Professora ministra conferência de abertura do I Congresso Internacional Online entre Arte, Cultura e Educação. *In: Ana Mae Barbosa e a arte-educação em tempos de pandemia*: Professora ministra conferência de abertura do I Congresso Internacional Online entre Arte, Cultura e Educação. [S. l.], 29 out. 2020. Disponível em: <https://jornal.ufg.br/n/135183-ana-mae-barbosa-e-a-arte-educacao-em-tempos-de-pandemia>. Acesso em: 20 dez. 2022.

Artes da Universidade de São Paulo, é essencial que o acesso aos meios de comunicação seja um lugar de intervenção, expressão e interação com o próximo e o distante, para que possamos nos libertar. Assim, “São experimentadas nas artes, emoções e sensibilidades, que nos tornam mais capazes de compreender os campos simbólicos e complexos da vida humana. É a arte que expressa de forma mais sensível nosso tempo e aquilo que está por vir” (Costa, 2021, p. 63).

A arte-educação e a educomunicação têm como objetivo fundamental a formação integral do ser humano, incluindo não apenas o aspecto intelectual, mas também o emocional, físico, social, ético e espiritual. A ideia por trás desse conceito é que o ser humano é uma entidade complexa, e seu desenvolvimento não pode ser reduzido apenas à aquisição de conhecimento acadêmico, levando em consideração o seu contexto e promovendo uma visão livre de perspectivas dominantes. Ambas abordam uma variedade de elementos compartilhados, como as linguagens visuais que compõem a cultura contemporânea.

No entanto, é nas nuances e abordagens específicas dessas disciplinas que podemos identificar em qual paradigma estamos trabalhando. No contexto da educomunicação, não estamos apenas falando da análise crítica dos meios de comunicação, da produção de conteúdo ou do simples uso das tecnologias. Reduzir essa abordagem a esses aspectos limitaria seu potencial. O cerne da educomunicação reside em considerar tanto o indivíduo quanto o grupo, valorizando o processo de aprendizado e criação coletiva. Entendemos que é por meio dessa abordagem que a ação educacional se torna significativa. Nesse ambiente complexo, os ecossistemas comunicativos podem prosperar, promovendo a interação e a colaboração, assim como na arte-educação, onde a ênfase não deve ser colocada exclusivamente no objeto ou no elemento artístico contemplativo, mas sim na experiência como um todo. Abordaremos esses aspectos de forma mais detalhada nos textos subsequentes, explicando de maneira mais clara os caminhos adotados nesta pesquisa.

3.1 Um possível Percurso Educomunicativo na Arte-Educação

Sabendo-se que existem milhares de conceitos e tratados no decorrer de séculos, que debruçaram-se no conceito da arte, em seus vieses estéticos, políticos, críticos etc., aqui contextualizamos arte-educação, e como se faz importante nesse trabalho, no sentido da expressão.

Décadas atrás, a disciplina sobre arte na escola era chamada de "educação artística" e envolvia conceitos sobre a história da arte e, basicamente, a criação de desenhos e pinturas. Esse conceito foi sendo ampliado, e atualmente as disciplinas de artes visuais são mais abrangentes. Elas incluem, por exemplo, a dança, o teatro, a fotografia, o cinema, entre outras linguagens.

Podemos dizer que a educação para a cultura visual no Brasil tem se reconfigurado ao longo das últimas décadas, como estratégia pedagógica diante da complexidade das sociedades contemporâneas. Como um campo de investigação transdisciplinar e transmetodológico, é necessária a colaboração de diferentes disciplinas e estratégias que reforçam a ideia de interdisciplinaridade nas artes visuais, pressupondo uma educação que prepara indivíduos para fazer um uso crítico e democrático das informações que hoje se têm à disposição (Unesp/Redefor, 2011, p. 49).²²

A mudança do estudo da arte para o estudo da cultura visual pressupõe um deslocamento de objeto de estudo e de conteúdos. É necessário pensar o visual em termos de significação cultural, de práticas sociais e de relações de poder, além da reflexão sobre as maneiras de olhar e de produzir olhares. Assim, seu propósito formativo está em propiciar a estudantes ferramentas para uma compreensão crítica de seu papel na sociedade, assim como a consciência da posição que ocupam nas relações de poder. É a compreensão crítica desses mundos sociais e culturais em que vivem e produzem suas relações de significados, que lhes dará material, quando necessário, para subvertê-lo (Unesp/Redefor, 2011, p. 49).

Outro movimento da contemporaneidade são os materiais que propiciam as investigações e questionamentos no campo das artes através de aparatos tecnológicos,

²² UNESP/REDEFOR. Cursos De Especialização para o Quadro do Magistério da SEESP Ensino Fundamental II e Ensino Médio. **Ensino da Arte no Brasil: Aspectos históricos e metodológicos.** Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/40427/3/2ed_art_m1d2.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2023.

que hoje, por exemplo, são imensos. Existem passeios virtuais em museus do mundo todo, materiais audiovisuais ou *podcasts* que trazem conteúdos sobre quase tudo, portais de curtas e longas-metragens abertos a todo público, além de uma infinidade de possibilidades de meios de comunicação e jornalismo alternativo que se contrapõe a mídia massiva, dando-nos oportunidade de conhecimento e acesso a outros materiais e maneiras de se informar e comunicar, que sem a internet não seria possível. Ou seja, temos a oportunidade de produtos culturais e informação, com disponibilidade acessível e mais democrática do que algumas décadas atrás (claro, para aqueles/as que possuem instrumento/ferramenta e conexão).

Nosso recorte

É no campo da experiência e da expressão que fazemos o recorte de nossa dissertação. Esse recorte aparece com jovens, em meio a uma pandemia, ou seja, a uma crise de várias ordens. Então, entender de que maneira essa expressividade de querer, angústias, medos e afins se desdobram como potencial criativo ou como possível respiro no campo da arte e da educomunicação é nossa busca aqui. Assim, torna-se imprescindível que entendamos o campo da experiência nas artes não só como mero fazer, mas como ação refletida, intencional, planejada, que requer a percepção dos fins para que seja possível julgar os meios e os produtos criados.

Por inúmeras vezes afirmamos que, na perspectiva da Educomunicação, o processo de produção coletiva de comunicação é muito mais importante que o produto, por melhor que seja o seu acabamento do ponto de vista técnico. Como não se trata de um dado objetivo, mensurável, passível de ser provado, e sim de uma interpretação, configura-se como algo somente possível a quem testemunha a sua criação (Lima, 2009, p. 69).

Abordagem Triangular, Experiência e Imagem

A *Abordagem Triangular* sistematizada por Ana Mae Barbosa, entre os anos de 1987 e 1993, no contexto do Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo e experimentada nas escolas da Rede Municipal de ensino da cidade de São Paulo, quando Paulo Freire era Secretário de Educação do Município, parte por exemplo, desse contexto da experiência como ação refletida.

Se o ensino se faz, através de três ações mentalmente e sensorialmente básicas que é a de produção (fazer artístico), de leitura da obra ou imagem e contextualização, ele conseqüentemente perpassa pelo campo da experiência individual de cada pessoa.

Para a pesquisadora, já que esse tipo de ensino não indica uma ordem, ele se configura muito mais como uma abordagem que propõe uma profunda revisão dos problemas da aprendizagem das artes, do que propriamente como uma metodologia de aula. Contudo, toda produção tem seu contexto de origem, seja material ou conceitual. Sem negar a história das técnicas, ou o desenvolvimento das tecnologias no campo das artes, essas são questões intrinsecamente relacionadas com as práticas de produção e de recepção. O contexto de produção é tão importante quanto o contexto de recepção. Então, “Contextualizar é estabelecer relações. Neste sentido, a contextualização no processo ensino-aprendizagem é a porta aberta para a interdisciplinaridade” (Barbosa, 1998, p. 38).

Com reflexões também diretamente relacionadas à nossa pergunta de pesquisa, Costa (2005) comenta, em seu livro “Educação, imagem e mídias”, como a informática e a tecnologia desenvolveram novos processos de produção de imagem, e também de que modo a educação tem que rever, a partir dessa mudança, seu paradigma letrado. A escola pode, portanto, adentrar mais ao campo das imagens e das linguagens tecnológicas, no caminho de ultrapassar as barreiras que separam duas culturas: uma eurocentrada, baseada na escrita como forma de produção e controle de conhecimento, outra globalizada, massiva, de múltiplas linguagens e tecnologias de comunicação, dentre as quais se afirmam, de forma predominante, os meios audiovisuais. Costa defende que esse é um trabalho progressivo, que envolve debates, experimentação, análise e avaliação, mas que é um processo definitivo e, portanto, revolucionário (Costa, 2005, p.21).

Nessa mesma linha, Barbosa (2010) entende também que, as imagens carregam mensagens e diversos elementos que compõe formas de conhecer e interpretar o mundo. Diferentemente do texto escrito, que pressupõe uma leitura sequencial, a imagem apresenta suas mensagens em superfície, onde não há necessariamente um caminho de leitura padrão. O texto e a imagem, para ela, são formas diferentes de apresentar ideias e, cada uma a seu modo, potencializam e restringem entendimento conforme suas características:

Arte e Cultura Visual devem conviver nos currículos e salas de aulas, suas imagens devem ser analisadas com o mesmo rigor crítico para combatermos formas colonizadoras da mente e dos comportamentos. As diferentes categorias de visualidades intercambiam, umas influenciam as outras. A Arte influencia o Design; a publicidade; a Moda; a TV; a Cenografia; os VJs, o Cinema etc. Por outro lado, a

publicidade tem influenciado a Arte desde a *Pop Art* (Barbosa, 2010, n.p).

O objetivo desta pesquisa, como já mencionado, não é hiperespecializar-se em nenhum dos campos dessa interface, mas sim valorizar a inter-relação e a experiência prática positiva ao criar conexões entre eles. Assim sendo, alguns campos epistemológicos podem parecer tratados de forma superficial, já que o foco principal é promover uma compreensão dessas juventudes em suas vivências nessa interface. Para tanto, este estudo interdisciplinar concentra-se na busca, sobretudo, pelo processo.

O Audiovisual

Grosso modo, podemos entender o audiovisual como aquilo que mistura áudio e vídeo, imagem e som. O audiovisual na contemporaneidade pode ser muitas coisas e, por isso, pode ser abordado de muitas maneiras, passando a caracterizar o conjunto de todas as tecnologias, formas de comunicação e produtos constituídos de sons e imagens com impressão de movimento (Coutinho, 2006).

São produtos audiovisuais, por exemplo, o cinema ficcional ou documental, a televisão aberta ou fechada e todos os seus gêneros, o vídeo analógico ou digital, de alta ou baixa definição, a videoarte e o cinema experimental, a animação tradicional ou computadorizada, e também formatos mais ou menos autônomos, como o comercial de publicidade, o videoclipe, os programas de propaganda política, o videogame, *o making of*, as transmissões ao vivo em circuito fechado, os vídeos feitos para exibição na internet ou em telefones móveis, entre outros.

Adotamos a palavra 'audiovisual' neste trabalho com base na *Experimente Oficina* (2020). Primeiramente, porque a tecnologia que nos conectava, em determinados dias e horários, era fundamentada em elementos audiovisuais, e a própria plataforma proporcionava uma experiência com essa linguagem. Além disso, a linguagem audiovisual, em suas diversas formas de expressão e conexão, não só fazia parte da formação da mestrandia, mas também oferecia a oportunidade de compartilhar materiais artísticos criados para a oficina. Bem como, servia como um meio de registro para o que estava sendo produzido pelos/as participantes durante esse período de isolamento total.

Foram trabalhados na oficina temas como: diversidade, gênero, educação, equidade, entre outros, buscando sempre um olhar crítico dos/as participantes para

aquilo que consomem como produtos midiáticos, além de ser um momento de interação social, mesmo que através de telas. Eles/elas puderam observar, refletir e produzir, além de trazer aos debates questões próprias de suas vivências. Como resultado, nos foram apresentados poemas, músicas, videoclipes, cenas, coreografias, desenhos, e tantas outras manifestações artísticas de autoria dos/as participantes. Tudo presente na linguagem do audiovisual, através dessas expressões.

Para Mércia Santana Mathias e Luciana Cristina Salvatti Coutinho (2019), professoras doutoras da UFSCar-So,

A arte não é apenas para o vínculo de socialização, quando cessam as necessidades básicas de subsistência. É objetivada e potencialmente humana, que advém da capacidade de abstração da realidade particular e coletiva, utilizando predominantemente alguma forma peculiar de expressão. Portanto, a atividade humana que denominamos arte é um processo cognitivo, afetivo e operacional que demanda certo período de tempo particular, onde ocorre o exercício crítico e reflexivo do pensar, sentir e agir no mundo. A realidade do mundo não é estática, pois a ação humana gera movimento, que advém da necessidade real que urge buscar respostas efetivas para as transformações necessárias (Mathias, Coutinho, 2019, p. 232).

Contudo, ancoradas nas discussões geradas na *Experimente Oficina (2020)*, a seguir abordaremos um pouco mais sobre esse conceito denominado Educomunicação, e como ele aparece nesse trabalho.

3.2 Então, Educomunicação

Grácia Lopes Lima (2009), coordenadora do Instituto GENS dos Programas de Educomunicação nas redes municipais de ensino dos municípios de Vargem Grande Paulista, Sorocaba e Atibaia, em sua tese de doutorado pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, discorre um pouco sobre a trajetória de Paulo Freire²³ e Mario Kaplún²⁴, precursores do conceito de educomunicação, num período de ditaduras em países da América do Sul. Ambos latino-americanos, foram perseguidos por sua convicção na educação e comunicação. Entre as décadas de 1970 e 1980, desenvolveram ações, cada um a seu modo, voltadas à educação de cunho libertadora

²³ **Paulo Freire**. Disponível em: <<https://www.rededucom.org/os-precursores/paulo-freire-pt.htm>>. Acesso em: 12 jun. 2023.

²⁴ **Mario Kaplun**. Disponível em: <<https://www.rededucom.org/os-precursores/mario-kaplun-pt.htm>>. Acesso em: 12 jun. 2023.

para as camadas populares e para a formação de receptores mais críticos e participativos (Lima, 2009).

A tese de Grácia vem de encontro ao nosso estudo, tanto no que diz respeito ao conceito adotado na vertente da educomunicação, assim como em sua metodologia e objeto de estudo. Assim como ela, entendemos educuidador/a como aquele/a mediador/a que problematiza, provoca e está inserido/a nas relações dos grupos, e que se propõe trabalhar em uma educação pelos meios de comunicação, sendo a comunicação e seus meios, processo, e não fim. Partilhamos também da ideia de uma escuta sensível para as necessidades individuais ou coletivas, como direito de autonomia e liberdade de cada pessoa. Em segundo e tão importante quanto, é o tipo e qualidade de informação que compartilhamos para essa comunicação.

O mediador, conclui-se, é uma pessoa movida por convicções, que funciona não como armas apontadas para atacar um possível inimigo, ou dele se defender, mas como guias para realizar-se através do que promove com o outro. Uma delas é de inserir a comunicação, na perspectiva da educomunicação, na escola ou em outros espaços, não tem o propósito de facilitar o trabalho deste ou daquele, visando amenizar as relações, menos ainda o de seguir os ditames da moda. Muito pelo contrário: o mediador sabe que as resistências fazem parte de uma engrenagem que tenta emperrar o desencadeamento de propostas que optaram pela autonomia. Por isso, é destemido e revela, nomeia, torna explícitas as contradições (Lima, 2009, p.112).

Para entender um pouco o processo da educomunicação no Brasil é importante dizer que: entre as décadas de 1980 e 1990, um grupo de professores e professoras do Departamento de Comunicação e Artes (CCA) da Escola de Comunicação e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo, iniciou discussões visando instituir uma área de trabalho voltada ao entendimento dos vínculos comunicativo-educativos, sobretudo naquela quadra histórica de luta pela retomada das liberdades democráticas. Tais fatos, em seu conjunto, propiciaram a construção dos referenciais epistemológicos e metodológicos indispensáveis à propositura de uma nova graduação na ECA, a Licenciatura em educomunicação.²⁵

Nasceu em 1996, no espaço da Universidade de São Paulo, o Núcleo de Comunicação e Educação – NCE, reunindo um grupo de professores/as de várias universidades brasileiras interessadas na inter-relação entre Comunicação e Educação. Seu primeiro grande trabalho foi uma pesquisa junto a especialistas de 12 países da

²⁵ **Licenciatura em Educomunicação.** Disponível em: <<https://www.eca.usp.br/cca/licenciatura-em-educomunicacao-0>>. Acesso em: 12 jun. 2023.

América Latina e países da Península Ibérica para saber o que pensavam os/as coordenadores/as de projetos na área e qual o perfil dos/das profissionais que trabalham nesta inter-relação.

Descobriu-se que a interface entre Comunicação e Educação, desenvolvida tradicionalmente na forma de uma complementação mútua (como, por exemplo, a educação usando as tecnologias da comunicação ou a comunicação produzindo para a educação), havia se transformado em integração, com o surgimento de um campo novo e distinto: a educomunicação.²⁶ É de nosso conhecimento também que nesse período e em outros, iniciativas diversas de docentes em variadas regiões e universidades do país refletiram sobre educomunicação, fazendo com que fossem realizadas ações de ensino, pesquisa e extensão nessas outras localidades.

Por exemplo, em 2004, na gestão da então prefeita Marta Suplicy, no município de São Paulo, instituiu-se o Programa EDUCOM-Educomunicação pelas ondas do rádio (Lei nº 13.941). Consta como objetivo do programa:

- I - desenvolver e articular práticas de educomunicação, incluindo a radiodifusão restrita, a radiodifusão comunitária, bem como toda forma de veiculação midiática, de acordo com a legislação vigente, no âmbito da administração municipal;
- II - incentivar atividades de rádio e televisão comunitária em equipamentos públicos, nos termos da legislação vigente;
- III - capacitar, em atividades de educomunicação, os dirigentes e coordenadores de escolas e equipamentos de cultura do Município, inclusive no âmbito das Subprefeituras e demais Secretarias e órgãos envolvidos, assim como professores, estudantes e demais membros da comunidade escolar;
- IV - incentivar atividades de educomunicação relacionadas à introdução dos recursos da comunicação e da informação nos espaços públicos e privados voltados à educação e à cultura;
- V - capacitar os servidores públicos municipais em atividades de educomunicação;
- VI - incorporar, na prática pedagógica, a relação da comunicação com os eixos temáticos previstos nos parâmetros curriculares;
- VII - apoiar a prática da educomunicação nas ações intersetoriais, em especial nas áreas de educação, cultura, saúde, esporte e meio ambiente, no âmbito das diversas Secretarias e órgãos municipais, bem como das Subprefeituras;

²⁶ NCE. **Quem somos**. Disponível em: <<https://nceusp.blog.br/quem-somos/>>. Acesso em: 17 jun. 2023.

VIII - desenvolver ações de cidadania no campo da educomunicação dirigidas a crianças e adolescentes;

IX - aumentar o vínculo estabelecido entre os equipamentos públicos e a comunidade, nas ações de prevenção de violência e de promoção da paz, através do uso de recursos tecnológicos que facilitem a expressão e a comunicação.²⁷

Em rápida busca através do acervo digital da prefeitura de São Paulo, é possível acompanhar alguns projetos que vêm sendo desenvolvidos na rede municipal de ensino. Por meio de proposições, como Rádio Escolar, Produção Audiovisual, Cinema, Fotografia, Comunicação pelas Redes Sociais, Jornal Mural e Impresso, História em Quadrinhos, Fanzine, Agências de Notícias, dentre outros, crianças, adolescentes e jovens, estudantes da Educação Infantil ao Ensino Fundamental, desenvolvem o direito à comunicação democrática e responsável.²⁸

Passadas mais de três décadas desde sua consolidação, a educomunicação se fortalece como espaço de conhecimento crítico e criativo, seja na academia ou em processos práticos, de maneira dialógica, com um paradigma discursivo transversal, constituído por conceitos transdisciplinares, direcionando sujeitos para uma educação cidadã emancipatória.

Tecnologia na Educação e Comunicação

Baccega (2005) argumenta que a comunicação só se efetiva quando o enunciado é apropriado por quem a recebe. Só assim se constroem os significados. O significado não reside no emissor, mas nesse encontro que institui esse território emissor/receptor. Portanto, os meios de comunicação têm grande responsabilidade na construção e disseminação desses significados. Assim sendo, a importância de seu conhecimento e dos mecanismos usados na sua edição tem a ver primeiro com aquilo que escolhemos ver, ouvir ou ler. Em segundo, que saibamos ler esses produtos, e em terceiro que, essa inter-relação seja resultado da consolidação de objetivos que reflitam a nossa cultura e a construção de um mundo mais humano (Baccega, 2005).

²⁷ **Legislação Municipal - Catálogo de Legislação Municipal.** Disponível em: <<https://legislacao.prefeitura.sp.gov.br/leis/lei-13941-de-28-de-dezembro-de-2004>>. Acesso em: 17 jun. 2023.

²⁸ **Acervo Digital Prefeitura de São Paulo.** Disponível em: <https://acervodigital.sme.prefeitura.sp.gov.br/wp-content/uploads/2021/07/Rev_Magist_10_EDUCOM-web.pdf>. Acesso em: 17 jun. 2023.

A tecnologia está na escola, segundo Baccega (2005). Mas não basta saber usar as máquinas e softwares. É preciso saber colocá-los a serviço da construção coletiva de um mundo que sirva o ser humano como meio e fim do desenvolvimento.

Nesse sentido, dialogando com as ideias propostas por Baccega, Peruzzo (2013) discorre:

Na verdade, é importante a preparação das pessoas para o uso das técnicas e tecnologias de comunicação. Há necessidade de alfabetizar para o uso das linguagens audiovisuais, da imprensa e as digitais: domínio das técnicas de diagramação de jornal, manuseio de computador, criação de blogs, operação de filmadoras etc. Portanto, no jogo da necessidade de adquirir competências, se agrega um “novo” direito, o do acesso ao conhecimento técnico e especializado em comunicação. Mas, não se trata apenas de “atualizar” o domínio de técnicas e tecnologias. O desafio é incorporar o modo coletivo de operacionalizá-las para ultrapassar os parâmetros da chamada “inclusão” digital, e gerar processos de troca e geração de conhecimento, uma vez permeadas pela vontade de compartilhar e aprimorar os sistemas de informação e comunicação (Peruzzo, 2013, p. 175).

A autora ainda enfatiza, no que diz respeito a escola e os meios de comunicação,

Até quando a escola vai garantir somente a alfabetização da escrita e a leitura textual? Na perspectiva de assegurar o direito de cidadania à educação há que se levar em conta que os meios de comunicação também, informalmente, educam, mas praticam linguagens diferentes. Saber lê-los, interpretá-los, dominar os seus códigos, operacionalizá-los correspondem à pertinência em se ampliar a consciência sobre o direito de ter direito à comunicação e à cultura. Entre as melhores maneiras de conhecer o funcionamento dos meios de comunicação com um todo, seu poder de influência e as possibilidades de manipulação das mensagens, destacam-se a práxis da mídia, ou seja, a execução de projetos concretos de comunicação e a reflexão sobre os mesmos. A participação ativa na comunicação em sua diversidade de práticas, no bojo da mobilização social mais ampla, contribui para a ampliação do status da cidadania (Peruzzo, 2013, p.176).

Sobre a arte na educomunicação, a professora Maria Cristina Castilho Costa coordena um projeto em forma de site, que busca desenvolver estudos em educomunicação, sendo seu principal objeto de pesquisa as relações entre arte, conhecimento e educação. A pesquisa, realizada pela professora Maria Cristina, do curso de Licenciatura em Educomunicação – ECA/USP, reúne um levantamento bibliográfico e iconográfico da educação nos séculos XIX e XX e da discussão que estabelece entre educação e imagem.²⁹

²⁹ COSTA, C. **Educomunicação A Arte e o Saber**. Disponível em: <<https://educacaosaberearte.com.br/home/>>. Acesso em: 12 jun. 2023.

Assim, em seu texto de apresentação para o projeto intitulado “Educomunicação: a Arte e o Saber - estudo das Manifestações da Ciência sobre a Arte e da Arte sobre a Educação”, Costa (2023) diz que:

A sociedade midiática coincide com o surgimento da era da imagem e obriga a educação formal e informal, baseada em princípios de desenvolvimento humano, a rever seus currículos e a fazer das linguagens imagéticas e da cultura midiática – a fotografia, o cinema, a televisão e as mídias digitais, após 1970 – conteúdo de especial interesse na formação dos alunos (Costa, 2023, p. 9).

E Costa (2023) vem novamente ao encontro com essa pesquisa, quando pergunta: “e de que arte estamos falando?”

Não é da arte objeto, nem da arte mercadoria, nem da arte como gosto e estetização do mundo (...) Trata-se, portanto, de uma criação que evidencia potencial simbólico, proveniente do imaginário e expressivo de uma psique em desenvolvimento e de uma crescente sociabilidade (...) é essa arte que estudamos – a capacidade do ser humano de dar forma, de localizar em um espaço e tempo determinado, uma representação do mundo à sua volta e de uma revolução mental sem precedentes (...) O exercício das profissões e o desenvolvimento das ciências não podem mais desprezar a contribuição do conhecimento sensível, do pensamento complexo e da relatividade. A prática artística permite o êxito nessas posturas mais contestadoras (Costa, 2023, p. 13-15).

O conceito de educomunicação adotado nesta pesquisa destaca a criação colaborativa de comunicação, na qual a educomunicação é sinônimo de educação pelos meios de comunicação. Isso permite que os/as participantes se envolvam com o repertório cultural presente em seu cotidiano. E assim sendo, essa abordagem se baseia em uma metodologia de pesquisa participante, escolhida por sua adequação às necessidades do grupo e suas comunidades. Partimos da premissa de que a produção coletiva de comunicação e da arte pode aproximar as pessoas, incentivando a discussão de seus problemas, desejos, sonhos e projetos. Além disso, essa abordagem permite que as pessoas se apropriem de si mesmas e tenham voz na definição dos rumos de suas vidas.

A seguir, discorreremos como se deu o processo metodológico como um todo.

3.3 Um Breve Estado da Arte

A professora colaboradora da FE, da Universidade Estadual de Campinas, Norma Sandra de Almeida Ferreira (2002), destaca que as pesquisas denominadas ‘estado da arte’ são

(...) reconhecidas por realizarem uma metodologia de caráter inventariante e descritivo da produção acadêmica e científica sobre o tema que busca investigar, à luz de categorias e facetas que se caracterizam enquanto tais em cada trabalho e no conjunto deles, sob os quais o fenômeno passa a ser analisado (Ferreira, 2002, p. 258).

E que pesquisadores/as tomam como fontes básicas de referência para realizar o levantamento dos dados e suas análises, principalmente, os catálogos de faculdades, institutos, universidades, associações nacionais e órgãos de fomento da pesquisa. Assim,

Sustentados e movidos pelo desafio de conhecer o já construído e produzido para depois buscar o que ainda não foi feito, de dedicar cada vez mais atenção a um número considerável de pesquisas realizadas de difícil acesso, de dar conta de determinado saber que se avoluma cada vez mais rapidamente e de divulgá-lo para a sociedade, todos esses pesquisadores trazem em comum a opção metodológica, por se constituírem pesquisas de levantamento e de avaliação do conhecimento sobre determinado tema (Ferreira, 2002, p. 259).

Considerando que essa abordagem é comumente utilizada para obter uma visão geral das principais tendências, descobertas e debates em um campo de pesquisa específico, sem aprofundar-se detalhadamente em cada estudo individual, optamos por adotá-la como o ponto de partida de nossa investigação.

Assim, tomamos como referência os dados da Intercom, especificamente do Grupo de Pesquisa (GP) de Comunicação e Educação, no período de 2020 a 2022, e também da Anped, no Grupo de Trabalho (GT) de Educação e Comunicação, referente ao ano de 2021. Planejávamos ampliar este estudo; porém, nas buscas do GP e GT anteriores a esses anos, não encontramos pesquisas que dialogassem de forma significativa com nosso trabalho. Entendemos que a condicionante pandemia estabeleceu uma relação mais efetiva com as próximas fases desta pesquisa e, portanto, excluímos desta dissertação a revisão feita nos anos de 2018 e 2019. Dessa forma, consideramos relevante compartilhar os dados já sintetizados desta pesquisa.

No ano de 2020, o 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom Nacional) teve sua primeira vez na história um modelo virtual, decisão tomada diante dos desafios impostos pela pandemia da Covid-19, no Brasil e no mundo,

que inviabilizaram a reunião presencial de milhares de pessoas. Com isso, a palavra “pandemia” redirecionou muitos estudos no campo da comunicação na educação e suas novas perspectivas, convidando a comunidade científica a uma reflexão sobre o mundo, o Brasil e suas muitas vozes, além das imbricações dessa importante temática para o atual momento vivido no País. O tema foi “Um mundo e muitas vozes: da utopia à distopia?”, e o evento aconteceu de 1º a 10 de dezembro. No GP Comunicação e Educação foram apresentados 44 trabalhos; donde foram selecionados 11 pelo título, cinco por resumo e/ou palavras-chave, e quatro após leitura completa, para nossa pesquisa.

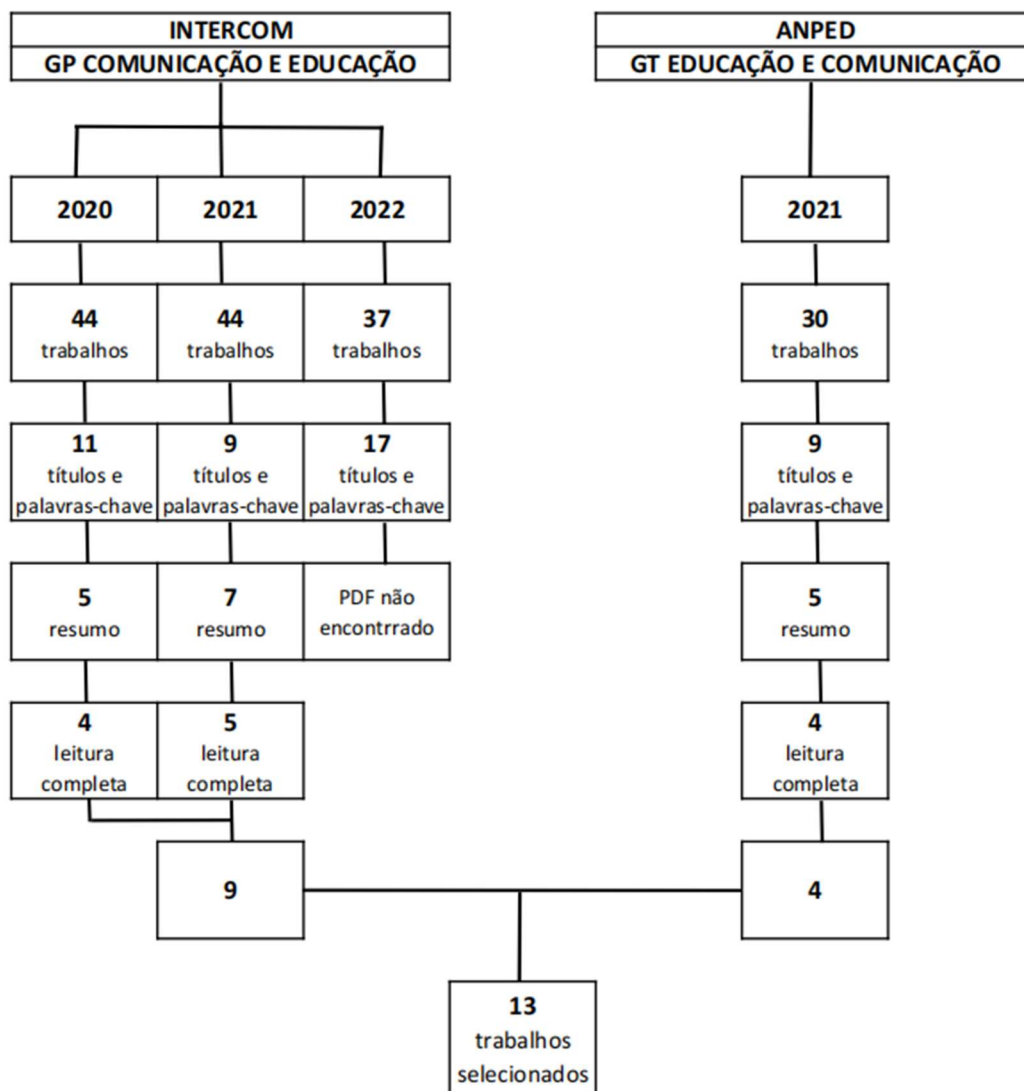
Em 2021, o tema foi “Comunicação e resistência: práticas de liberdade para a cidadania”, e o 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação se manteve em modalidade virtual, acontecendo de 4 a 9 de outubro. O GP Comunicação e Educação contou com 44 trabalhos, e foram selecionados nove pelo título, sete por resumo e/ou palavras-chave, e cinco após leitura completa, para nossa pesquisa.

É importante mencionar que, após seguir o mesmo processo no ano de 2022, durante o 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, cujo tema foi "Ciências da Comunicação contra a Desinformação", o GP Comunicação e Educação apresentou 37 trabalhos. No entanto, não conseguimos acessar os 17 trabalhos selecionados após a seleção por título, uma vez que eles ainda se encontram indisponíveis.

Em 2021, também em modalidade virtual, a 40ª Reunião Nacional da Anped teve como tema “Educação como prática de Liberdade: cartas da Amazônia para o mundo!”. As atividades ocorreram ao longo do mês de setembro e meados de outubro. O Grupo de Trabalho Educação e Comunicação contou com 30 trabalhos, donde foram selecionados nove por título, cinco após resumo e quatro com leitura completa dos artigos. Esse evento ocorre a cada dois anos. Até o fechamento desta pesquisa, não tínhamos acesso aos trabalhos de 2023.

Quadro 1 – Trabalhos selecionados

| BASE DE DADOS | ANO | GRUPO DE PESQUISA/TRABALHO | TOTAL TRABALHOS | TRABALHOS SELECIONADOS | | | MULHERES AUTORAS/ COAUTORAS |
|---------------|------|----------------------------|-----------------|------------------------|------------------------------|---------------------------|--------------------------------|
| | | | | TÍTULO | RESUMO/PALAVRA -CHAVE | LEITURA COMPLETA | |
| INTERCOM | 2020 | GP COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO | 44 | 11 | 5 | 4 | 3 trabalhos de 4 |
| INTERCOM | 2021 | GP COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO | 44 | 9 | 7 | 5 | 5 trabalhos de 5 |
| INTERCOM | 2022 | GP COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO | 37 | 17 | NÃO FOI POSSÍVEL ABRIR O PDF | | |
| ANPED | 2021 | GT EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO | 30 | 9 | 5 | 4 | 3 trabalhos de 4 |
| | | | | | | 13 TRABALHOS TOTAL | |



Fonte: autoria própria

Resultados deste Estudo

Num total de treze trabalhos com leitura completa, as palavras-chave que mais se repetiram na Intercom são: educomunicação e pandemia. A palavra audiovisual aparece duas vezes. Já nos trabalhos selecionados na Anped não se nota repetição de palavras-chave, contudo os trabalhos selecionados contemplam a discussão desta dissertação.

A partir da análise dos materiais selecionados para esta pesquisa, podemos destacar a importância da educomunicação no contexto brasileiro e seu impacto na capacitação das jovens gerações. Para Cláudia Maria Moraes Bredarioli, doutora em Ciências da Comunicação pela ECA-USP, em trabalho apresentado para a Intercom (2020), intitulado “Do Ensino Remoto Emergencial à Educação Digital em Rede por Meio de Metodologias Ativas na Pandemia”:

O avanço das tecnologias digitais de informação possibilitou a criação de ferramentas que podem ser utilizadas pelos professores em sala de aula, o que permite maior disponibilidade de informação e recursos para o educando, tornando o processo educativo mais dinâmico, eficiente e inovador. Nesse sentido, o uso das ferramentas tecnológicas na educação deve ser visto sob a ótica de uma nova metodologia de ensino, possibilitando a interação digital dos educandos com os conteúdos, isto é, o aluno passa a interagir com diversas ferramentas que o possibilitam a utilizar os seus esquemas mentais a partir do uso racional e mediado da informação (Bredarioli, 2020, p.13).

Nessas leituras, também entendemos que, ao estimular a produção de conhecimento através das práticas midiáticas de estudantes e explorar seus recursos tecnológicos, a educação pode ser enriquecida e fortalecida. Em artigo escrito por pesquisadoras da Escola Superior de Propaganda e Marketing de São Paulo (ESPM), para a Intercom Nacional (2021), intitulado “A interface comunicação/educação e o papel da escola na formação de cidadãos: notas sobre biopolítica” (2021), podemos observar que:

A partir das diversas possibilidades e recursos oferecidos pelas redes, sites, plataformas e aplicativos, durante a pandemia, os educadores comentam que os jovens criam estratégias de consumo para estar juntos, para “cabular” aula e enganar professores. Descobertas que permitem transgredir os usos propostos pela escola. Trazem ainda relatos sinalizados como positivos: “eles perguntam o aplicativo que eu uso para escrever, que eles querem usar para se organizar, onde que eu pesquiso, onde eu vou atrás, que fontes são confiáveis para eu ler” (informação verbal) (...) lemos as redes, a internet, os dispositivos, dentre outros aparatos, num cenário em que diferentes forças atuam sobre seus usos e biopolíticas, pois, no contexto da escola e do consumo midiático, professor e aluno são vidas quantificáveis (...) faz parte do desenvolvimento da cidadania que os estudantes desenvolvam a capacidade de entenderem-se inseridos em um mundo com essas regulações. Mais do que isso, devem perceber que estão inseridos e desenvolver estratégias para refletir e agir criticamente, atuando como cidadãos (Generalì, Spinelli, Hoff, Portas, 2021, p.11-13).

Ainda vimos que projetos de intervenção baseados na intersecção entre comunicação e educação surgem como oportunidades para abordar uma ampla gama de tópicos e permitir expressões artísticas e estéticas. Esses projetos, ao explorar novas formas de ver e compreender o mundo por meio das lentes das juventudes, proporcionam uma abordagem inovadora ao ensino, estimulando a criatividade, ampliando horizontes e conectando os aprendizados dentro e fora do ambiente escolar.

Para tanto, em outro artigo escrito por pesquisadoras da Universidade do Estado da Bahia, Juazeiro, intitulado “Experiências formativas com produções audiovisuais nos ensinos técnico profissional presencial e remoto”, a reflexão sobre o audiovisual aparece da seguinte forma:

Por meio dos audiovisuais, no Ensino Remoto, tornou-se possível uma maior interação entre professores e alunos, assim como a disseminação de uma linguagem mais objetiva e centralizada no processo de assimilação e de ensino-aprendizagem, como também, possibilitou na interface de práticas educacionais permitindo o acesso de temáticas diversas que englobam as situações e dificuldades corriqueiras da sociedade. Todavia, nos revela que nosso sistema de ensino ainda encontra-se falho e ultrapassado diante das exigências burocráticas, e que em nada acompanham a evolução tecnológica, social, emocional e educacional dos indivíduos da qual é responsável (Gomes, Feitoza, Teles, Intercom, 2021, p.10).

Na pandemia, a escola não pôde evitar o impacto do contexto midiático e suas propostas curriculares fundamentadas na educação com, para e pelas mídias e tecnologias. Portanto, é crucial estabelecer a conscientização sobre a utilização responsável, a criação de informações e o respeito aos direitos humanos como princípios fundamentais na integração de meios de comunicação, produções audiovisuais e sua disseminação. Além disso, a integração da arte na educação destaca a importância do desenvolvimento das habilidades e sensibilidades de estudantes, abrangendo desde o autoconhecimento até o espírito colaborativo e a capacidade de enfrentar desafios e mudanças adversas.

A intersecção entre educação e outras áreas do conhecimento está em constante progresso, permitindo uma maior interação dos/as estudantes na produção de conteúdo audiovisual durante o ensino remoto. No entanto, para que esse processo seja verdadeiramente positivo e promova a autonomia de jovens brasileiros/as, é essencial que programas de políticas públicas eficazes e democráticos saiam do papel e garantam o acesso universal a essas oportunidades, assim como pesquisas que apontem um horizonte para as resoluções desses problemas.

Resumindo, as categorias exploradas neste estudo abordam aspectos cruciais da relação entre Educação e Comunicação na contemporaneidade. Desde os desafios de adaptação da educação às mudanças estruturais e tecnológicas até a necessidade de dar voz a estudantes e superar desigualdades, essas categorias destacam a importância de uma abordagem integrada e inovadora para o ensino e a comunicação no século XXI.

3.4 Pesquisa Participante

Segundo Cicilia Maria Krohling Peruzzo (2003), pesquisadora das linhas de comunicação popular, comunitária, alternativa e mídia local, além de relações públicas, na perspectiva crítica e dos movimentos sociais, a pesquisa participante consiste na inserção do pesquisador no ambiente natural de ocorrência do fenômeno e de sua interação com a situação investigada. A importância desse tipo de pesquisa é defendida pela autora, na comunicação, com uma comunidade ou grupo. Peruzzo discute a generalização que se faz nos manuais de metodologia sobre a pesquisa participante, enfatizando que ela comporta diferentes modalidades, cujas especificidades se relacionam ao tipo de participação consumada pelo/a investigador/a e o nível de envolvimento do sujeito pesquisado.

Em geral a motivação é compreender de modo sistemático e com base científica, os processos de comunicação existentes, como forma de identificar suas inovações, virtudes e avanços, mas também as falhas, desvios de práticas comunicacionais, levantar as práticas participativas e de gestão, entender os mecanismos de recepção de mensagens e auscultar as aspirações dos receptores de modo a aperfeiçoar o trabalho desenvolvido nos meios de comunicação grupais ou midiáticos de alcance comunitário ou local. Paralelamente poderá ter a preocupação de documentar a história das experiências consideradas relevantes e dignas de serem registradas e dadas a conhecer a outros públicos - como o acadêmico - e ao conjunto da sociedade (Peruzzo, 2003, p. 15).

Peruzzo (2003) classifica como observação participante os trabalhos em que, embora próximo ao grupo, o/a pesquisador/a não se envolve, apenas observa as relações da comunidade e seu objeto de pesquisa. Já na pesquisa participante, existe o envolvimento do/a pesquisador/a com o grupo. Na pesquisa-ação, o envolvimento incluiria definições do projeto de pesquisa e sua realização pela comunidade. Observação participante, pesquisa participante e pesquisa-ação seriam modalidades de pesquisa participante.

Na sua tese de doutorado, a professora e pesquisadora Cláudia Regina Lahni (2005) discute diversos autores/autoras que enfatizam a importância da pesquisa participante. Eles/elas argumentam que é fundamental estabelecer uma conexão entre teoria e prática, entre reflexão e ação. Além disso, destacam a relevância da participação ativa do pesquisador na comunidade, enxergando-a como um "sujeito" e não como um "objeto" de estudo. Também salientam a necessidade de compartilhar o conhecimento gerado com o grupo, que igualmente contribui para a sua construção. Tudo isso visa promover mudanças com o objetivo de melhorar as condições de vida da comunidade e transformar a sociedade (Lahni, 2005, p. 33).

Entendemos que o trabalho da *Experimente Oficina (2020)* se situa na pesquisa participante, já que apresenta o envolvimento da pesquisadora com a comunidade e sua postura e ação em favor da mesma, assim como a possibilidade de futuras contribuições em projetos e práticas educacionais que contemplem sujeitos da mesma faixa etária. Os/as participantes não definiram os objetivos dessa pesquisa, e embora a *Experimente Oficina* tenha ocorrido em 2020, são as entrevistas e relatos das experiências destes e destas participantes que serão base para análise desse trabalho.

3.5 Pesquisa numa perspectiva feminista

Quando optamos por uma pesquisa baseada em pesquisa participante, entendemos também essencial o olhar para uma metodologia numa perspectiva feminista.

O relacionamento entre pesquisador e sujeito é um dos pontos centrais da discussão metodológica na perspectiva feminista. Por posicionar em seu cerne a preocupação em como transformar nossos estudos em instrumentos que vão ajudar os participantes, podendo melhorar suas vidas, torna-se imperativa a pormenorização do lugar de todos os atores sociais envolvidos nas investigações que se enquadram na linha feminista - como esta (Maia, 2020, p.67).

Aline Maia (2020), doutora em comunicação pela Pontifícia Católica do Rio de Janeiro (PUC-RIO), em seu livro “RABISCA E PÚBLICA Juventudes e Estratégias de Visibilidade Social e Midiática”, coloca em discussão estratégias de visibilidade social e midiática a partir de práticas de comunicação empreendidas por jovens pretos/as e favelados/as. Sujeitos cariocas e americanos/as que têm em comum seus corpos performáticos enquanto reivindicação de voz. A obra da autora, nascida de sua tese de

doutorado, permite que as juventudes observadas por ela em sua pesquisa de campo sejam protagonistas do trabalho.

Todo o texto e experiência de Maia (2020) dialoga veementemente com esta pesquisa que aqui se apresenta. Desde os sujeitos desta investigação até a metodologia adotada em todo o processo. É claro que, a verticalidade com que se apresenta a obra da autora e suas vivências em campo, trazem detalhes e aprofundamentos que não nos são permitidos aqui, com as limitações de tempo dadas num processo de mestrado acadêmico. Contudo, esta obra em especial, foi de fundamental importância para que traçássemos diretrizes e chegássemos a resultados significativos em nossa pesquisa.

Pelas experiências vividas e seguindo, então, os princípios feministas, o caminho do respeito, da honestidade “em campo” e “com o campo” parece ser o mais profícuo a uma investigação qualitativa. Acrescentar a humildade do pesquisador, condição imprescindível para o efetivo propósito de buscar a sintonia com o “outro”, na certeza de que não há saberes prévios superiores ao conhecimento a ser construído a partir da relação eu-eles-elas (Maia, 2020, p.72).

A pandemia agravou consideravelmente a iniquidade social em nosso país, acentuando ainda mais questões já profundamente enraizadas na sociedade, especialmente aquelas relacionadas a gênero, raça e classe - temas discutidos ao longo deste estudo. Conforme demonstram várias pesquisas citadas em artigo online do jornal “Outras Palavras”, intitulado “Por que a pandemia afasta mulheres da ciência”³⁰, podemos observar essas discrepâncias também no cenário acadêmico. A desigualdade de gênero, com menos mulheres em comparação aos homens, é resultado de uma construção social. A academia, assim como a maioria dos setores intelectuais e profissionais da sociedade, foi originalmente moldada por e para o público masculino.

O exercício de pensar a realidade das mulheres pesquisadoras é um convite para a reflexão acerca de outras profissionais. Pensar o trabalho das mulheres na pandemia em suas contraditórias condições de remuneração e não remuneração, bem como a maneira que essas atividades são atravessadas por questões de raça e classe, é urgente para desconstruir o mito de que o ingresso no mercado de trabalho é por si só libertador para elas. Pesquisadoras, empregadas domésticas, enfermeiras, cientistas, jornalistas, médicas, políticas, vendedoras e cozinheiras não serão livres caso seus trabalhos representem risco, instabilidade, baixos salários e sua única atividade remunerada dentre muitas outras não remuneradas (Coutinho; Mombelli; Agopyan; Tenca e Corrêa, 2020, n.p).

³⁰ OUTRAS PALAVRAS. **Por que a pandemia afasta mulheres da ciência.** Disponível em: <<https://outraspalavras.net/desigualdades-mundo/por-que-a-pandemia-afasta-mulheres-da-ciencia/>>. Acesso em: 11 set. 2023.

Reconhecemos as dificuldades que enfrentamos ao lidar com fundamentos teóricos que se concentram estritamente na perspectiva feminina também como aporte teórico. Essas dificuldades não se limitam apenas à contextualização de alguns conceitos, mas afetam significativamente nossa experiência diária na academia. Isso se manifesta, por exemplo, na resistência de colegas, professores e professoras que insistem na impossibilidade de abordarmos certos tópicos sem fazer referência a autores masculinos. Por outro lado, é absolutamente comum e lamentável encontrarmos trabalhos acadêmicos nos quais as referências não incluem sequer uma mulher.

No artigo de Gabriela Maria Farias Falcão de Almeida (2020), “A Pesquisa Científica a partir de Olhares Feministas”, a doutora em Sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco traz à tona reflexões sobre o que se constitui fazer uma ciência feminista. Almeida cita autoras que consideram a ciência tradicional como sendo androcêntrica e a partir de uma crítica a esse modelo questiona a quem serve o conhecimento e quem faz ciência. Ao desconstruir a ciência tradicional, podemos entender que a ciência não é algo à parte do contexto cultural e nos faz refletir também sobre a relação dos/das pesquisadores/as com o campo do estudo e sujeitos estudados (Almeida, 2020, p. 15).

Almeida (2020) considera o desafio de uma mudança de olhar do “fazer ciência enquanto feminista” para “fazer uma ciência feminista”:

Esse aprofundamento se dá a partir da desconstrução dos dualismos e da exclusão de diversas questões. É, na verdade, reconhecer que a sociedade é complexa e que a ciência precisa olhar para as relações de poder e problematizar valores universais. Isso tem uma implicação direta em metodologias de pesquisa e permite estudiosos e estudiosas olhar para o campo e os objetos de estudo a partir de perspectivas mais abrangentes e, ao mesmo tempo, inclusivas das diferenças (Almeida, 2020, p. 24).

A androcentria pode ser evidenciada em várias áreas, incluindo na linguagem, na cultura, na política e nas normas sociais. Por exemplo, a linguagem androcêntrica muitas vezes usa pronomes masculinos como genéricos, excluindo as mulheres e outras identidades de gênero. A cultura androcêntrica pode promover estereótipos de gênero prejudiciais, e as políticas androcêntricas podem ignorar ou subvalorizar as necessidades e direitos das mulheres e de outras identidades de gênero. Para tanto, assumimos aqui também essa responsabilidade no que diz respeito a uma construção epistemológica considerando o conhecimento adquirido, testado, validado e transmitido por mulheres.

4. EXPERIÊNCIAS EM PROL DAS JUVENTUDES NA PANDEMIA

*“É sempre mais difícil
ancorar um navio no espaço.”*

(Ana Cristina César, no poema
Recuperação da Adolescência).

Adolescência e Juventudes

Maria Rita de Assis César (1998), pesquisadora que concentra seus estudos na área de gênero e educação, em sua dissertação de mestrado em educação, pela Universidade Estadual de Campinas, afirma que as pesquisas sobre psicologia da adolescência realizadas no início do século serviram como base comum e estabeleceram um discurso dominante que ainda influencia representações e análises contemporâneas mesmo após mais de cem anos. Essas ideias continuam sendo amplamente repetidas ao longo de um século de pesquisa. Dessa forma,

O discurso psicopedagógico que versa sobre “adolescência”, a trata como se ela fosse um universo a-histórico, como se a figura específica adolescente, que surgiu a partir das malhas do discurso científico, estivesse desde sempre presente na história. Para o discurso psicopedagógico, tudo se passa como se a “adolescência fosse constituída por um conjunto de determinações ou qualidades imutáveis, e é por isso que ele recorre a uma compreensão biologizante e inquestionável desse suposto substrato ‘natural’. Nesse registro discursivo, o “adolescente” é concebido como ‘objeto’ de um discurso científico totalizável, capaz de compreendê-lo em suas determinações essenciais, para então propor alternativas terapêuticas capazes de abordar e sanar os ‘problemas’ dessa época peculiar, em que os jovens adoecem como que ‘naturalmente’ (César, 1998, p. 5-6).

Vivemos ainda em uma sociedade que insiste em associar a qualidade do sujeito adolescente à ideia de 'adolescência', termo originado do latim e que carrega consigo o significado de 'adoecer' ou 'enfermar'. Nessa dualidade etimológica da palavra, deparamo-nos com a complexidade de um indivíduo preparado para o crescimento, mas também um indivíduo propenso a enfrentar desafios e vulnerabilidades associados ao processo de amadurecimento (César, 1998, p. 1). Por outro lado, essa mesma sociedade capital dá conta da juventude como: “um jeito de corpo, sinal de saúde e disposição, perfil do consumidor, fatia do mercado onde todos querem se incluir” (Maia, 2020, p. 94).

Nesse limiar que separa a infância da vida adulta, numerosos são os estudos que se dedicam, em diferentes campos do conhecimento, em definir e compreender os indivíduos de tal faixa etária, assim como nomeá-la. A puberdade, por exemplo, será o termo adotado pelas Ciências Médicas, tendo um olhar para as mudanças corporais desses sujeitos. A Adolescência virá atender questionamentos da Psicologia, Psicanálise e Pedagogia, áreas referentes às alterações comportamentais ou de personalidade. E a Sociologia se concentrará no termo juventude para indicar essas transformações no âmbito social (Maia, 2020, p.84-85).

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)³¹, lei brasileira que estabelece direitos e deveres para crianças e adolescentes, define as faixas etárias que se aplicam a esses termos. De acordo com o ECA, a diferença entre "adolescente" e "jovem" é baseada principalmente na faixa etária. Aqui estão as definições estabelecidas pelo ECA:

- Adolescente: O ECA define como adolescente a pessoa com idade entre 12 e 18 anos incompletos. Ou seja, um adolescente é alguém que está na faixa etária dos 12 aos 17 anos;
- Jovem: O termo "jovem" não é definido explicitamente no ECA, mas é frequentemente usado de forma mais ampla para se referir a pessoas com idades entre a adolescência (12 anos) e a idade adulta (a partir de 18 anos). Portanto, "jovem" pode ser uma maneira de se referir a adolescentes e a jovens adultos.

O Estatuto da Juventude (Lei nº 12.852)³², publicado em 2013, abrange os direitos de jovens entre 15 e 29 anos no Brasil. O estatuto estabelece princípios e diretrizes para políticas públicas de juventude e cria o Sistema Nacional de Juventude (Sinajuve) para incentivar a participação dos jovens na formulação e avaliação dessas políticas. O documento assegura diversos direitos específicos para a juventude, incluindo diversidade, esporte, cultura, educação, trabalho, saúde e meio ambiente.

Dado que nossa pesquisa se situa no domínio interdisciplinar, acreditamos que classificar nossos participantes com termos unidimensionais não está alinhado com nosso principal objetivo. Portanto, explorar essas diversas manifestações da juventude,

³¹ BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Estatuto da Criança e do Adolescente. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 13 jul. 1990. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/crianca-e-adolescente/publicacoes/eca-2023.pdf>. Acesso em: 16 out. 2023.

³² GOVERNO DO BRASIL. Estatuto da Juventude completa nove anos em 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/noticias/assistencia-social/2022/08/estatuto-da-juventude-completa-nove-anos-em-2022>. Acesso em: 16 out. 2023.

indo além da faixa etária, nos permite avaliar seu valor, suas atividades, suas motivações e comprometimentos, sem nos limitar a categorias preestabelecidas. E assim, ora usamos adolescentes, ora jovens, ora juventudes. Isso pode ser feito por motivos de estilo, clareza ou para enfatizar diferentes aspectos ou perspectivas relacionadas a esse grupo.

Comunicação e Juventudes

Ainda hoje existem debates sobre a natureza da Comunicação no âmbito epistemológico, incluindo discussões sobre seu objeto de estudo, e se ela pode ser considerada uma ciência, disciplina e campo de conhecimento. Nesse sentido, Peruzzo (2018), constrói a discussão de seu artigo intitulado “Apontamentos para epistemologia e métodos na pesquisa em Comunicação no Brasil”, lançando mão da pergunta:

O que se pesquisa em Comunicação? Sem tentar responder esta pergunta, comentamos apenas, em primeiro lugar, que é grande a diversidade desde o ângulo do objeto explorado até às unidades de análise e os tipos de processos comunicacionais enfatizados. Essa diversidade é uma de suas riquezas e, talvez, de suas fraquezas. Simultaneamente à cobertura de temas e de objetos de pesquisa diversificados – até como reflexo da abrangência da área, como insinuado nos dois parágrafos anteriores –, o que complexifica o desenvolvimento de teorias, grosso modo, também corre-se o risco de dispersão, de pulverização de temas, de se dar ênfase às novidades, principalmente tecnológicas, e aos entornos dos processos comunicacionais (Peruzzo, 2018, p. 32-33).

E completa dizendo:

Em segundo lugar, a interdisciplinaridade característica dos processos Comunicacionais, dos próprios fundamentos teóricos e das estruturas nas quais as instituições midiáticas se enraízam, ao mesmo tempo que a fortalece, torna difícil a delimitação dos objetos e a demarcação de fronteiras em relação a outras áreas do conhecimento (Peruzzo, 2018, p. 33).

Quando falamos de juventude e comunicação, vem ao nosso encontro a pesquisadora nos estudos das representações sociais da juventude na mídia, Cláudia Pereira (2022), doutora e mestre em Antropologia Cultural pelo PPGSA (Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia) - IFCS (Instituto de Filosofia e Ciências Sociais) / UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro). Ela aborda que, “juventudes” remetem-se a estudos antropológicos, indicando esse conceito como bastante complexo, já que nele não se encerra um estilo de vida, uma identidade, mas sim encontra-se uma multiplicidade de formas “de ser” (Pereira, 2022, p.09).

Pereira dialoga com a obra da antropóloga mexicana Rossana Reguillo, ao criticar abordagens metodológicas de pesquisas voltadas para as juventudes, em que há um interesse maior: “(mais) nos modos de funcionamento das instituições e dos espaços do que nas culturas juvenis. Os jovens aparecem então desempenhando seu papel de estudantes, empregados, crentes, operários” (Pereira, 2013, p. 36).

A autora afirma que há uma dificuldade na sua problematização, reduzindo-se a dados oriundos de trabalhos descritivos que se preocupam mais em definir e qualificar os/as jovens do que a alcançar algum tipo de entendimento (Pereira, 2022, p. 05).

É pelo cotidiano que se forjam as “culturas juvenis”: como afirma Pais (1990), é a mesma “cultura do lazer” que, se de um lado, aprisiona as juventudes na “juventude” que lhes confere afinal uma unidade simbólica (os “signos geracionais”), por outro lado permite que se estabeleçam os espaços de sociabilidade, de trabalho criativo e de vínculo a múltiplos pertencimentos, elaborando subjetividades. É no cotidiano das culturas juvenis que nascem as tendências e contratendências, que são tecidas pelos fios da autenticidade, por uma dada fidelidade às forças e fraquezas do “ser jovem”. É do cotidiano que os jovens encontram os elementos que vão sustentar as suas narrativas e, desta forma, escapar do molde produtivo industrial “adulto” que julga entender tudo da “juventude”, mas que se vê cada vez mais afastada das juventudes (Pereira, 2022, p. 09).

Nesse ínterim, conclui ressaltando que, como instrumento de análise, a noção de “culturas midiáticas das juventudes” deve ser aplicada do ponto de vista dos produtos publicitários, jornalísticos e audiovisuais postos em circulação e, ao fazê-lo, espera-se que uma luz seja lançada sobre o papel dos/das jovens como atores sociais, capazes de conduzir, criar e modificar linguagens, formas e estratégias comunicacionais. Ou seja, tais juventudes transformam contextos a partir de suas experiências, colaborativas, críticas e sociais.

Ainda nas reflexões que dizem respeito às mesmas questões, comunicação e juventudes, as pesquisadoras Cláudia Regina Lahni e Fernanda Coelho (2009), estabelecem uma reflexão em que a educomunicação é apresentada como instrumento de contribuição para o exercício da cidadania e fortalecimento da identidade juvenil.

Ambas, a partir do projeto extensionista “Jornal e Rádio no UFJF: Território de Oportunidades”, realizaram uma pesquisa quantitativa e qualitativa com os/as participantes, concluindo que, “jovens se disseram mais conscientes do mundo que os/as cercam e demonstraram maior autoestima e autoconfiança, ao exercitar as oficinas de rádio e jornal impresso, propostas por elas”. Para Coelho e Lahni, ao exercer o direito à comunicação, esses/essas adolescentes puderam experimentar um dos fatores

essenciais para o real exercício da cidadania –, “Portanto, fazem-se importantes iniciativas envolvendo a comunicação de jovens, onde possam expressar suas ideias colocando em foco outras motivações que dizem respeito às suas vivências, que não só as noticiadas pela mídia massiva” (Lahni, Coelho, 2009, p. 125).

A pesquisa científica faz sentido quando é feita para gerar conhecimento capaz de contribuir com subsídios à sociedade para o equacionamento de suas questões cruciais, dos problemas à compreensão das configurações histórico-políticas, comunicacionais, econômicas, culturais, enfim de todas as áreas constitutivas dessa mesma sociedade. Como diz Paulo Freire (1981, p. 36), há um caráter político da atividade científica, e questiona: “a quem sirvo com minha ciência? Esta deve ser uma pergunta constante a ser feita por todos nós” (Peruzzo, 2018, p. 37).

Como mencionado anteriormente, mesmo que a *Experimente Oficina (2020)* tenha englobado uma parcela menos vulnerável da população, nosso foco e interesse aqui estão na compreensão de como a interseção entre arte, educação e comunicação, quando aplicada a esses participantes, pode fortalecer o exercício da cidadania. Essa abordagem visa impulsionar uma mudança efetiva em seu entorno e, por conseguinte, ressaltar a imperatividade de políticas públicas que proporcionem oportunidades a todas as pessoas.

4.1 Experimente Oficina

Para conter a propagação da Covid-19, as aulas presenciais foram interrompidas em março de 2020. Esta pesquisadora, afastada de suas aulas de teatro e eletivas do corpo e comunicação no Colégio Cantareira, instituição de ensino privada, situada na zona norte de São Paulo, mais precisamente no bairro Pedra Branca, convidou voluntariamente, em maio do mesmo ano, vinte e um/a jovens sem vínculo institucional para participar do que ela denominou de *Experimente Oficina*. Esses/as jovens, alguns/mas alunos/as e ex-alunos/as, outros/as convidados/as pela ministrante ou outros/as participantes, foram divididos/as em três grupos com base em suas faixas etárias. O primeiro grupo era composto por cinco participantes, todas com idades entre onze e catorze anos. O segundo grupo incluía nove jovens, com idades entre dezesseis e dezessete anos. Por fim, o terceiro grupo contava com sete participantes, entre dezenove e vinte e um anos. Todos/as os/as jovens participaram gratuitamente da

oficina, que teve a duração de uma hora e meia semanal durante dois meses, totalizando oito encontros.

Como manifesta o nome *Experimente Oficina*, os/as participantes experimentaram virtualmente o teatro, o corpo, as artes plásticas, a música, a poesia e, sobretudo, o audiovisual. Seguia-se sempre uma ordem com o propósito de *observar, contextualizar e produzir (com base na abordagem triangular de Ana Mae Barbosa)*. Os primeiros trinta minutos de aula eram dedicados ao corpo, com exercícios de alongamento, conscientização corporal e aquecimento. Num segundo momento era proposto pela mediadora da oficina um material de observação que variava entre as turmas e interesses pedagógicos. Esses materiais podiam ser videoclipes, curtas-metragens, imagens, matérias de jornais, vídeos do Youtube ou de redes sociais, músicas, textos, entre outros. Após contextualizar, partia-se para a produção que podia ser individual ou coletiva. Fechávamos a aula avaliando essas produções dando protagonismo aos/as participantes em seus comentários e observações.

Vale lembrar que o principal foco das experiências sempre esteve na área da experimentação. Portanto, no momento de fragilidade que vivenciamos devido à pandemia, era mais importante concentrar-nos na arte como meio de expressão do que nos dedicarmos à arte contemplativa ou, melhor dizendo, às belas artes ou à sua erudição. Nesse contexto, era fundamental que a pesquisadora abrisse um espaço de criação, levando em consideração as necessidades dos/as jovens envolvidos/as. A proposta da aula deveria seguir esses espaços, guiando-se pelas provocações provenientes desses sujeitos

De maneira dialógica e horizontal, as experimentações viravam cenas teatrais, composições musicais, poesias, coreografias, vídeos curtos, entre outras coisas, sempre na linguagem audiovisual, que era suporte e ferramenta de encontro. Além de um lugar importante de compartilhamento de angústias frente ao que estaria por vir, como canal de socialização e, por que não, entretenimento, a *Experimente Oficina* foi também semente para essa pesquisa, no que diz respeito à interface entre educação, comunicação e arte na contemporaneidade.

“Um pensamento... sem referências ou com todas elas. Um delírio, um devaneio”

Arte não existe sem conflito.

Conflito é o que permite que a arte exista, seja como produto ou processo.

Disse um poeta: “a arte existe porque a vida não basta”.

A frase é de Ferreira Gullar³³ (2014), mas deixamos ressoar em nossos ouvidos na voz de Maria Bethânia. Talvez porque assim o pensamento faça mais sentido. Talvez porque é nesse reconvexo com Bethânia, que os “olhos nos olham mas não nos podem alcançar.”

Sim, a arte existe porque só a vida, em seu lugar de efemeridade, não basta, ou melhor, nesse lugar, a vida por si só, é “chatérrima”.

Mas a arte existe, porque algo dentro a despertou. Um sentimento, um desejo, uma vontade. E para que ela possa falar em qualquer tipo de linguagem de sua existência, teve antes que despertar.

Mesmo no objeto da contemplação, ela é ação. Ela se principia em algo que necessita ser expresso, como fim, começo ou meio. Ela existe com algum propósito.

Ficará chamado, aqui, o propósito, de conflito.

Há quem chame de inspiração, mas preferimos chamar de conflito - esse primeiro ato de sua existência.

Esse conflito no produzir pode estar em diversos territórios. Pode estar na ação em si, na estética de uma obra. Pode estar nas sublinhas daquilo que escreve, naquilo que se vê. Pode estar no questionamento do tempo, ou na construção daquilo que entendemos como tempo. Nas narrativas expostas. Nas reconstruções épicas ou nos silêncios. O conflito pode estar em mim, no outro ou num espaço de nós. E até fora, ele pode estar.

Mas o que chamo atenção, a minha e sua, é que sem conflito não existe arte.

Ninguém assiste um filme que não tenha “plot”: um acontecimento, um enredo, uma trama que desperte a atenção. Uma história é contada, seja numa peça de teatro, num livro, espetáculo de dança, numa performance, numa instalação ou exposição. E uma história sem conflito, não existe, ou é simplesmente desinteressante.

Uma música conta uma história, seja através de sua letra ou ritmo. Um grafite, um *slam*, um artesanato, uma cerâmica. Desde sua forma essencial até a mais mercadológica, a arte vem da inspiração, existência, história, portanto: conflito.

A brincadeira com a palavra arte, conflito, é para dizer que no recorte de nossa dissertação não analisamos aquilo que é ou deixa de ser uma “obra” de arte. Se optamos

³³ Cf.: **Ferreira Gullar dá uma aula de amor à arte na Bienal** - https://www.campos.rj.gov.br/exibirNoticia.php?id_noticia=25356

em colocá-la no lugar da expressão, não ousaremos analisá-la de um ponto de vista técnico. O que ela é, ou deixa de ser. Não é nossa ambição.

Lidamos aqui, com algo extremamente precioso. Com os conflitos existenciais de jovens que se permitiram participar de um experimento de artes, que, coordenado por uma artista, antes de qualquer coisa, compartilhava com eles e elas suas dores, prazeres, vontades, coragens, querereres, e tantas outras coisas. Essa era a experiência.

Todos e todas estavam, virtualmente, para trocar. Essa era a finalidade. E se a proposta não dissesse nada a eles/elas, estariam livres de não produzir, não comentar, não participar. Éramos todos/as livres. Iguais e livres!

Na experiência que foi também viver a pandemia da Covid-19, a ideia de percepção de arte esteve noutra lugar. Enclausuradas em nossas casas, para todas aquelas e aqueles que puderam, é claro, adotando certamente o distanciamento, o que fazíamos com o tempo, se não consumirmos arte? Filmes, telenovelas, séries, músicas, livros. Arriscamos escrever poemas, rabiscar um papel em branco. Nos aventuramos em tintas, argila e pincéis. O lugar do nada nos tornava verdadeiras artesãs.

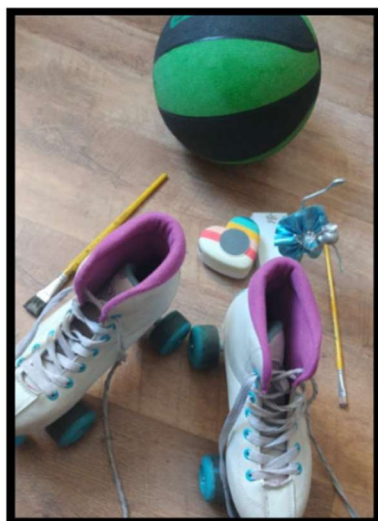
Começamos a fazer pão, bolo, massa caseira. Voltamos a costurar, fazer serviços de marcenaria, serviços manuais. Olhamos com mais afinco para as plantas. Fomos entender um pouco de jardinagem, arquitetura, gastronomia e até ousar numa nova decoração de interiores. O nosso.

Todos esses lugares são habitados pela arte. Ousamos experimentar. Ou caímos, ou quase, paradas, deprimidas.

Isso para dizer que, num país onde arte e cultura são condenadas a migalhas, no momento de maior desespero, foi sempre ela, a Arte, em suas diversas formas e prazeres que nos salvou. E continua a nos salvar...

E existe alguma coisa na alma dessa pesquisadora que pulsa arte... na luta que ela seja e esteja para todas as pessoas. Avante, sempre!

Figura 4 - Exercício Instalação



Fonte: Experimente Oficina, 2020

Figura 4 - Exercício Instalação: A partir do documentário “Lixo Extraordinário” (2010)

O filme mostra o trabalho do artista plástico brasileiro Vik Muniz com catadores/as de material reciclável, no aterro sanitário de Jardim Gramacho, no Rio de Janeiro, e revela também como a arte pode mudar a vida dessas pessoas excluídas e esquecidas pela sociedade, além de reforçar a questão da reciclagem como contribuição para a preservação do meio ambiente e para a inclusão social.

Alguns trechos do filme foram selecionados para observação em aula e na sequência os/as alunos/as foram convidados/as a criar suas instalações a partir de objetos pessoais. Eles/Elas também criaram vídeos curtos de como seria apresentar essa instalação sem o uso da fala.

4.2 Entrevistas

Nesse item apresentamos trechos de entrevistas com estudantes de classe média que fizeram parte da *Experimente Oficina (2020)*, em contexto de isolamento social e, portanto, em aula remota, por causa da prevenção à Covid-19. Esses trechos vão seguir uma organização a partir de nossas reflexões nessa pesquisa, segundo a legenda em cores:

- **Identificações e Apresentações** do/a entrevistado/a sem apresentar seu nome e, portanto, sem revelar de que participante se trata;
- Entendimento dos/das jovens **sobre o audiovisual**;
- Relação entre a oficina, **isolamento e saúde mental**;
- **Importância da Experimente Oficina**, em especial no contexto do distanciamento social na **pandemia**;
- Uma **atividade marcante** da Experimente Oficina;
- **Importância da Arte** na relação dos/das participantes com momentos imprevisíveis;
- Sobre conectividade, Internet e outras possibilidades de seu uso.

A partir das falas de entrevistados/as vamos fazer as relações da oficina com a teoria base desse trabalho, a fim de entender mais sobre a *Experimente Oficina (2020)*

e a colaboração da utilização do audiovisual para a potencialidade de jovens e fortalecimento do exercício da cidadania.

As entrevistas na íntegra se encontram nos anexos desta pesquisa como forma de contribuição à futuras pesquisas que contemplem essa área.

Identificações

Todas as entrevistas foram iniciadas com a apresentação da mestrande e seguidas por uma apresentação dos/das participantes. Participaram nove jovens, dois homens e sete mulheres, agora entre catorze e vinte e quatro anos, que tinham na época da oficina (2020), entre onze e vinte e um.

As entrevistas foram realizadas de maneira online, nos períodos da manhã, tarde e noite, conforme disponibilidade dos/das entrevistados/as, através do e-mail institucional da universidade UFSCAR-So, usando como ferramenta o Google Meet, e imediatamente transcritas para que não houvesse perda de informação. As falas foram corrigidas quanto à gramática e/ou palavras repetidas, sem, porém, alterar o fluxo da narrativa dos/das participantes. Todas as entrevistas tiveram duração máxima de vinte minutos.

Seis participantes encontravam-se no momento da entrevista em São Paulo capital, duas no interior paulista e uma fora do país, precisamente no Alasca. As entrevistas seguiram essa ordem:

Apresentações

Fabi - Meu nome é Fabiana Carlucci. Eu sou arte educadora, cineasta e pesquisadora. Sou mestrande no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos da Condição Humana na Universidade Federal de São Carlos, PPGECH, Campus Sorocaba. Estou fazendo um trabalho a partir da produção audiovisual colaborativa de jovens no contexto escolar. Você foi escolhida porque participou da *Experimente Oficina* durante a pandemia, de forma remota. E utilizou o audiovisual como ferramenta de aprendizagem e ou produção. Não foi? Esse trabalho vai ser assim: Eu vou te fazer algumas perguntas que vai demorar aproximadamente vinte minutos. Mesmo você me ajudando no trabalho, não vai receber nada. Esse trabalho consiste em algumas perguntas e você só responde se quiser. E se quiser deixar de participar em qualquer momento, você pode. Tudo bem? Então primeiro, eu gostaria que você se apresentasse, falasse seu nome, sua idade e **contasse um pouco de você.**

T (20 anos) homem - “Atualmente sou estudante na faculdade. Eu faço sistema de informação e tenho uma paixão grande pela música. Então tenho como um hobby hoje em dia a música, né? Faço músicas autorais, gravo covers e... mas hoje em dia levo mais a sério a questão da tecnologia. Hoje tô trabalhando e estagiando como analista de suporte.”

S (20 anos) mulher - “Atualmente estou fazendo publicidade e propaganda na Unip. Eu me considero uma pessoa bem comunicativa, comparando com os anos atrás, acho que evoluí muito nisso. E eu gosto muito de arte, desenho e todas essas questões que têm ligação com esse mundo.”

C (20 anos) mulher - “Eu faço faculdade de jornalismo na Anhembí Morumbi. Consegui uma bolsa. Tô super, assim, realizada. Minha carreira tá começando agora, tá decolando. E eu tô muito, muito, muito feliz. E eu faço faculdade de comunicação, né? E eu sempre gostei muito de falar, de conversar. Acho que dá pra perceber.”

BA (24 anos) mulher - “Hoje eu estudo administração e trabalho à bordo de um navio.”

BO (22 anos) homem - “Faço marketing, trabalho no ramo também há três anos.”

MC (23 anos) mulher - “Eu sou designer numa grande empresa de beleza e meu dia a dia consiste basicamente em acordar e trabalhar e tentar aproveitar um pouquinho do resto do dia, que sobra depois desse tempo.”

L (14 anos) mulher - “Ah, o que eu tenho que pra falar de mim, tipo, nesse contexto, eu acho que é que eu sou uma pessoa que gosto muito da arte, desde pequena. Gosto muito de me expressar dessa forma. Eu gosto muito também de natureza, dos animais.”

S (16 anos) mulher - “Eu tô no primeiro ano do médio e eu agora tô me interessando muito por teatro, por arte no geral, desenho, escrita. Então é uma coisa que agora eu tô estudando muito. Acho que tô na minha quinta ou sexta peça de teatro. Então, arte agora é uma coisa pela qual eu tô me interessando bastante e é a carreira que eu busco seguir.”

N (16 anos) mulher - “Tô no segundo ano de ensino médio e eu gosto muito de dançar, faço sapateado desde que eu tinha 4 anos até hoje. Gosto muito de me exercitar, de ler, de assistir filmes e várias coisas nesse sentido. Eu sou uma pessoa um pouco tímida, mas muito comunicativa no geral. Então, por mais que nos primeiros momentos eu não me abra muito, eu também não sou uma pessoa difícil de conversar.”

Como os/as participantes entendem a palavra audiovisual? E de que maneira o audiovisual os/as auxilia em seu cotidiano?

“Um meio de comunicação que quebra fronteiras físicas. O audiovisual traz pra gente essa possibilidade da gente se comunicar e levar informações por lugares que antes não tínhamos essa possibilidade. Então a gente explorou isso mais na época de pandemia que é essa questão de entrar aqui numa sala virtual e conversar sobre coisas, ensinar coisas... eu acho que o audiovisual contribui pra isso (...) As ferramentas audiovisuais me auxiliam bastante, tanto em questões de trabalho, quanto em questões de lazer. Então, hoje em dia, no trabalho, faculdade, por exemplo, eu utilizo elas com clientes ou pra me comunicar com professores, por exemplo. Essa é a forma que eu consigo achar de melhorar profissionalmente, de conseguir ir atrás dos conteúdos da faculdade. E em questões de lazer também o audiovisual me ajuda a estar mais conectado com as pessoas, a conhecer mais, a me conectar com coisas que antes eu não conseguia (T - 20).”

“Eu acho que os meios audiovisuais ajudam muito. Eu passei por uma fase nos últimos dois meses de procurar um emprego e ultimamente as empresas pedem muito para que você se apresente em vídeo, para que você grave um vídeo currículo. Nada mais é um papel com as suas experiências. Hoje você tem que gravar um vídeo, você tem que entrar em uma ligação por vídeo com alguém. Então eu acho que está sendo muito importante para todas as pessoas, principalmente depois desse contexto da pandemia (S-20).”

“Eu entendo o audiovisual não só como uma forma de expressão artística. Porque tem todo esse lado sensível e tal, mas também na questão de inserir informações dentro de uma sociedade. A questão da mídia, entende? (C - 20).”

“Primeiro que a gente consegue se conectar com outras pessoas em todo lugar do mundo, na verdade. O que faz muita diferença para mim, principalmente. E a mais importante é que você pode se conectar com pessoas que você não conhece também, mas que tem algo a te transmitir. Eu acho isso muito interessante também. A gente pode procurar uma aula diferente, a gente pode procurar um espaço... Coisas diferentes para assistir que vai trazer novas experiências de alguma forma. Eu acho muito interessante. A mim, ajuda muito no dia a dia (BA, 24).”

“Hoje, trabalhando com marketing e trabalhando nesse ramo de eventos, audiovisual é sempre muito importante, desde a parte da comunicação para um convite, receber os clientes em eventos e todo o público. O audiovisual também está presente

nas telas do evento, para mostrar alguma comunicação, algum banner com alguma informação importante de segurança, de comunicados sobre a empresa, etc (BO - 22)”.

“(...) o audiovisual, para mim, acho que eu não consigo imaginar uma vida sem o audiovisual, que foi uma coisa que entrou tanto na vida, acho que de todo mundo, que não existe mais a... Nossa, muitos anos, desde a criação da televisão, do cinema, tudo isso nunca mais vai ser igual, você pode ter certeza (M.C - 23)”

“Ah, eu acho que, por exemplo, a entrevista que a gente tá fazendo agora, poderia dizer que é algo audiovisual, certo? Igual, o próprio trabalho que a gente fez durante a pandemia, na Experimente Oficina, foi um trabalho audiovisual. Então, eu acho que me ajuda muito a me comunicar com pessoas que estão à distância, por exemplo, você. Só que me ajudou mais ainda na pandemia, que praticamente tudo era feito de forma audiovisual (L-14)”

“As ferramentas audiovisuais ajudaram muito durante a pandemia, principalmente por conta das aulas, porque foi a forma que encontraram de conseguir manter o roteiro que tinham das aulas que a gente ia ter durante o ano. E atualmente, como agora as aulas passaram a ser presenciais de novo, eu acho que mesmo saindo da pandemia, várias, as pessoas meio que redescobriram a possibilidade de poder usar o audiovisual para várias outras coisas. Então, muitas coisas que antes eram 100% presenciais, agora passam a ser, às vezes, um pouco híbridas, ou coisas que antes eram presenciais podem ser feitas por home office, por exemplo. Então, eu acho que agora, por mais que a gente tenha saído da pandemia, fica sendo muito mais presente do que era antes dela começar (N - 16).”

No entanto, a pandemia também trouxe consigo alguns desafios à saúde mental desses/as jovens:

“Parecia um mundo distópico. Parecia que eu estava vendo um filme, sabe? Desenvolvi ansiedade, desenvolvi depressão e tive episódios de crise de pânico. Muitas vezes, aliás. Foi um momento muito atípico mesmo. Então sofri bastante com isso. (T - 20).”

“Aí eu desenvolvi uma ansiedade. Uma ansiedade que, na verdade, eu sempre tive. Desde pequena, mas estava controlada. Aí quando chegou a pandemia, desencadeou tudo de novo (S-20).”

“Eu não me senti ansiosa ou não fiquei depressiva. No pós, eu posso dizer pra você que voltar tudo foi meio... Caramba, será que já pode mesmo? Deixar de usar

máscara, por exemplo. Até hoje eu uso máscara em alguns lugares. Virei a louca, viciada em álcool em gel. Tendo o meu em todo lugar. **O pós talvez tenha trazido um pouco dessa ansiedade, desse medo.** (C-20).”

“**Na pandemia tudo se agravou. Eu já sofria com ansiedade.** Tomava remédios, acabei tendo que mudar, assim que normalizou um pouco as fases da pandemia. Eu tive que voltar ao psiquiatra para alterar um pouco isso, **porque tudo se agravou com ansiedade.** As pessoas se tornaram muito imediatistas. Então tudo, até em questão de trabalho, as pessoas querem uma resposta imediata através de uma reunião. Tudo virou uma conversa que precisa ser resolvida na hora e a gente acaba se cobrando um pouco mais (BO- 22).”

“**Eu sempre tive ansiedade**... Enfim, eu não sei dizer se exatamente se agravou por causa da pandemia. Eu acho que, arrisco dizer que não. Mas, obviamente, teve alguns momentos que **ficou mais tenso**, né, com as notícias que saíam, e aí, **obviamente, aumenta a ansiedade** (MC - 22 anos).”

“(...) eu **fiquei com a saúde mental um pouco instável**, né. Por conta de eu **sentir muita falta de ver os meus amigos**. Tipo, eu fui uma das últimas a sair do isolamento, a última a tirar a máscara. Porque eu tenho um histórico de doenças respiratórias. E daí **eu tenho comorbidade**, né. Tomei a vacina antes até, tal. Eu tenho asma, bronquite, rinite... Ah, eu tenho tudo! Já tive várias internações por conta de problema respiratório. Aí... Meus pais sempre ficaram muito rígidos com isso, por causa da minha comorbidade (L - 14).”

“Pra mim foi **bem difícil. Porque a coisa que me dava vontade pra escola era essa interação social, né?** Ainda mais porque eu tinha acabado de mudar de cidade, mudar de escola. Então, eu não podia nem interagir com os alunos no chat ali da aula. Porque eu não sabia como. Eles ficavam ali conversando entre si no chat, não prestando atenção na aula. Só conversando entre si. Aí veio essa coisa e eu ficava **completamente desmotivada**, sabe? De ir pra aula e não ter ali aquela coisa física todo mundo junto (S-16).”

E de que maneira a Experimente Oficina auxiliou esses/essas jovens naquele momento de isolamento?

“Eu acredito que o experimento em si me trouxe essas melhoras em questão de autoconhecimento e abraçar a tecnologia de uma forma diferente. Então abraçar esses novos meios de comunicação de uma forma diferente. Eu sentia que era um momento de escape. Um momento em que eu podia fugir um pouco daquela realidade que não parecia real (T - 10)”.

“(…) eu comecei a conversar lá e eu percebi, na Experimenta Oficina, fazer as atividades, eu percebi que, na verdade, não tinha por que estar com vergonha. É a mesma coisa, a gente está tendo a mesma relação que a gente tinha, só que a diferença é que a gente está tendo por um objeto e não realmente cara a cara (S - 20)”.

“(…) eu consegui sair muito mais da minha caixinha. Independente de estar trancada em casa na pandemia, independente de estar presencialmente, sabe? (...) Então, assim, com certeza me ajudou bastante nessa parte de desenvolver aonde eu queria estar, que é onde eu estou hoje (C - 20)”.

“Descontração total, sair um pouco daquele caos que estava o mundo, apenas notícias ruins, a gente desconstruir um pouco essa questão de que em casa a gente não consegue fazer nada, a gente teve totalmente uma descontração no nosso dia a dia pra poder mexer um pouco com o nosso corpo, falar um pouco mais sobre a gente, etc (BO - 22)”.

“Acho que a pandemia trouxe esse pedido de conexão consigo mesma. E a Experimente Oficina me ajudou muito com isso. Porque a gente trabalhou lados diferentes sobre nós mesmos. Então, tudo era mais ou menos uma forma de autoconhecimento. O que toda a oficina, todos os exercícios traziam para nós mesmos (BA - 24)”.

“(…) eu ficava sentada o dia inteiro na frente do meu computador, eu não fazia mais nada, era cadeira, cama, banheiro, cozinha, e era só isso que eu fazia. Então, quando veio a ideia de, poxa, conversar, ver outras pessoas também, e principalmente se mexer, começar a se alongar, sentir os ossos estalando... fez uma diferença (MC - 22)”.

“(…) era uma forma de eu fazer parte de um grupo de pessoas, mesmo estando isolada. E não era um grupo de pessoas que eu tava acostumada. Por mais que eu já conhecesse, acho que duas integrantes, eu fazia várias atividades com pessoas que eu não tava tão acostumada a conversar. E foi importante, porque foi uma maneira de eu me distrair na quarentena (L - 14).”

“Ai, pra mim foi... Foi algo **muito importante**. Porque foi... Foi como se eu pudesse **extravasar tudo que eu tava sentindo no momento que eu tava passando**. Não só na questão de isolamento social, mas tava passando comigo uma fase muito complicada (...) E acho que foi o que **fez eu descobrir que eu gostava mesmo de criar coisas, de criar arte** (S - 16).”

“Eram atividades diferentes que também traziam **uma coisa que deixava mais leve**, para você meio que **dar uma distraída**. Para mim foi **muito importante** e também **fazia pensar**, não era como se fossem atividades que você ia fazer só por fazer. Você também tinha que colocar um esforço naquilo, você também tinha que botar uma concentração. Então **foi bem gostoso** (N - 16)”.

Uma atividade marcante da Experimente Oficina foi:

“(...) vou citar novamente a questão de **eu ter criado uma música**. Que foi proposto a gente fazer algo que descrevesse o momento que a gente estava vivendo ali. E isso **abriu muito uma questão emocional e artística minha**, para desenvolver aquele trabalho (T - 20)”.

“Eu queria falar sobre uma questão específica que teve, numa atividade específica que a gente **tinha que gravar um vídeo da nossa rotina**, se eu não me engano. **Eu gravei um vídeo** que eu estava levantando da cama e você falou assim: “Mas meu Deus, você levanta da cama tão rápido assim? Tem que levantar a cabeça por último.” **Até hoje eu vou levantar da cama e eu levanto a cabeça por último** (S - 20)”.

“**E eu escrevi**, eu **fiz sobre um rap**, né, e era um rap com uma crítica social.(...) que era Canção Infantil. (...) . E é um rap sobre uma crítica social incrível, emocionante, e eu choro todas as vezes que eu escuto essa música, de tão linda que ela é. E eu lembro que eu fiz sobre ela, e aí eu **fiz um desenho** sobre o que seria o livro da vida. E aí você até falou pra mim, você falou assim, mas o que seria o livro da vida, né? **O quê é que tem nesse tal livro da vida? Então isso me marcou muito**. E eu penso até hoje, inclusive, quando eu escuto essa música, eu lembro exatamente desse momento (C - 20)”.

“(...) a gente realmente **sentiu partes do corpo** que a gente não estava desfrutando por estar em casa. Fizemos exercícios bem bacanas, que **pôde movimentar coisa que a gente não estava movimentando** muito e esquecendo do que era essencial para a gente **sair um pouco da rotina** e ficar sentado o dia inteiro ou ficar em casa o dia inteiro. Isso ajudou bastante (BO - 22)”.

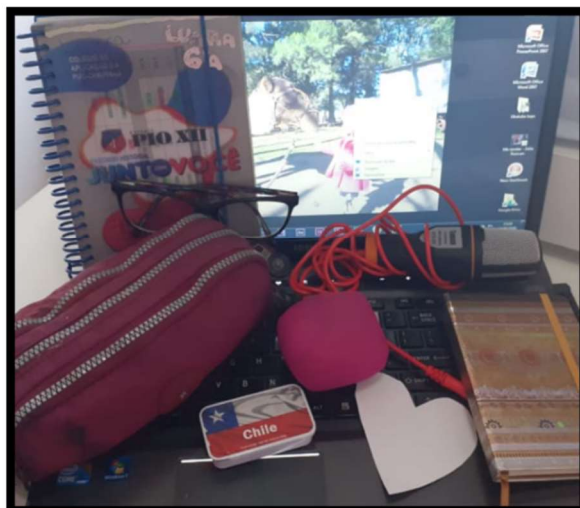
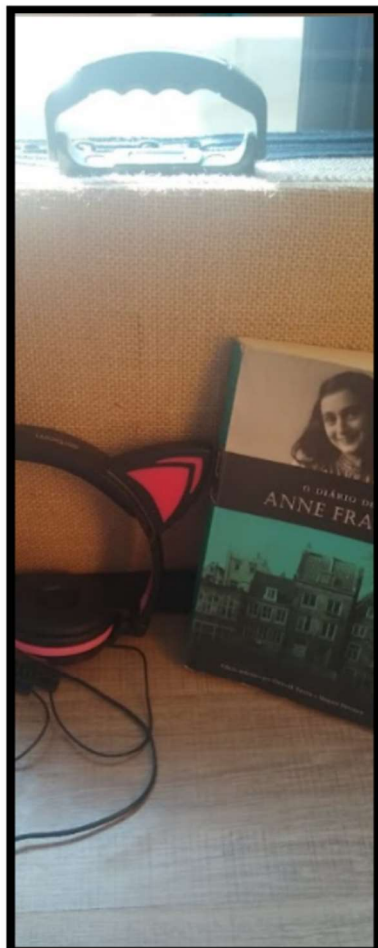
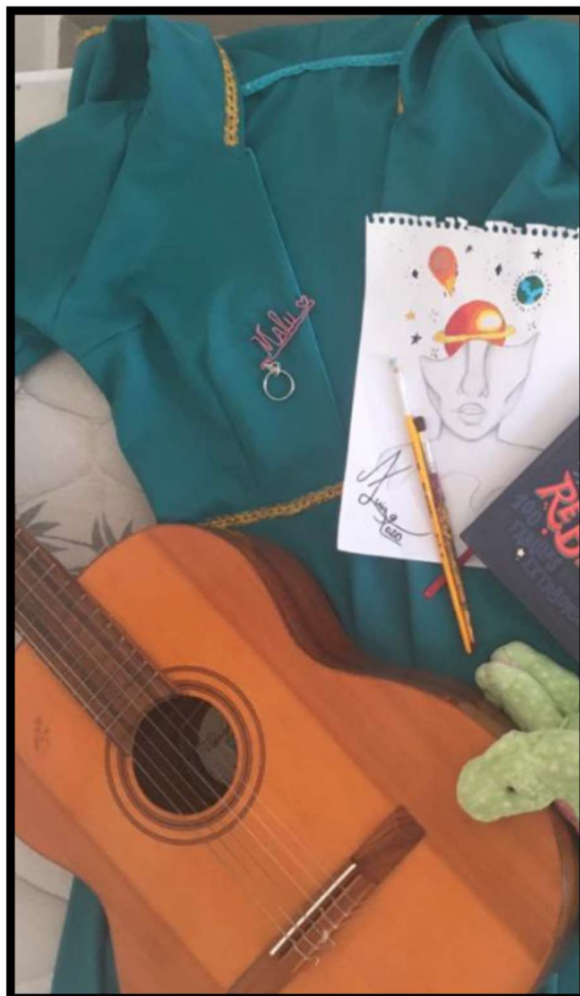
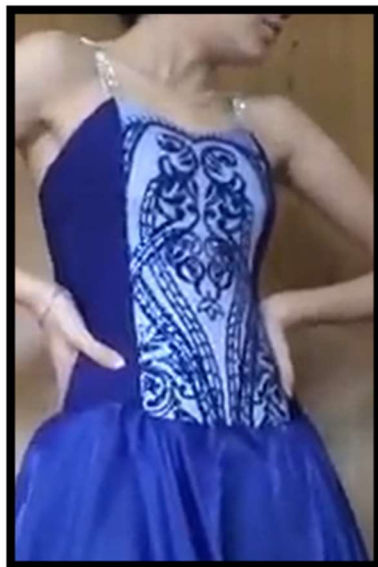
“Me abriu muito a cabeça para, talvez, começar a contar um pouco mais sobre mim. Talvez **começar a fazer vídeos sobre mim**. Contando experiências. E, claro, é importante porque **ativou novamente aquela paixão pela arte**. Aquela paixão **pelo teatro**, principalmente (BA - 24)”.

“Pra mim, **foi um vídeo em que tinha muitas memórias**. Então, eu acho que tinha a ver com isso. Com você **resgatar uma memória minha**. Eu lembro que eu peguei um bonequinho meu, que eu tenho desde bebê. Que foi a minha avó que me deu e tal. E que ele não tem olho, porque o cachorro da minha avó arrancou o olho dele. E daí, eu lembro que **eu fiz um vídeo** muito...Tipo, eram vários close só do boneco. Eram vários detalhezinhos dele. E daí, era a minha voz. **Eu meio que interpretava diferentes personagens só com a minha voz e tal**. E mostrando o boneco. Acho que é o que eu mais lembro. Porque **foi uma coisa que mexeu muito comigo fazendo** (S - 16)”.

“(...) era um que **ela pintava flor na cara**, assim. **Eram três personagens, eram três tipos de flores diferentes**, que ela fez uma **maquiagem artística**. E daí **ela postou no TikTok**, acho que pegou, tipo, **duas mil curtidas**. Na época, tipo, não era tão comum viralizar no TikTok. Então a gente ficou, nossa, que legal. (L - 14)”.

“**Eu lembro da dança que eu fiz**, que no mesmo que eu fiz um que **eu dançava**, a M. fez um que **ela compôs uma música, ela cantou**. E aquele foi muito diferente, porque **eu nunca achei que eu fosse fazer um vídeo dançando** (N - 16)”.

Figura 5 - Exercício Movimento, Objetos e Memória



Fonte: Experimente Oficina 2020

Figura 5 - Exercício Movimento, Objetos e Memória

Os/as participantes foram convidados/as a criar a partir das diversas formas de expressão reconstruções de memórias afetivas e nos contar histórias com início, meio e fim. Embora o trabalho estivesse centrado em lugares reais, seu resultado, enquanto produto audiovisual, poderia ser ficcional. O objetivo desse exercício era entender o que realmente importa ao receptor quando o “eu” comunicador emito uma mensagem.

E o que significa arte para você? Como a arte ajudou e ajuda esses/essas jovens a lidar com momentos imprevisíveis?

“Então, passa pela minha cabeça fazer projetos de edição de vídeo falando sobre a história da bossa nova em 30 segundos. Porque as pessoas estão muito ansiosas por receber informação. Ainda mais nesse momento que a gente está vivendo de muitos conteúdos curtos. E o problema de conteúdos curtos é que eles, na maioria das vezes, são superficiais (T - 20)”

“Na época da pandemia mesmo, eu desenvolvi um carinho muito grande por maquiagem. Todos os trabalhos que envolviam arte, mas eu acho que foi mais para o final da pandemia, então talvez eu não tenha pego essa época no projeto. Mas eu comecei a fazer maquiagem mais artística. Eu comecei a desenhar de forma digital também e tudo isso foi me ajudando (S-20).”

“A arte, seja sair, assim como normalizou, e poder desfrutar de diversos tipos de coisas artísticas que fazem a gente se distrair, realmente, desde um filme, que a gente se desconecta do mundo para poder interpretar aquilo e absorver um pouco daquilo, uma série, um podcast, uma música, realmente me ajudou muito (BO - 22).”

“Consegui fazer muita arte. Durante a pandemia foi o momento que eu mais fiz arte (BA - 24).

“Eu não consigo descrever em palavras o quanto a arte me ajuda todos os dias. Eu arrisco dizer uma frase muito forte, mas acho que se não fosse a arte, eu não estaria aqui hoje. Ela é imensuravelmente importante na minha vida (MC -22).”

“Porque acho que ninguém tava, tipo, 100% bem naquela época da pandemia, né. Então, na época me ajudou sim. E... Ah, é bom a gente se expressar de outras formas também. Porque querendo ou não, a gente vai se fechando. E quando, por exemplo, na volta... Eu não era. Porque teve gente que voltou e ficou muito fechado. Eu não, sempre fui uma pessoa muito aberta. Porque sempre me expressei muito bem (L - 14).”

“Assim, um pouco antes da pandemia começar, eu tinha entrado no clube de teatro da escola. Mas eu tive que parar o teatro. A escola inteira parou o teatro também. E eu percebi que eu tava sentindo muita falta daquilo (S - 16)”.

“Porque, além de uma forma de expressão, é uma válvula de escape muito grande. Ainda mais os diferentes tipos de arte que a gente pode ter. Alguma pessoa que pode ter mais afinidade com um certo tipo, por exemplo, e não com outro. São muitas opções de forma que você consegue colocar pra fora o que você está sentindo. Principalmente na pandemia, que foi uma época que a gente sentiu muita coisa, mas que não tinha onde colocar pra fora (N - 16)”.

Em síntese:

- **Todos/as os/as** participantes consideram o audiovisual ferramenta de suma importância em seu cotidiano, assim como durante a pandemia, no que diz respeito à comunicação, recepção de informação e também entretenimento;

- **Cinco** dos/as participantes, ao fazerem escolhas profissionais, têm experiência ou estão atualmente envolvidos em áreas relacionadas à arte e/ou comunicação;

- **Sete** participantes afirmam ter enfrentado impactos em sua saúde mental durante a pandemia ou nos períodos subsequentes a ela;

- **Todos/as** consideram que as experiências vividas na Experimente Oficina desempenharam um papel significativo ao enfrentar o período de isolamento social, tornando-os/as mais receptivos em relação ao corpo, à criatividade e à comunicação;

- Por fim, **todos/as** acreditam que a arte desempenha um papel de suma importância em momentos imprevisíveis, como o da pandemia, fortalecendo seu lado mais sensível ou desempenhando um papel crucial em seu cotidiano em relação às emoções, medos, angústias e afins.

Figura 6 - Exercício Escrita e Imagem, Pandemia

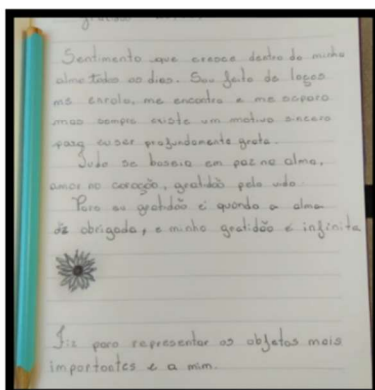
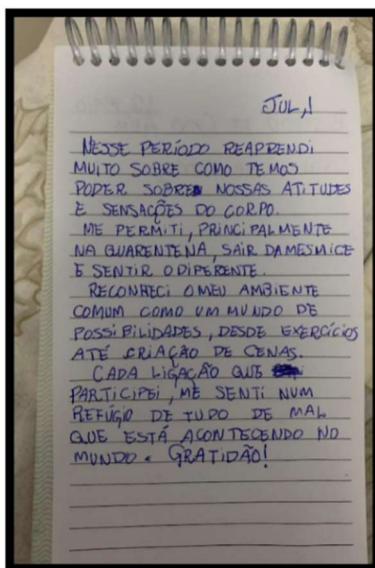


Figura 6 - Exercício Escrita e Imagem, Pandemia

No ápice da pandemia, essa representação assume mais uma vez, um simbolismo marcante, refletindo as sensações e expressões variadas dos/das jovens envolvidos no movimento proposto. O exercício de conclusão permitiu-lhes liberdade total para conceber e expressar suas emoções no contexto daquele momento desafiador.

4.3 Comentários

Educomunicação

Assim como já mencionado, adotamos Educomunicação nesta pesquisa, também, e sobretudo na perspectiva de “Educação pelos meios de Comunicação”. Segundo Grácia Lopes Lima:

- a) As práticas que relacionam Comunicação e Educação, quando desenvolvidas em grupo sob mediação não centralizadora, desencadeiam no grupo a aprendizagem de uma relação social pautada pela escuta de si e do outro e pelo respeito à diversidade;
- b) O uso dos recursos da comunicação social em práticas educativas é uma das maneiras mais eficazes de desenvolver o potencial criativo de crianças e adolescentes (Lima, 2009, p.65).

Acreditamos que a *Experimente Oficina (2020)* conseguiu promover a colaboração entre o grupo, especialmente no que se refere a situações de comunicação, expressão de sentimentos, comunicação oral e criatividade. Valorizamos a inclusão de todas as opiniões e o respeito à diversidade, reconhecendo diferentes formas de fala e comportamento. Estamos convencidas de que o direito à comunicação é fundamental para todos/as, e destacamos a importância de reconhecer as pessoas e grupos envolvidos como autores/as de suas próprias histórias, capazes de documentá-las e compartilhar o que é verdadeiramente significativo para eles/elas.

Ao interagir e aprender com os/as participantes, praticamos uma escuta ativa, ao mesmo tempo em que nos atentamos para estabelecer um ambiente propício para que esses/as jovens expressassem suas visões. Buscamos incorporar uma abordagem metodológica que englobasse as próprias juventudes pesquisadas, permitindo que elas desempenhassem um papel ativo na produção de conhecimento. Os dados desta pesquisa originam-se das vivências compartilhadas por esses/as jovens, que generosamente contribuíram para enriquecer novas, quando originais, investigações

relacionadas a essa temática, oferecendo uma perspectiva mais abrangente das circunstâncias, inquietações, aspirações e desejos que caracterizam essa faixa etária.

Tomamos também:

(...) o termo Educação como um conjunto de mecanismos, institucionais ou não, que exercem influência sobre o nosso modo de pensar e lidar com a vida, conosco e com os outros, e recuperar algumas consequências sobre a formação do povo brasileiro. Essas ações, porque transmitiram valores específicos de um determinado grupo de pessoas, num determinado tempo, muito contribuíram para configurar o tipo de sociedade em que vivemos (Lima, 2009, p.78).

Assim como Lima (2009), também acreditamos que projetos que contemplem a comunicação comunitária podem assegurar o direito humano de produzir comunicação independente da idade, etnia, gênero, condição socioeconômica. Essa contribuição torna-se potência na afirmação da liberdade e na negação radical de toda forma de dominação e exploração, muitas vezes sustentadas por uma sólida pedagogia tradicional e tecnicistas repassadas também pela Educação Formal (Lima, 2009).

Comunicação Comunitária e Cidadania

Trabalhamos comunicação comunitária na perspectiva que se refere ao processo de troca de informações dentro de uma comunidade específica. Esse tipo de comunicação visa fortalecer os laços sociais, promover a participação cívica e empoderar os membros da comunidade. Seguem-se alguns aspectos da comunicação comunitária como entendida aqui:

- Participação ativa: A comunicação comunitária enfatiza a participação ativa dos membros da comunidade no processo de comunicação. Isso pode incluir reuniões comunitárias, fóruns online, grupos de discussão e outras formas de envolvimento;
- Diversidade de meios de comunicação: Envolve a utilização de uma variedade de meios de comunicação, que podem incluir mídia impressa, rádio, televisão, mídias sociais e outros canais para atingir diferentes segmentos da comunidade;
- Foco nas necessidades locais: A comunicação comunitária geralmente concentra-se nas necessidades específicas da comunidade em questão. Isso pode envolver a divulgação de informações sobre serviços locais, eventos comunitários, questões sociais relevantes e oportunidades de participação;
- Empoderamento comunitário: Um dos objetivos principais é capacitar os membros da comunidade, proporcionando-lhes acesso à informação, oportunidades de expressão e recursos que possam beneficiar a comunidade como um todo;

- Diálogo aberto: A comunicação comunitária promove o diálogo aberto e a troca de ideias entre os membros da comunidade. Isso pode incluir a resolução de conflitos, a discussão de questões locais e a colaboração para alcançar objetivos comuns;
- Desenvolvimento sustentável: Ao promover a comunicação eficaz dentro da comunidade, a comunicação comunitária contribui para o desenvolvimento sustentável, permitindo que os membros colaborem para melhorar as condições de vida locais.

Assim sendo, a comunicação comunitária desempenha um papel crucial na construção de comunidades mais fortes e coesas, estimulando a participação cívica e facilitando a resolução de problemas locais. Para Peruzzo (1999),

Todas essas experiências de democratização dos processos comunicacionais gestaram formas de participação ativa de segmentos da população na elaboração e transmissão da comunicação. E nessa práxis — a prática mais a teorização/reflexão sobre ela — que se desenvolve o processo educativo para a cidadania. Para compreendermos sua dimensão enquanto instrumento educativo para a conquista da cidadania, temos que apanhá-la imbricada nos processos de organização e ação popular mais amplos (Peruzzo, 1999, p. 223).

A pesquisadora ainda conclui dizendo que os meios de comunicação nas organizações progressistas da sociedade civil desempenham um papel educativo, tanto pelo conteúdo das mensagens quanto pela participação popular no processo de produção, planejamento e gestão da comunicação. A participação popular contribui para o engajamento social, favorecendo o desenvolvimento social e a transformação cultural. Uma vez efetivada, essa participação pode influenciar valores, aumentar a conscientização sobre direitos humanos e de cidadania, além de proporcionar uma compreensão mais profunda do mundo e dos meios de comunicação de massa. Assim, esses meios se revelam como espaços de aprendizado para o exercício de direitos e a ampliação da cidadania (Peruzzo, 1999). Na realização do *Experimente Oficina*, pudemos perceber também a comunicação e educação, em interface com a arte, contribuindo para a cidadania daquelas/es jovens, constituídos/as ali como um grupo, com objetivos comuns.

Saúde Mental e Arte

Sobre o adoecimento mental de adolescentes na pandemia, as pesquisadoras Claudia Reis Miliauskas e Daniela Porto Faus, em seu artigo “Saúde mental de adolescentes em tempos de Covid-19: desafios e possibilidades de enfrentamento”, escrevem que:

A arte, a cultura e o esporte também têm papel crucial na promoção da saúde mental da população como um todo, mas especialmente dentre os adolescentes. A produção de conteúdo que favoreça a imaginação e a criatividade, que fortaleça a percepção do adolescente de pertencimento a grupos ou tribos pode favorecer o seu desenvolvimento saudável neste momento (Miliauskas, Faus, 2020, p. 5).

Portanto, mais uma vez salientamos as impactantes consequências do isolamento social para a população naquele momento, assim como o impacto negativo na saúde mental de adolescentes. Percebemos que a *Experimente Oficina (2020)* desempenhou papel ativo no combate aos desafios de saúde mental enfrentados pelos/as adolescentes participantes a partir de seus relatos nas entrevistas.

Arte e Pandemia

Ana Mae Barbosa (2022), em um artigo intitulado "Três Mulheres de Três Gerações: Ana Mae Barbosa, Quarentena e Arte", publicado no site da Editora Timo, reflete sobre a significativa importância da arte durante o período pandêmico. No decorrer do texto, realiza uma digressão em sua história familiar e convívio entre avó, filha e neta. A autora ressalta o potencial da arte para unir e apaziguar, mesmo expressando ceticismo em relação ao discurso prevalente de autoajuda disseminado durante a pandemia. Ela nos desafia com a indagação: "O que seria de nós se não fosse a arte nesta pandemia? Ouvir música, assistir filmes, programas de humor, ler, desenhar, criar; todos esses elementos compõem a cultura frequentemente menosprezada que nos envolve. O canal de streaming Netflix emerge como o herói da pandemia (para aqueles que têm condições de pagar)". Barbosa conclui o parágrafo enfatizando uma crença compartilhada por nós, afirmando que "a tecnologia emergirá desta crise de saúde como uma deusa, mas somente a Arte pode garantir a qualidade do que é veiculado por essa tecnologia" (Barbosa, 2022, n.p.).

Nas entrevistas realizadas com os/as participantes da nossa oficina, torna-se evidente o papel crucial que a Arte desempenhou durante esse período de crise. Assim como observado por Barbosa (2022), indagamo-nos sobre qual seria o papel da tecnologia sem a influência do senso estético e da emoção proporcionados pela Arte. A importância da Arte se revelou não apenas na criação de laços solidários, mas também na capacidade de resistir e manter a esperança. Destacamos ainda como a Arte desempenha um papel fundamental no desenvolvimento da inteligência humana, contribuindo de maneira significativa para o aspecto lógico do ser.

Em tempos de intenso consumo de imagens, um fenômeno que a pandemia nos trouxe, as pessoas puderam vivenciar a vastidão de conhecimento gerada por meio das imagens. Enquanto podemos nos comunicar através de linguagem discursiva e científica, é somente por meio da linguagem presentacional que conseguimos apreender o que a linguagem das artes nos proporciona. A linguagem artística não encontra equivalência em nenhuma outra forma de expressão. Mais uma vez, alinhadas com Barbosa (2022), compartilhamos da crença de que a pandemia nos concedeu a oportunidade de apreciar mais profundamente o valor cognitivo e epistemológico da arte.

As/os Participantes/Juventudes

Aline Maia (2020) nos conta sobre o risco de reduzir o ‘Outro’ a simples “objeto de pesquisa”. A pesquisadora relata que quando seguiu do campo para o computador, ao aderir princípios feministas na realização de sua obra “Rabisca e Publica”, encarou a conveniência à qual nos rendemos ao falar por alguém em nossas formulações. Ao admitirmos tal posição passamos a rastrear caminhos alternativos que nos permitem questionar de onde teorizamos para assim procurar firmar relações menos hierárquicas com os sujeitos interlocutores da análise.

Tal investida não é isenta de conflitos, o que admiti desde o início da opção metodológica. Não ignoro que, além de questões éticas, há também aspectos políticos da pesquisa qualitativa feminista associados, como o poder institucional e individual que modela as relações entre estudiosos e sujeitos pesquisados, a interpretação dos dados e até mesmo as exigências materiais para apresentação dos resultados para uma banca avaliadora (já que este livro é resultado de uma tese de doutorado) (Maia, 2020, p. 304).

Ao buscar definir ‘juventude’ como categoria, emerge um conceito praticamente tangível, completo em si mesmo, passível de aplicação em diversos contextos. Este processo revela-se como uma ação intencional, quase de natureza política, ao centralizar a juventude como um elemento que molda e é moldado pelos contextos, invertendo a lógica convencional. Nesse sentido,

(...) as pesquisas da área de comunicação que têm a juventude como tema ficam entre 2% e 5% diante do todo produzido em todas as áreas, segundo o Catálogo de Dissertações e Teses da Capes: a busca pela palavra-chave “juventude” totaliza 6.208 trabalhos e, desses, apenas 112 são da área de conhecimento da comunicação, desde o ano de 2012 – 91 dissertações de mestrado e 21 teses de doutorado. Buscando por “juventudes”, no plural, tem-se 982 resultados totais, sendo 52 da área

de conhecimento da comunicação, desde 2013, 35 dissertações de mestrado e 17 teses de doutorado (Pereira, 2022, p.6).

Dessa forma, ao optarmos pela abordagem metodológica da pesquisa qualitativa, utilizando entrevistas semiestruturadas e estabelecendo categorias de análise a partir dela, buscamos destacar as experiências desses/as jovens participantes como elementos centrais, posicionando-os/as como protagonistas e autores/as dos resultados de nossa pesquisa que contempla também comunicação. Além disso, visamos disseminar suas vozes, práticas e aspirações para o benefício de toda a sociedade, mas sobretudo, para elas.

Gênero

Ao darmos maior atenção às vozes das participantes mulheres da *Experimente Oficina* em nossas entrevistas, buscamos alinhar-nos a uma abordagem que nos impulsiona a compreender e considerar o ser feminino, juntamente com suas particularidades, em um espaço mais equitativo. Para Auad (2003),

Perceber gênero como categoria empírica seria o modo de não tornar invisível o gênero nas diferentes esferas da sociedade, como nas políticas públicas de educação e de direitos humanos; seria perguntar como ele é experimentado e estruturado em determinada cultura (...) Logo, parece fecundo observar as diferentes instituições, como a escola, dotadas de uma cultura própria, esta obviamente relacionada com o que está em vigência na sociedade mais ampla. Parece instigante querer saber como gênero, em articulação às outras categorias, aparece nesta cultura; questionar qual a importância e o peso dados ao gênero, de modo a considerar os processos simbólicos e lançar o olhar sobre como tal categoria configura também as práticas, e não apenas o sexo dos sujeitos (Auad, 2003, p.141-142).

A pandemia da Covid-19 impactou de maneira desigual indivíduos de diferentes gêneros, e latentemente, a mulher. O aumento da violência doméstica contra mulheres, os elevados índices de mortalidade materna, a sobrecarga feminina nas responsabilidades domésticas e relacionadas ao cuidado, a acentuação da crise econômica em setores predominantemente femininos, são exemplos dos diversos efeitos dessa discrepância. Ao abordar nossa pesquisa através de uma perspectiva de gênero, é possível analisar os impactos da pandemia da Covid-19, destacando e evidenciando as desigualdades, iniquidades e vulnerabilidades que permeiam o espaço social. Nesse contexto, os estudos que pontuam gênero, desempenham um papel

fundamental, gerando reflexões (e possíveis ações) sobre as normas culturais que moldam nossa estrutura social.

Por fim:

É crucial integrar iniciativas como a *Experimente Oficina* (2020) a políticas públicas que visem à democratização dos direitos fundamentais, incluindo educação e comunicação, entre outros. Identificamos que esta pesquisa tem o potencial de enriquecer o conhecimento acumulado sobre os temas abordados, fortalecendo-se por meio das nossas reflexões.

Experiências como a *Experimente Oficina* destacam-se como modelos adaptáveis e aplicáveis em diversos contextos. Elas não apenas oferecem valiosas percepções das vivências desses sujeitos, como também possuem o potencial de fomentar uma cidadania ativa e democrática para todas as juventudes. Ao incorporar essas práticas em políticas públicas mais amplas, podemos contribuir significativamente para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária, garantindo o acesso a oportunidades educacionais e de comunicação para todos e todas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na introdução desta dissertação, abordamos a pandemia e pesquisas quantitativas que destacam a importância da vacinação na contenção do vírus da Covid-19, bem como a persistente presença da desinformação na sociedade. Exploramos as interseções entre arte, comunicação e educação, delineando nosso caminho de pesquisa, os sujeitos estudados e apresentando nosso objetivo, justificativa e metodologia.

No segundo capítulo, intitulado "Os Primeiros Lampejos de Nossa Investigação", partimos do conceito de cidadania, conforme proposto por Maria de Lourdes Manzini Covre, e discutimos a relevância do entendimento da condição humana para o direito e sua conexão com a noção de cidadania. Apresentamos três itens neste capítulo: "A Condição Humana e a Pandemia da Covid-19", "A Pandemia em Números e Seus Impactos na Educação e Cidadania" e "Cidadania e Condição Humana na Atualidade". Nestes itens, estabelecemos diálogos com pensadoras como Hannah Arendt, Judith Butler, Nancy Fraser, Maria Carla Corrochano, Vera Iaconelli, Daniela Auad, Maria Victoria de Mesquita Benevides e Talíria Petrone, autoras clássicas e contemporâneas que fundamentam suas pesquisas, evidenciando como o sistema neoliberal capitalista nos conduz para uma sociedade heteronormativa e racializada de maneira exponencial.

No terceiro capítulo, intitulado "Interdisciplinaridade na Interface da Arte, Comunicação e Educação", pontuamos nosso entendimento em relação à pesquisa no campo da complexidade, especialmente nas interações entre os domínios da arte-educação e educomunicação. Essa abordagem exige a consideração de diversas perspectivas. Além disso, detalhamos os processos de nossa metodologia, apresentando de forma mais aprimorada resultados quantitativos e qualitativos.

Dividimos este capítulo em cinco itens: "Um Possível Percorso Educomunicativo na Arte-Educação", "Então, Educomunicação", "Um Breve Estado da Arte", "Pesquisa Participante" e "Pesquisa numa Perspectiva Feminista". Nesse contexto, pesquisadoras como Olga Pombo, Maria Aparecida Baccega, bell hooks, Ana Mae Barbosa, Cláudia Lahni, Maria Cristina Castilho Costa, Mércia Santana Mathias, Luciana Cristina Salvatti Coutinho, Grácia Lopes Lima, Norma Sandra de Almeida Ferreira, Cicilia Peruzzo, Aline Maia, Cláudia Pereira, Gabriela Maria Farias Falcão de Almeida, Beatriz Coutinho, Cecília Mombelli, Kelly Agopyan, Laira Tenca e Mariana Corrêa fundamentam toda a base de discussão e sua relação com o tema.

No quarto e último capítulo intitulado "Experiências em Prol da Juventude na Pandemia", aprofundamos a discussão sobre nossos sujeitos e o recorte adotado. Apresentamos de forma detalhada o funcionamento da Experimente Oficina, elucidamos a abordagem nas entrevistas realizadas e, posteriormente, analisamos e relacionamos os resultados com conceitos e abordagens de algumas autoras do nosso embasamento teórico.

Este capítulo está dividido em três partes: "Experimente Oficina", "Entrevistas" e "Comentários". Destacamos a primeira aparição de algumas autoras no texto, a saber: Maria Rita de Assis César, Fernanda Coelho, Claudia Reis Miliauskas e Daniela Porto Faus. Estas autoras estabelecem diálogos diretos com nossos escritos, enriquecendo de maneira singular a elaboração final desta dissertação.

Durante nossa pesquisa, adotamos uma metodologia abrangente, que incluiu a análise de um "breve estado da arte" em anais de congressos científicos. Além disso, implementamos uma abordagem qualitativa, caracterizada pela participação ativa dos/as envolvidos/as, complementada por entrevistas semiestruturadas com jovens que participaram da *Experimente Oficina* em 2020. Vale destacar que nosso trabalho está fundamentado, de maneira central, na perspectiva feminista.

Os resultados obtidos apontam para o potencial transformador da arte na educomunicação, especialmente quando aplicada através do meio audiovisual, evidenciando sua capacidade de beneficiar jovens em ambientes educacionais formais e não formais. Essa abordagem não se limita a contribuir para uma educação emancipadora acessível a todas as pessoas, mas também se destaca por fortalecer o exercício da cidadania entre esses/as jovens. Ao abordar questões tanto individuais quanto coletivas, a integração da arte na educomunicação emerge como uma estratégia eficaz para fomentar o desenvolvimento, a potencialidade e a consciência crítica desses/as jovens, proporcionando um impacto significativo em seu percurso educacional.

É bastante importante ressaltar que, incentivada pelas disciplinas oferecidas neste programa de pós-graduação, esta pesquisadora teve acesso a materiais que enriqueceram nossa pesquisa. A participação em congressos e seminários também desempenhou um papel crucial, não apenas proporcionando desafios aos rumos que estávamos seguindo, mas fortalecendo nossos recortes e metodologias. Um exemplo significativo foi nossa presença no Coninter (2022), que não só consolidou nosso tema, mas também ressaltou a importância de conduzir um estudo sob a perspectiva das

mulheres. No Seminário do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED) na UFSCar-So (2022), nossas imagens se tornaram uma representação simbólica da pesquisa, estimulando os/as demais participantes a considerarem diferentes perspectivas durante nossa apresentação.

Além disso, participamos do Seminário em Estudos da Condição Humana no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Condição Humana (PPGECH) na UFSCar-So (2022 e 2023), onde contribuímos para ampliar a discussão sobre o tema. Essas experiências enriquecedoras reforçaram não apenas o embasamento teórico de nossa pesquisa, mas também a sua relevância em diversos contextos acadêmicos. Da mesma forma que submetemos artigos para expandir essas discussões, participamos de eventos com nosso Grupo de Pesquisa Flores Raras e também contribuímos com debates nos “Diálogos Interdisciplinares” propostos pelo nosso programa.

Trajetória acadêmica desta pesquisadora

Durante esses dois anos, esta pesquisadora vivenciou uma série de acontecimentos que ocorreram simultaneamente à condução da pesquisa para este mestrado. Ao longo desse período, pude aprofundar minha compreensão em relação à pergunta de pesquisa, desvelando, essencialmente, o motivo subjacente a ela. É notável como esses dois anos foram intensos para mim, a ponto de eu não conseguir identificar um único dia em que estivesse desassociada da minha jornada de busca e investigação aqui. A imersão nesse processo não apenas enriqueceu minha trajetória acadêmica, mas também proporcionou uma profunda reflexão sobre minha própria jornada pessoal durante esse período.

Eu, que anteriormente via a academia como um ambiente hermético, repleto de diretrizes preestabelecidas, deparei-me com um universo de infinitas possibilidades e desfechos. Surpreendentemente, abandonei a abordagem discreta em relação à minha sexualidade para adotar uma postura mais política. Assumo agora com orgulho minha identidade de mulher feminista lésbica. Rompi com as convenções impostas por um sistema já bastante desgastado, que, de certa forma, ainda persistia em ser condescendente.

Ao percorrer os corredores do campus da UFSCar-So, experimentei uma sensação de vitalidade intensa. Foi como se a vida se desdobrasse diante de mim, repleta de oportunidades infinitas. Este ambiente acadêmico proporcionou não apenas conhecimento, mas também um despertar para a autenticidade e para a expressão plena

de quem sou. Abraçar minha identidade, tanto academicamente quanto pessoalmente, tornou-se uma jornada de autodescoberta e empoderamento. Estou decidida a explorar todas as potencialidades desse ambiente acadêmico dinâmico e a contribuir para um entendimento mais amplo e inclusivo. A UFSCar-So não apenas me ensinou, mas também me permitiu viver plenamente e abraçar as diversas dimensões da minha identidade.

Encerro este processo de mestrado acadêmico com a convicção de que ainda há um longo caminho a percorrer na busca por maiores reflexões interdisciplinares na interface entre educação, comunicação e arte. Reconhecemos a importância de permanecer atentas às novas gerações, provocando reflexões sobre o presente marcado por dúvidas, possíveis períodos de isolamento social e a necessidade de soluções democráticas por meio de políticas públicas que ofereçam oportunidades para todos/as seguirem seus sonhos e, acima de tudo, garantirem seus direitos.

Durante essa jornada, identificamos conceitos fundamentais que fortalecem nosso entendimento no contexto desta investigação científica. Mantemos a confiança na ciência como uma ferramenta valiosa para contribuir com o conhecimento acumulado em prol do exercício do direito à comunicação e de uma educação emancipadora para todas as pessoas. Ao nos despedirmos deste processo, carregamos conosco a convicção de que a pesquisa e a interdisciplinaridade continuarão sendo instrumentos cruciais para promover uma sociedade mais justa e igualitária. Estamos prontas para os desafios futuros e para contribuir ainda mais com o avanço do conhecimento e da transformação positiva em nossas áreas de estudo.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Gabriela Maria Farias Falcão de. A pesquisa científica a partir de olhares feministas. **Revista Feminismos**, [S. l.], v. 8, n. 2, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/feminismos/article/view/37407>. Acesso em: 18 nov. 2023.

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2020.

ARUZZA, Cinzia; BHATTACHARYA, Tithi; FRASER, Nancy. **Feminismo para 99%: um manifesto**. “Prefácio à edição brasileira de Talíria Petrone”. São Paulo, Boitempo, 2019.

AUAD, Daniela. Educação para a Democracia e Co-Educação: apontamentos a partir da categoria gênero. **Revista USP**, [S. l.], n. 56, p. 136-143, 2003. DOI: 10.11606/issn.2316-9036.v0i56p136-143. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/33814>. Acesso em: 16 jun. 2023.

AUAD, Daniela; LAHNI, Cláudia Regina. Educação e Comunicação Feminismos e Lesbianidades em diálogo. **Educação em Foco**, Juiz de Fora, UFJF, v. 26, p. 1-19, 2021.

BACCEGA, Maria Aparecida. A Construção do Campo Comunicação/Educação. **Comunicação & Educação**, São Paulo, (14): 7 a 16, jan./abr., 1999.

BACCEGA, Maria Aparecida. Comunicação, educação e tecnologia: interação. **Comunicação & Educação**, [S. l.], v. 10, n. 1, p. 7-14, 2005. DOI: 10.11606/issn.2316-9125.v10i1p7-14. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/37504>. Acesso em: 16 jun. 2023.

BACCEGA, Maria Aparecida. Comunicação/educação a construção de nova variável histórica. In: CITELLI, Adilson Odair; COSTA, Maria Cristina Castilho (orgs.). (Org.) **Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento**. 1ed. São Paulo: Paulinas, 2011, v. 01, p. 31-42.

BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos. **Tópicos utópicos**. Belo Horizonte: Com/Arte, 1998.

BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos. **A imagem no ensino da arte: anos oitenta e novos tempos**. São Paulo, Editora Perspectiva, 2020.

BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos. Ana Mae Barbosa e a arte-educação em tempos de pandemia | **Jornal UFG**, Goiás, UFG, 2020. - Disponível em: <https://jornal.ufg.br/n/135183-ana-mae-barbosa-e-a-arte-educacao-em-tempos-de-pandemia>. Acesso em: 20 dez. 2022.

BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos (2022, 10 de outubro). **Ana Mae Barbosa: Quarentena e Arte**. Editora: Timo. Disponível em: <https://editoratimo.com.br/2022/10/ana-mae-barbosa-quarentena-arte/>. Acesso em: 10 dez. 2023.

BENEVIDES, Maria Victoria de Mesquita. Educação para a Democracia. In: **Lua Nova**, n. 38, São Paulo, 1996. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ln/a/yKyLWKGyV8TNKLLKrRR6LpD/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 16 jun. 2023.

BUTLER, Judith. **Que mundo é esse?:** uma fenomenologia pandêmica. Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2022.

CÉSAR, Maria Rita de Assis. **A invenção da "adolescência" no discurso psicopedagógico**. 1998. 133f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1586629>. Acesso em: 18 nov. 2023.

COSTA, Cristina. **Questões de Arte – o belo, a percepção estética e o fazer artístico**. São Paulo, Moderna, 2004.

COSTA, Cristina. **Educação, imagem e mídias**. São Paulo, Cortez, 2005.

COSTA, Cristina. Democratização das mídias e educação. **Comunicação & Educação**, [S. l.], v. 26, n. 1, p. 54-64, 2021. DOI: 10.11606/issn.2316-9125.v26i1p54-64. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/159032>. Acesso em: 16 jun. 2023.

COSTA, Cristina. **Educomunicação: a Arte e o Saber - Estudo das Manifestações da Ciência sobre a Arte e da Arte sobre a Educação**. Disponível em: <https://educacaosaberearte.com.br/images/portfolio/Projeto_educomunicacao.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2023.

COUTINHO, Laura Maria. **Audiovisuais: arte, técnica e linguagem**. Brasília, Universidade de Brasília, 2006.

COUTINHO, Luciana Cristina Salvatti; MATHIAS, Mércia Santana. A arte sob a perspectiva do marxismo: uma atividade humana potencialmente humanizadora. **Germinal: marxismo e educação em debate**, [S. l.], v. 11, n. 3, p. 223–234, 2020. DOI: 10.9771/gmed.v11i3.33760. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/33760>. Acesso em: 16 jun. 2023.

DIAS, Adelaide Alves. Autora do capítulo "A Escola como Espaço de Socialização da Cultura em Direitos Humanos" no volume 3 da publicação **"Educando em Direitos Humanos"**. Disponível em: http://www.cchla.ufpb.br/ncdh/wp-content/uploads/2017/10/EducandoemDH_Vol-3.pdf. Acesso em: 20 de set.2023.

FAUS, Daniela Porto; MILIAUSKAS, Claudia Reis. Saúde mental de adolescentes em tempos de Covid-19: desafios e possibilidades de enfrentamento. **Physis**. 2020 - disponível em: [scielo.br/j/physis/a/W578M6SCTxdZQxCCtFJSbrH/?format=pdf&lang=pt](https://www.scielo.br/j/physis/a/W578M6SCTxdZQxCCtFJSbrH/?format=pdf&lang=pt). Acesso em 18 nov. 2023.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. As pesquisas denominadas “estado da arte”. **Revisão & Sínteses • Educ. Soc.** 23 (79) • Ago. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/vPsyhSBW4xJT48FrdCtqfp/?lang=pt>. Acesso em: 20 de set.2023.

GOHN, Maria da Glória. Educação não Formal: Direitos e Aprendizagens dos Cidadãos (ãs) em Tempos do Coronavírus. **Revista Humanidades e Inovação** v.7, n.7.7 - 2020.

hooks, bell. **Ensinando a Transgredir - A educação como prática da liberdade**. Tradução: Marcelo Brandão Cipolla - 2.Ed. São Paulo, Editora WMF Martins Fontes, 2017.

LAHNI, Cláudia Regina. Por uma formação do comunicador integral: Teoria e prática em *Jornal Laboratório e Comunicação Comunitária*. In: **Lumina**, v. 7, n. 1/2, jan/dez, 2004. Juiz de Fora: UFJF, 2006, p. 117-132.

LAHNI, Cláudia Regina; COELHO, Fernanda. A comunicação a serviço da cidadania e identidade de adolescentes. **Comunicação e Educação**, São Paulo, USP, n. 3, p. 119-126, 2009.

LIMA, Grácia Lopes. **Educação pelos meios de comunicação**: produção coletiva de comunicação na perspectiva da educomunicação. 2009. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. doi:10.11606/T.48.2009.tde-29042009-152804. Acesso em: 18 nov. 2023.

LORDE, Audre. **Sou sua irmã**: escritos reunidos e inéditos. São Paulo, Ubu, 2020.

MAIA, Aline. **Rabisca e publica**: juventudes e estratégias de visibilidade social e midiática. Curitiba, Appris, 2020.

MANZINI-COVRE, Maria de Lourdes. **O que é cidadania**. São Paulo, Brasiliense, 2001.

PEREIRA, Cláudia. Culturas midiáticas das juventudes. **E-Compós**, [S. l.], 2022. DOI: 10.30962/ec.2691. Disponível em: <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/2691>. Acesso em: 20 dez. 2022.

PERUZZO, Cicilia Maria Krohling. Comunicação Comunitária e Educação para a Cidadania. **Comunicação & Informação**, Goiânia, Goiás, v. 2, n. 2, p. 205–228, 2013. DOI: 10.5216/c&i.v2i2.22855. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/ci/article/view/22855>. Acesso em: 7 dez. 2023.

PERUZZO, Cicilia Maria Krohling. Da observação participante à pesquisa-ação em comunicação: pressupostos epistemológicos e metodológicos. Trabalho apresentado no **III Colóquio Brasil-Itália de Ciências da Comunicação**. Belo Horizonte: Intercom, 2003.

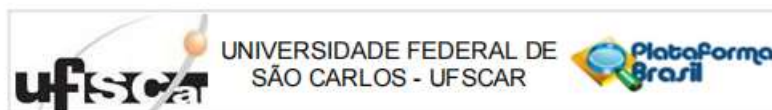
PERUZZO, Cicilia Maria Krohling. Apontamentos para epistemologia e métodos na pesquisa em Comunicação no Brasil. **Comunicação e Sociedade**, [S. l.], v. 33, p. 25–40, 2018. DOI: 10.17231/comsoc.33(2018).2905. Disponível em: <https://revistacomsoc.pt/index.php/revistacomsoc/article/view/1053>. Acesso em: 31 out. 2023.

POMBO, Olga. O Insuportável Brilho da Escola. *In*: Alain Renaut *et al.*, **Direitos e Responsabilidades na Sociedade Educativa**. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

POMBO, Olga. Epistemologia da interdisciplinaridade. **Ideação**, [S. l.], v. 10, n. 1, p. 9–40, 2010. DOI: 10.48075/ri.v10i1.4141. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/ideacao/article/view/4141>. Acesso em: 19 dez. 2022.

ANEXOS

Anexo 1 - Aprovação Comitê de Ética



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: ARTE NA EDUCOMUNICAÇÃO, COMO FORTALECIMENTO DE JOVENS NO CONTEXTO ESCOLAR.

Pesquisador: FABIANA FURLANI CARLUCCI

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 65013322.5.0000.5504

Instituição Proponente: Universidade Federal de São Carlos/UFSCAR

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

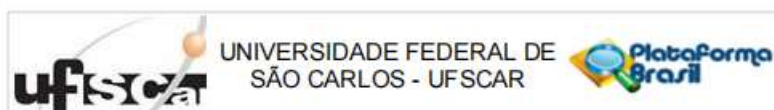
Número do Parecer: 5.861.165

Apresentação do Projeto:

As informações elencadas nos campos "Apresentação do Projeto", "Objetivo da Pesquisa" e Avaliação dos Riscos e Benefícios" foram extraídas do arquivo Informações Básicas da Pesquisa (PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2036813.pdf), de 19/12/2022:

No sentido de investigar o trabalho da educomunicação, a partir da produção audiovisual colaborativa de jovens no contexto escolar, essa pesquisa tem, como parte do procedimento metodológico, a realização de uma revisão bibliográfica em Anais do Congresso Nacional da Intercom (Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação), nos Grupos de Pesquisa (GPs): Comunicação para a Cidadania, Comunicação e Educação e Comunicação e Culturas Urbanas, no período de 2018 a 2021, e na Anped - Associação Nacional de Pós Graduação e Pesquisa em Educação, no Grupo de Trabalho Educação e Comunicação, no ano de 2021. A fim de contribuir com o conhecimento acumulado em prol do exercício de direito à comunicação e por uma educação emancipadora para todas as pessoas, num segundo momento, será realizada uma pesquisa com abordagem qualitativa, apoiada na pesquisa participante. Serão realizadas entrevistas com adolescentes de onze à dezessete anos, que utilizaram o audiovisual como ferramenta de aprendizagem e/ou produção durante a pandemia. Usaremos como critério de análise a observação em campo e das entrevistas, a partir de categorias definidas com a revisão bibliográfica. A predileção pela metodologia e por sujeitos de pesquisa se dá no envolvimento da

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235
 Bairro: JARDIM GUANABARA CEP: 13.565-905
 UF: SP Município: SAO CARLOS
 Telefone: (16)3351-9685 E-mail: cephumanos@ufscar.br



Continuação do Parecer: 5.861.165

mestranda com os grupos investigados, estando há quase duas décadas vivenciando o "chão" da escola, como arte-educadora. Para tanto, a pesquisa participante será feita no primeiro e segundo semestre de 2023, em parceria com o Colégio Cantareira, onde a pesquisadora ministra aulas de teatro para o ensino fundamental e médio.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Essa pesquisa interdisciplinar busca investigar, na interface entre arte, comunicação e educação, de que maneira o audiovisual tem colaborado com o desenvolvimento integral de jovens em práticas educacionais.

Objetivo Secundário:

Entendemos, também, essa pesquisa como contribuição para o conhecimento interdisciplinar acumulado, especialmente em relação a educação, comunicação e arte. A partir dela, buscamos a reflexão sobre outras possibilidades práticas de educomunicação, junto a produções artísticas, para que possamos auxiliar na formação e exercício de cidadania de adolescentes.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Comprometer a saúde ou o emprego de alguém são riscos ponderáveis, tanto quanto os desconfortos advindos de lembranças desagradáveis ou qualquer alteração ao estado de espírito do sujeito. Para tanto, comprometidas com a ciência e a ética, as pesquisadoras se responsabilizam em manter a liberdade de participação dos sujeitos durante todo o processo dessa pesquisa. O projeto de pesquisa fundamenta-se na Resolução 466 de 12 de dezembro de 2012, que regulamenta a pesquisa em seres humanos, conforme determinação do Conselho Nacional de Saúde, do Ministério da Saúde, cujas obrigações do pesquisador são: a garantia do anonimato, a privacidade e a possibilidade de desistência do participante em qualquer etapa do estudo. Esta resolução incorpora referenciais da bioética, tais como autonomia, não maleficência, beneficência, justiça e equidade, visando assegurar os direitos e deveres referentes aos participantes da pesquisa, ao pesquisador e ao Estado.

Ainda de acordo com a resolução 466/12, o pesquisador deve fornecer, de forma escrita e em linguagem clara, objetiva e de fácil entendimento, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e/ou o Termo de Assentimento para os participantes, garantindo-lhes explicações sobre a natureza da pesquisa, seus objetivos, métodos, duração da entrevista, benefícios previstos,

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235
 Bairro: JARDIM GUANABARA CEP: 13.965-905
 UF: SP Município: SAO CARLOS
 Telefone: (16)3351-6685 E-mail: cephumanos@ufscar.br



Continuação do Parecer: 5.861.165

potenciais de risco, incômodos que esta possa acarretar -lhes, anonimato, escolha para participar, ou não, da pesquisa e retirada de participação em qualquer fase da mesma.

Benefícios:

Ao escolher a pesquisa participante como metodologia, acreditamos possibilitar ao grupo investigado, na participação da realização dessa pesquisa, benefícios ao próprio grupo, assim como colaborar com os avanços da ciência no que diz respeito a interface entre educação, comunicação e arte.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Vide campo "Comentários e considerações sobre a pesquisa"

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Vide campo "Comentários e considerações sobre a pesquisa"

Recomendações:

Vide campo "Comentários e considerações sobre a pesquisa"

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Quanto às pendências éticas inicialmente apontadas pelo CEP em parecer anterior (Número do Parecer: 5.805.009), a pesquisadora respondeu a todos os questionamentos, enviando para tanto os seguintes documentos complementares e/ou revistos: PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2036813.pdf, de 19/12/2022;"Carta_Resposta_Versao01.pdf", de 19/12/2022;"PROJETO_DE_MESTRADO_OK.pdf", de 19/12/2022;"VERSAO02_TALE_Dezembro2022.pdf", de 13/12/2022;"VERSAO02_TCLE_Dezembro2022.pdf", de 13/12/2022.

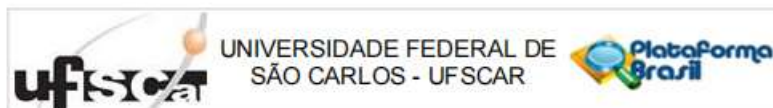
- De forma detalhada, seguem as recomendações do CEP em parecer anterior e a resposta dada pela pesquisadora a cada uma delas (conteúdo consta no documento "Carta_Resposta_Versao01.pdf", de 19/12/2022):

PENDÊNCIAS

Pendência 1:

1. Quanto ao documento "TCLE.pdf", de 03/11/2022:

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235
 Bairro: JARDIM GUANABARA CEP: 13.565-905
 UF: SP Município: SAO CARLOS
 Telefone: (16)3351-9685 E-mail: cephumanos@ufscar.br



Continuação do Parecer: 5.861.165

1.1 Solicita-se que no documento conste cabeçalho identificando universidade, departamento e curso, conforme documento disponível em <https://www.propq.ufscar.br/etica/cep/modelos-de-documentos-cep> ;

RESPOSTA EM DESTAQUE NO DOCUMENTO: UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA CONDIÇÃO HUMANA

1.2 Solicita-se ajustar nos termos a Resolução - no caso, trata-se da Resolução CNS510/2016;

RESPOSTA EM DESTAQUE NO DOCUMENTO: (Resolução CNS 510/2016)

1.3 Solicita-se incluir, no referido documento, informações sobre a forma de acompanhamento dos participantes caso seja requerido diante dos possíveis riscos e desconfortos gerados com a participação na pesquisa, conforme Resolução CNS nº 510 de 2016, Art. 17, Inciso V;

RESPOSTA EM DESTAQUE NO DOCUMENTO: A pesquisadora realizará o acompanhamento de todos os procedimentos e atividades desenvolvidas durante o trabalho.

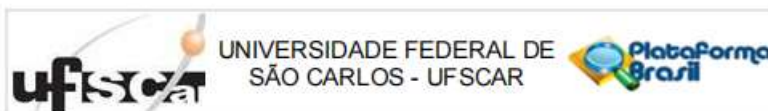
1.4 Solicita-se incluir, no referido documento, informações sobre a forma de ressarcimento dos participantes caso seja requerido diante de comprovação de possíveis gastos gerados com a participação na pesquisa, conforme Resolução CNS nº 510 de 2016, Art. 9º, Inciso VII;

RESPOSTA EM DESTAQUE NO DOCUMENTO: Todas as despesas com o transporte e a alimentação decorrentes da participação na pesquisa não serão de responsabilidade do pesquisador, já que a coleta será realizada no próprio Colégio. Se houver qualquer prejuízo, ele(a) receberá assistência imediata e integral e terá direito à indenização e ressarcimento por qualquer tipo de dano resultante da sua participação na pesquisa.

1.5 Solicita-se incluir as informações do endereço, e-mail e contato telefônico dos responsáveis pela pesquisa, de acordo com a Resolução CNS nº 510 de 2016, Art. 17, Inciso VIII;

RESPOSTA EM DESTAQUE NO DOCUMENTO: CONTATOS PESSOAIS E PROFISSIONAIS ADICIONADOS

| | |
|----------------------------------|------------------------------|
| Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235 | CEP: 13.565-905 |
| Bairro: JARDIM GUANABARA | |
| UF: SP | Município: SAO CARLOS |
| Telefone: (16)3351-9685 | E-mail: cephumanos@ufscar.br |



Continuação do Parecer: 5.861.165

NO DOCUMENTO

1.6 Solicita-se incluir, no referido documento, breve explicação sobre o que é o CEP, bem como endereço, e-mail e contato telefônico do CEP local e, quando for o caso, da Conep, conforme Resolução CNS nº 510 de 2016, Art. 17, Inciso IX;

RESPOSTA EM DESTAQUE NO DOCUMENTO: Este projeto de pesquisa foi aprovado por um Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) que é um órgão que protege o bem-estar dos participantes de pesquisas. O CEP é responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos, visando garantir a dignidade, os direitos, a segurança e o bem-estar dos participantes de pesquisas. Caso você tenha dúvidas e/ou perguntas sobre seus direitos como participante deste estudo, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP) da UFSCar que está vinculado à Pró Reitoria de Pesquisa da universidade, localizado no prédio da reitoria (área sul do campus São Carlos). Endereço: Rodovia Washington Luis km 235 - CEP: 13.565-905 - São Carlos-SP. Telefone: (16) 3351-9685. E-mail: cephumanos@ufscar.br. Horário de atendimento: das 08:30 às 11:30. O CEP está vinculado à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) do Conselho Nacional de Saúde (CNS), e o seu funcionamento e atuação são regidos pelas normativas do CNS/Conep. A CONEP tem a função de implementar as normas e diretrizes regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos, aprovadas pelo CNS, também atuando conjuntamente com uma rede de Comitês de Ética em Pesquisa (CEP) organizados nas instituições onde as pesquisas se realizam. Endereço: SRTV701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar - Asa Norte - CEP: 70719-040- Brasília-DF. Telefone: (61) 3315 5877 E-mail: conep@saude.gov.br.

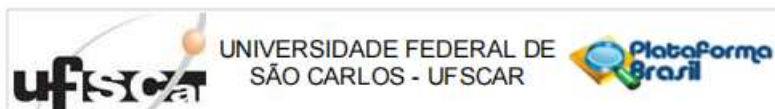
Resposta: a correção/ajuste encontra-se em destaque amarelo no documento anexado, nomenclurado como VERSÃO02_TCLE_Dezembro2022, respeitando todas as partes sugeridas pelo CEP.

Pendência 2:

2. Quanto ao documento "TAL.pdf", de 02/11/2022:

2.1 Solicita-se que no documento conste cabeçalho identificando universidade, departamento e curso, conforme documento disponível em <https://www.propq.ufscar.br/etica/cep/modelos-de-documentos-cep> ;

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235
 Bairro: JARDIM GUANABARA CEP: 13.565-905
 UF: SP Município: SAO CARLOS
 Telefone: (16)3351-9685 E-mail: cephumanos@ufscar.br



Continuação do Parecer: 5.861.165

2.2 Solicita-se ajustar no termo a Resolução - no caso, trata-se da Resolução CNS 510/2016;

2.3 Solicita-se incluir, no referido documento, respeitando a compreensão da faixa etária dos participantes, informações sobre a forma de acompanhamento dos participantes caso seja requerido diante dos possíveis riscos e desconfortos gerados com a participação na pesquisa, conforme Resolução CNS nº 510 de 2016, Art. 17, Inciso V;

2.4 Solicita-se incluir, no referido documento, respeitando a compreensão da faixa etária dos participantes, informações sobre a forma de ressarcimento dos participantes caso seja requerido diante de comprovação de possíveis gastos gerados com a participação na pesquisa, conforme Resolução CNS nº 510 de 2016, Art. 9º, Inciso VII;

2.5 Solicita-se incluir, no referido documento, respeitando a compreensão da faixa etária dos participantes, a garantia aos participantes do acesso aos resultados da pesquisa, de acordo com a Resolução CNS nº 510 de 2016, Art. 17, Inciso VI;

2.6 Solicita-se incluir as informações do endereço, e-mail e contato telefônico dos responsáveis pela pesquisa, de acordo com a Resolução CNS nº 510 de 2016, Art. 17, Inciso VIII;

2.7 Solicita-se incluir, no referido documento, breve explicação sobre o que é o CEP, bem como endereço, e-mail e contato telefônico do CEP local e, quando for o caso, da Conep, conforme Resolução CNS nº 510 de 2016, Art. 17, Inciso IX.

Embasamentos para este parecer: Resolução CNS n. 510/2016:

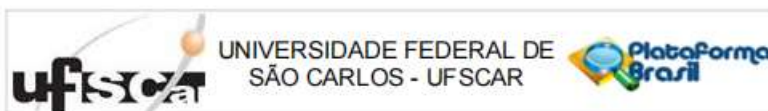
<https://www.propq.ufscar.br/etica/Reso510.pdf>

Resposta: a correção/ajuste encontra-se em destaque amarelo no documento anexado, nomenclaturado como VERSÃO02_TALE_Dezembro2022, respeltando todas as partes sugeridas pelo CEP.

Considerações Finais a critério do CEP:

Diante do exposto, o Comitê de ética em pesquisa - CEP, de acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS nº 510 de 2016, manifesta-se por considerar "Aprovado" o projeto. Conforme

| | | | |
|-----------|------------------------|------------|----------------------|
| Endereço: | WASHINGTON LUIZ KM 235 | | |
| Bairro: | JARDIM GUANABARA | CEP: | 13.565-905 |
| UF: | SP | Município: | SAO CARLOS |
| Telefone: | (16)3351-4685 | E-mail: | cephumanos@ufscar.br |



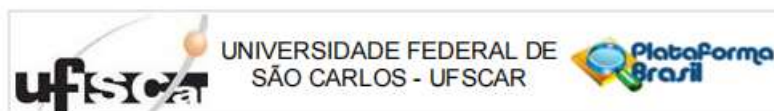
Continuação do Parecer: 5.861.165

dispõe o Capítulo VI, Artigo 28, da Resolução Nº 510 de 07 de abril de 2016, a responsabilidade do pesquisador é indelegável e indeclinável e compreende os aspectos éticos e legais, cabendo-lhe, após aprovação deste Comitê de Ética em Pesquisa: II - conduzir o processo de Consentimento e de Assentimento Livre e Esclarecido; III - apresentar dados solicitados pelo CEP ou pela CONEP a qualquer momento; IV - manter os dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob sua guarda e responsabilidade, por um período mínimo de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa; V - apresentar no relatório final que o projeto foi desenvolvido conforme delineado, justificando, quando ocorridas, a sua mudança ou interrupção. Este relatório final deverá ser protocolado via notificação na Plataforma Brasil. OBSERVAÇÃO: Nos documentos encaminhados por Notificação NÃO DEVE constar alteração no conteúdo do projeto. Caso o projeto tenha sofrido alterações, o pesquisador deverá submeter uma "EMENDA".

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

| Tipo Documento | Arquivo | Postagem | Autor | Situação |
|---|---|------------------------|-----------------------------|----------|
| Informações Básicas do Projeto | PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2036813.pdf | 19/12/2022 12:11:43 | | Aceito |
| Outros | Carta_Resposta_Versao01.pdf | 19/12/2022 12:09:56 | FABIANA FURLANI CARLUCCI | Aceito |
| Projeto Detalhado / Brochura Investigador | PROJETO_DE_MESTRADO_OK.pdf | 19/12/2022 12:09:29 | FABIANA FURLANI CARLUCCI | Aceito |
| TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência | VERSAO02_TALE_Dezembro2022.pdf | 13/12/2022 12:04:49 | FABIANA FURLANI CARLUCCI | Aceito |
| TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência | VERSAO02_TCLE_Dezembro2022.pdf | 13/12/2022 12:03:57 | FABIANA FURLANI CARLUCCI | Aceito |
| Declaração de Instituição e Infraestrutura | Autorizacao_Cantareira.pdf | 08/11/2022 19:41:20 | FABIANA FURLANI CARLUCCI | Aceito |
| Folha de Rosto | folhaDeRosto_Fabiana_assinado.pdf | 04/11/2022 14:04:14 | FABIANA FURLANI CARLUCCI | Aceito |
| Orçamento | Orçamento.pdf | 02/11/2022 14:23:58 | FABIANA FURLANI CARLUCCI | Aceito |

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235
 Bairro: JARDIM GUANABARA CEP: 13.565-905
 UF: SP Município: SAO CARLOS
 Telefone: (16)3351-6885 E-mail: cephumanos@ufscar.br



Continuação do Parecer: 5.861.165

| | | | | |
|------------|----------------|------------------------|-----------------------------|--------|
| Cronograma | Cronograma.pdf | 02/11/2022 13:42:31 | FABIANA FURLANI CARLUCCI | Aceito |
|------------|----------------|------------------------|-----------------------------|--------|

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SAO CARLOS, 23 de Janeiro de 2023

Assinado por:
Adriana Sanches Garcia de Araújo
(Coordenador(a))

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235
 Bairro: JARDIM GUANABARA CEP: 13.565-905
 UF: SP Município: SAO CARLOS
 Telefone: (16)3351-6685 E-mail: cephumanos@ufscar.br

Anexo 2 - Entrevistas na Íntegra, sem identificação dos/as entrevistados/as

1. Entrevista realizada dia 7 de junho de 2023 - 15h

Fabi - Então tá, vamos lá. Meu nome é Fabiana Carlucci, sou arte educadora, cineasta e pesquisadora. Sou aluna do programa de pós-graduação interdisciplinar em estudos da condição humana da Universidade Federal de São Carlos, PPGECH, campus Sorocaba. Estou fazendo um trabalho a partir da produção audiovisual colaborativa de jovens no contexto escolar. Você foi escolhido porque teve aula de artes durante a pandemia de forma remota híbrida ou presencial, utilizando o audiovisual como ferramenta de aprendizagem e ou produção. Não foi?

T - Sim.

Fabi - Esse trabalho vai ser assim: eu vou te fazer algumas perguntas que vai demorar aproximadamente vinte minutos. Você entendeu?

T - Ahã.

Fabi - Mesmo você me ajudando no trabalho não vai ganhar nada. São só algumas perguntas e você só participa se quiser. E se quiser deixar de participar em qualquer momento você pode. Tudo bem?

T - Estou de acordo.

Fabi - Você topa participar do meu trabalho?

T - Topo sim.

Fabi - Então está bom. Então primeiro de tudo eu gostaria muito que você se apresentasse.

T - Beleza. Bom, eu sou o (...), atualmente faço faculdade, sistema de informação, tenho vinte anos, é... e tenho uma paixão grande pela música. Então tenho como um hobby hoje em dia a música. Faço músicas autorais, gravo colvers e... mas hoje em dia levo mais a sério a questão da tecnologia. Hoje to trabalhando e estagiando como analista de suporte.

Fabi - Primeiro, o que você entende por audiovisual?

T - Por audiovisual eu entendo como, hum... um meio de comunicação que quebra fronteiras físicas. Então ele traz pra gente essa possibilidade da gente se comunicar e levar informações por lugares que antes não tínhamos essa possibilidade. Então, a gente explorou isso mais na época de pandemia, que é essa questão de entrar aqui numa sala

virtual e conversar sobre coisas, ensinar coisas... eu acho que o audiovisual contribui pra isso.

Fabi - E você acha que as ferramentas audiovisuais te ajudam de alguma maneira? Se sim, de que jeito?

T - Elas me auxiliam bastante, tanto em questões de trabalho, quanto em questões de lazer. Hoje em dia, em questão de trabalho, faculdade, por exemplo, eu utilizo elas com clientes ou pra me comunicar com professores, por exemplo. Essa é a forma que eu consigo achar de melhorar profissionalmente, de conseguir ir atrás dos conteúdos da faculdade. E em questões de lazer também o audiovisual me ajuda a estar mais conectado com as pessoas... ahm, a conhecer mais, a me conectar com coisas que antes eu não conseguia.

Fabi - Você falou que está fazendo faculdade, né?

Catano - Exato.

Fabi - E é uma faculdade a distância?

T - É uma faculdade em estilo híbrido, eu tenho aulas presenciais e tenho aulas que a gente chama de remotas. Elas são aulas feitas à distância, porém ao vivo. Eu tenho contato direto com o professor, consigo abrir o microfone e conversar com ele normalmente. Eu tenho aulas nesse formato, onde tenho acesso a tela do professor, vejo ali as coisas que ele tá fazendo, consigo perguntar e transmitir também a minha página se tiver alguma dúvida, com algum código, por exemplo.

Fabi - E como tem sido essa experiência pra você? É uma experiência de certa forma nova, né? Porque toda a tua trajetória, tirando a época da pandemia que você estava no ensino médio...

T - Sim...

Fabi - Você tinha um contato só pessoal com a escola, certo?

T - Aham. Ah Fabi, eu acredito que ter aulas dessa forma, trazem pra gente um pouco de conforto, sabe? Além de qualquer outra coisa, porque você pode estar em casa ou em qualquer outro lugar, né? Porque você conseguindo fazer aula remota, com professores assim de qualquer lugar, você consegue, tipo, você não precisa passar pelo perrengue de sair de casa, pegar transporte público e frio, calor, cê tá dentro do conforto de casa e tal. Eu me sinto mais confortável de fazer pergunta, de compartilhar algo... eu acho que facilita essa conexão de professor e aluno assim. Acho muito mais fácil de ter esse contato com o professor do que presencialmente, por exemplo, é uma sensação que eu tenho na área que eu atuo, porque com tecnologia a gente precisa muito

tá demonstrando o que a gente tá fazendo pra explicar alguma coisa e tendo a possibilidade de mostrar a tela e ter o professor ali. Tipo, vamos dizer assim, tête-à-tête fica muito mais fácil de fazer do que presencialmente, onde tem muito barulho, às vezes... ahm, a máquina, né? O computador que a gente utiliza em outros lugares não tem as coisas que a gente precisa, ele não é favorável pra situação. Eu acredito que traz essas vantagens.

Fabi - Qual a universidade que cê faz?

T - Eu faço na Faculdade Impacta de Tecnologia.

Fabi - Legal. E quais são os produtos audiovisuais que você consome no seu dia a dia?

T - Eu consumo muita música, muitos podcasts... tá inserido no meu trabalho, porque eu dou muitos treinamentos, então o audiovisual tá muito ligado nessa questão de vídeo conferência... vejo muitos filmes, muitos longas metragens... é, vejo muito youtube, muitos vídeos curtos no tiktok. O tiktok é uma febre... é aquele negócio de você ter um algoritmo que te mostra aquilo que você gosta de ver... é aquele vídeo de quinze segundos que te enche de dopamina o tempo inteiro, vendo um vídeo atrás do outro... então, eu principalmente por estar na tecnologia consumo conteúdo audiovisual o dia inteiro. Porque eu acordo aqui no meu quarto, onde eu tenho meu computador, minha televisão... eu trabalho, quando saio do trabalho venho pra área de lazer onde eu vejo algum vídeo no youtube ou jogo algum jogo... saindo disso eu entro na faculdade, tenho que abrir uma sala de vídeo conferência e ter acesso a mais um produto audiovisual.

Fabi - É... você acha que o maior contato com o audiovisual através das diversas formas de expressão que a gente experimentou ali na Experimente Oficina, mudou de alguma maneira o teu olhar em relação a qualidade daquilo que você consumia naquele momento, e do que você consome hoje?

T - Acredito que sim, pela questão de olhar além do superficial, assim, entender o propósito de algo que está sendo transmitido. Por exemplo, no experimento eu tive a oportunidade de compor músicas, a partir de desafios que foram colocados. E a música, ela mostra muito isso, né, que por ser um produto ali audiovisual, onde também isso me levou a fazer um clipe também, leva a todo um significado, não é simplesmente uma música e o seu clipe, mas sim aquela música. Ela leva uma mensagem e leva uma explicação por trás do porquê ela foi criada. E eu acredito que isso me deu essa percepção de tudo que eu vejo hoje. Então, se eu estou vendo, por exemplo, uma aula, eu não estou vendo uma aula, tipo, pensando isso é um conteúdo de Python, vamos dizer assim, que é uma linguagem de programação. Mas sim eu penso, esse conteúdo

de Python que está sendo apresentado nessa aula tem o objetivo de chegar em algum lugar. E que lugar é esse, entende? Da mesma forma como funciona com outros conteúdos, como a música que eu produzi.

Fabi - Quantos anos você tinha na época da Experimente Oficina?

T - Eu tinha... Putz, você me pegou.

Fab - 2020...

T - Eu tinha 17.

Fabi - Você tava em que série?

T - Eu tava no terceiro médio.

Fabi - Você acha que aquela ferramenta audiovisual, naquele momento, te ajudou a descobrir outras formas de se comunicar?

T - Sim, me ajudou. Eu estava participando do experimento e estava tendo aulas online na escola. Como eu tinha um contato direto com a ferramenta e com essa nova dinâmica de contato com o ensino virtual, acho que ajudou humanizar um pouco mais, o que antes era muito tecnológico na nossa visão. Porque antes da pandemia e antes da gente ter esse contato, esse choque de: vamos precisar nos comunicar de forma diferente. Porque não temos mais encontros físicos, que é o que a gente imaginava. A gente não sabia em que momento aquilo ia terminar. Então como a gente lidou com esse desafio, eu acredito que fez parte de um processo para se familiarizar com aquilo. De deixar de ser apenas uma ferramenta, mas sim uma ponte de conexão com outras pessoas.

Fabi - Você gostaria de citar alguma experiência que te marcou na Experimente Oficina?

T - Eu posso citar duas?

Fabi - Pode, fica à vontade.

T - Brevemente vou citar novamente a questão de eu ter criado uma música. Que foi proposto a gente fazer algo que descrevesse o momento que a gente estava vivendo ali. E isso abriu muito uma questão emocional e artística minha, para desenvolver aquele trabalho. Que passou além de ser algo para o experimento. Passou a ser algo pessoal para mim. Tanto que eu acabei levando isso mais para frente. E uma outra coisa que o experimento me trouxe foi um outro olhar para o meu quarto. Porque eu sempre tive a sensação de que aqui era um espaço onde eu dormia e só. E meio que, não sei se a palavra certa é dizer que humanizou o meu quarto. Mas é uma questão meio de que a minha cama não é apenas um lugar de dormir, mas é um lugar onde eu posso parar para refletir. Aqui, quando eu sento aqui na cadeira, não é um lugar apenas para fazer minhas

tarefas. Mas eu posso fazer o que eu quiser aqui. O meu quarto é o meu espaço. É o lugar onde eu posso me sentir confortável. E foi isso que a experiência me trouxe.

Fabi - Você já produziu? Ou melhor, você produz algum conteúdo audiovisual no momento?

T - Já produzi. Hoje em dia, não produzo mais. Atualmente, não tenho produzido. Mas tenho grandes ambições ainda na área audiovisual. Com a chegada do tiktok, eu sempre tive essas batendo na cabeça. Que eu tenho potencial para espalhar mensagem de conhecimentos musicais que outras pessoas não têm e deveriam conhecer. Então, passa pela minha cabeça fazer projetos de edição de vídeo falando sobre a história da bossa nova em 30 segundos. Porque as pessoas estão muito ansiosas por receber informação. Ainda mais nesse momento que a gente está vivendo de muitos conteúdos curtos. E o problema de conteúdos curtos é que eles, na maioria das vezes, são superficiais. Mas eu acredito que seja possível produzir algo profundo em pouco tempo. Em um curto período de tempo, em segundos, em minutos. E eu tenho essa ambição ainda de continuar produzindo conteúdos audiovisuais.

Fabi - Agora para a gente finalizar, eu gostaria de saber como que foi para você, naquele momento de pandemia, participar da Experimente Oficina? Foi muito no início, a gente não sabia absolutamente nada do que ia acontecer. Muita coisa piorou, inclusive, a partir dali. Eu gostaria que você falasse um pouco de como te auxiliou, se te auxiliou, de alguma maneira naquele momento. Enfim, gostaria que falasse um pouquinho para a gente finalizar.

T - Eu sentia que era um momento de escape. Um momento em que eu podia fugir um pouco daquela realidade que não parecia real. A gente estava vendo um negócio que você abria um jornal e começava a ver ali na televisão os caras passando câmera aérea da cidade de São Paulo, que é gigantesca, sem ninguém na rua. E aí você começava a pensar que a realidade não era aquilo, não sei. Começou a ficar um negócio meio...

Fabi - Parecia ficção, né?

T - Parecia um mundo distópico. Parecia que eu estava vendo um filme, sabe? E esses momentos da experiência que a gente teve, eu meio que dava significado para a situação e me auto conhecia dentro dessa situação. Então é aquele negócio. Existem exercícios de autoconhecimento. Mas eu senti que... Eu não sei se isso é explicável nas palavras que eu estou querendo usar. Mas é como se naquele momento e naqueles momentos que a gente conversava sobre, eu me sentia inserido naquela situação e pensava, ok, isso está acontecendo. Vou me conhecer melhor nessa situação e fazer

com que as coisas fluam de forma mais amena, vamos dizer assim. Então era um momento que eu podia parar, respirar e pensar calmo. Porque como eu fiz na minha composição, nesse período, que eu já citei aqui várias vezes, eu estava vivendo um real caos dentro de casa, com a situação, com a escola, porque a gente teve toda a quebra de expectativa de terceiro médio. Então me trazia esse clarear da situação, junto com a questão pessoal de autoconhecimento.

Fabi - Você chegou a ter algum tipo de ansiedade, depressão, síndrome do pânico? Alguma coisa nesse sentido?

T - Desenvolvi ansiedade, desenvolvi depressão e tive episódios de crise de pânico. Muitas vezes, aliás. Foi um momento muito atípico mesmo. Então sofri bastante com isso.

Fabi - Tá bom, você gostaria de falar mais alguma coisa pra gente poder finalizar aqui a gravação?

T - Eu acredito que o experimento em si me trouxe essas melhoras em questão de autoconhecimento e abraçar a tecnologia de uma forma diferente. Abraçar esses novos meios de comunicação de uma forma diferente. Tanto que antes disso mesmo, eu lembro que foi uma virada de chave, porque eu via a internet como um obstáculo e não como um caminho. Então eu lançava minhas músicas, mas eu não sentia que era aquele jeito que eu tinha que me mostrar pro mundo e sim de boca a boca na rua ou na escola. Então era um negócio de pegar o violão e ficar mostrando a música pra todo mundo, como se eu vivesse em outra época. Eu até brincava com os meus amigos de que eu era meio tiozão relacionado à internet. Você vê que hoje eu trabalho com isso. E me trouxe essa visão do quão importante é a gente se comunicar com novos meios e utilizar e usufruir dessa nova era que a gente vive, que é essa era digital.

Fabi - Muito bom, querido. Muito bom. Eu vou encerrar a gravação, tá?

T - Beleza.

Fabi - Muito obrigada. Vou encerrar.

2. Entrevista Realizada no dia 20 de setembro 2023 – 16h30

Fabi - Bom, eu iniciei a gravação aqui e eu vou iniciar a gravação aqui também do lado para poder ter esse material também em áudio. Meu bem, eu vou ler um negócio antes para você, para cumprir o protocolo. Meu nome é Fabiana Carlucci, eu sou arte educadora, cineasta e pesquisadora. Eu sou mestranda no programa de pós-graduação

interdisciplinar em estudos da condição humana na Universidade Federal de São Carlos, PPGECH-Campus Sorocaba. Eu estou fazendo um trabalho a partir da produção audiovisual colaborativa de jovens no contexto escolar. Você foi escolhida porque participou da Experimente Oficina durante a pandemia, de forma remota, e utilizou o audiovisual como ferramenta de aprendizagem e ou produção, não foi?

S - Sim.

Fabi - Esse trabalho vai ser assim, eu vou te fazer algumas perguntas que vai demorar aproximadamente 20 minutos, entendeu? Certo. Mesmo você me ajudando no trabalho, não vai ganhar nada. Esse trabalho consiste em algumas perguntas e você só responde se quiser. E se quiser deixar de participar em qualquer momento, você pode, tudo bem?

S - Tudo bem.

Fabi - Eu gostaria primeiro que você se apresentasse, que falasse seu nome, sua idade e contasse um pouco de você.

S - Meu nome é (...), atualmente eu tenho 20 anos, na época que eu participei da Experimente Oficina eu tinha 17. Atualmente eu estou fazendo faculdade, estou fazendo publicidade e propaganda na Unip. Eu me considero uma pessoa bem comunicativa, comparando com os anos atrás, acho que evoluí muito nisso. E eu gosto muito de arte, desenho e todas essas questões que têm ligação com esse mundo.

Fabi - Legal. O que você entende pela palavra audiovisual?

S - Eu entendo qualquer coisa referente a vídeo que tenha, lógico, ligação também com áudio, música, vídeo, edição de vídeo, a produção do vídeo, a gravação, todo esse processo desde o início da gravação de um vídeo, levando em consideração o som e o processo de edição também.

Fabi - Você acha que as ferramentas audiovisuais te ajudam de alguma maneira? Se sim, de que jeito?

S - Eu acho que ajudam muito. Eu passei por uma fase nos últimos dois meses de procurar um emprego e ultimamente as empresas pedem muito para que você se apresente em vídeo, para que você grave um vídeo currículo. Nada mais é um papel com seu currículo, com as suas experiências. Hoje você tem que gravar um vídeo, você tem que entrar em uma ligação por vídeo com alguém. Então eu acho que está sendo muito importante para todas as pessoas, principalmente depois desse contexto da pandemia.

Fabi - Maravilha. Quais são os produtos audiovisuais que você consome no seu dia a dia?

S - Eu ouço muita música, música o tempo inteiro. Eu gosto muito de assistir vídeos no YouTube e podcast também.

Fabi - Quantos anos você tinha quando participou da Experimente? Você falou 17?

S - 17 anos.

Fabi - Você cursava que série naquele momento?

S - Terceiro ano do ensino médio.

Fabi - Você acha que o maior contato com o audiovisual através daquelas diversas formas de expressão na Experimente Oficina mudou de alguma maneira o seu olhar em relação à qualidade daquilo que você consumia naquele momento e do que você consome hoje?

S - Eu acho que teve sim uma interferência bem grande nessa coisa de verificar melhor o que eu ia ver. Eu comecei a prestar mais atenção em como eu achava que tinha feito as coisas. Por exemplo, eu assistia um vídeo no YouTube e eu pensava, provavelmente, que havia um roteiro por trás. Porque antes eu pensava, eu assistia os vídeos e eu falava, caramba, nossa, mas que espontâneo, né? Eles fazem piadinha assim do nada. Mas depois eu comecei a perceber que na verdade não, tudo tem um roteiro, tudo tem um planejamento e que é por isso que o negócio é bom, né? Se não houver nenhum planejamento, não fica legal.

Fabi - E naquele momento da pandemia, que nós estávamos em isolamento total, teve alguma experiência que te marcou ali na Experimente Oficina?

S - Teve. Teve uma que eu fiz com... Eu não me lembro se todas as pessoas fizeram com café, mas eu fiz com café. Um desenho que era para expressar algum sentimento que a gente teve durante a pandemia. E isso foi muito legal porque a gente teve o contato com as pessoas que a gente tinha o contato pessoalmente todos os dias na escola. Mas a gente teve esse contato virtual e de qualquer forma a gente também usou nossos sentidos. Porque eu usei muita minha mão para fazer, então foi uma forma de conectar as duas coisas. O contato que eu tinha com o pessoal do ensino médio agora por vídeo e as sensações também com a mão. O cheiro do café também me lembra muito.

Fabi - Já que você falou do terceiro, né? Enfim, queria que você me contasse se de alguma maneira... Porque a gente fez a experiência muito no início da pandemia.

S - Sim.

Fabi - Foi logo quando a gente foi colocada em isolamento total. Depois as aulas se tornaram remotas, porque tinha que voltar. As aulas tinham que voltar de alguma maneira. Você acha que de alguma maneira aquele contato que a gente estava tendo ali

nessa experiência com arte, com o corpo, te ajudou nessa volta? Porque agora a gente já se acostumou, né? Isso se tornou algo absolutamente normal. Eu estou perguntando porque naquele momento, de certa forma, mesmo vocês sendo jovens e tendo muito maior contato com essa relação com a internet, aquilo naquele momento te ajudou para a volta?

S - Me ajudou. Eu lembro... Não é um ponto que eu tive com a escola, mas foi um ponto que eu tive com o meu curso de inglês. Eu era muito tímida, eu não conseguia falar inglês nas aulas. E antes da minha aula de inglês voltar para o online, porque a gente deu uma pausa esperando para ver se ia voltar, se a gente ia voltar presencial, se ia começar online, e a gente ficou um período sem aula. E aí, uns 15 dias antes da Experimenta Oficina, o pessoal do meu curso de inglês falou, olha, daqui a um mês a gente vai voltar, viu, galera? Vai voltar, mas vai ser online. Aí eu fiquei, meu Deus do céu, como é que eu vou falar inglês com esse povo online? Vai ficar todo mundo me olhando, todo mundo em silêncio, olhando para a minha cara, falando inglês. E aí, eu comecei a conversar lá e eu percebi, na Experimenta Oficina, comecei a conversar lá com o pessoal, fazer as atividades, eu percebi que, na verdade, não tinha por que estar com vergonha. É a mesma coisa, a gente está tendo a mesma relação que a gente tinha, só que a diferença é que a gente está tendo por um objeto e não realmente cara a cara. Então, me ajudou justamente por conta dessa questão do curso de inglês, que eu já estava nervosa na época.

Fabi - E, assim, tecnicamente também te ajudou de alguma maneira?

S - Me ajudou nisso também. No começo, eu fazia aula no chão, aqui no chãozinho do meu quarto, com o computador na minha frente, porque eu não pensava antes, se acabar a bateria do computador, não tem uma tomada do lado. E aí, no chão, tinha uma tomada. Nas próximas... Nas próximos encontros, eu fui percebendo, eu arrumei o computador no lugar que tinha uma tomada próxima, deixei uma garrafa de água do lado, porque às vezes, precisa ir ao banheiro, aí pausa. Ah, preciso beber água, pausa. Então, eu comecei a prestar atenção mais nesses detalhes para deixar tudo mais posicionado do jeito que eu ia precisar, né? Para ficar mais confortável. Sim, para ficar mais confortável e para também não atrapalhar, né? Porque, poxa, aula, ninguém vai te esperar. Você mesmo se atrapalha.

Fabi - Sim.

S - No projeto também, mesma coisa. A gente se atrapalha. Eu estou falando com todo mundo qual é a próxima atividade, aí um fala, vai no banheiro. Aí um perde, depois tem

que explicar. Então, acho que essas coisas mais técnicas também consegui me posicionar melhor.

Fabi - Você falou que você está fazendo faculdade de...?

S - Publicidade e propaganda.

Fabi - Você está em que ano?

S - Eu estou no segundo ano, terceiro semestre.

Fabi - Você tem ainda algumas matérias que são online?

S - Tem.

Fabi - E híbrido, como é que é?

S - Tenho... Normalmente, eu tenho três matérias online e três presenciais, todo semestre. Esse ano, ainda tenho a optativa que também vai ser online. E eu acho que vai acabar sempre assim para sempre agora. Não vai ter mais totalmente presencial. Porque o meu curso, ele foi vendido para mim como presencial. E existe um híbrido. Então, eu acho que agora virou padrão.

Fabi - Mas as aulas que você tem, elas são gravadas ou não? É assim? São gravadas. São aulas gravadas?

S - Sim.

Fabi - Não são aulas remotas?

S - Não, são gravadas.

Fabi - Tá. Legal. É... Você chegou a ter algum tipo de ansiedade, depressão, síndrome do pânico? Alguma coisa relacionada à sua saúde mental durante a pandemia?

S - Aí, eu desenvolvi uma ansiedade. Uma ansiedade que, na verdade, eu sempre tive. Desde pequena, mas estava controlada. Aí quando chegou a pandemia, desencadeou tudo de novo. Eu resolvi passar numa faculdade pública. Comecei cursinho na pandemia e isso foi me trazendo alguns problemas mais relacionados à saúde mental.

Fabi - Mas você chegou a fazer algum tipo de tratamento, terapia, alguma coisa nesse sentido ou não?

S - Eu fiz terapia. Continuo fazendo. Parei faz uma semana, mas vou retornar também.

Fabi - Ótimo. Legal. Você acha que, de alguma maneira, o contato com a arte te ajuda no controle dessas suas questões emocionais? Tanto naquele momento como agora?

S - Sim, me ajuda bastante. Na época da pandemia mesmo, eu desenvolvi um carinho muito grande por maquiagem. Todos os trabalhos que envolviam arte, mas eu acho que foi mais para o final da pandemia. Eu comecei a fazer maquiagem mais artística. Eu comecei a desenhar de forma digital também e tudo isso foi me ajudando.

Fabi - Ótimo. Bom, meu bem, você gostaria de falar alguma coisa antes de a gente finalizar a entrevista?

S - Eu queria falar sobre uma questão específica que teve, numa atividade específica que a gente tinha que gravar um vídeo da nossa rotina, se eu não me engano. Eu gravei um vídeo que eu estava levantando da cama e você falou assim: “Mas meu Deus, você levanta da cama tão rápido assim? Tem que levantar a cabeça por último.” Até hoje eu vou levantar da cama e eu levanto a cabeça por último. Na hora que você falou que ia fazer entrevistas, que você ia me chamar, eu falei, nossa, a primeira coisa que eu lembrei foi isso.

Fabi - Que legal. Que bom. Eu vou, então, finalizar aqui a gravação.

3. Entrevista realizada no dia 18 de setembro de 2023 - 16h

Fabi - Nesse momento eu iniciei a gravação pelo Google Meet, tudo bem para você? C

- Sim, sem problemas.

Fabi - Então, eu vou para cumprir o protocolo, ler aqui uma coisinha antes para você, antes de iniciar as perguntas. Meu nome é Fabiana Carlucci, sou arte educadora, cineasta e pesquisadora. Eu sou mestranda no programa de pós-graduação interdisciplinar em estudos da condição humana na Universidade Federal de São Carlos, PPGECH, Campus Sorocaba. Estou fazendo um trabalho a partir da produção audiovisual colaborativa de jovens no contexto escolar. Você foi escolhida porque participou da Experimente Oficina durante a pandemia, de forma remota, e utilizou o audiovisual como ferramenta de aprendizagem e ou produção. Não foi?

C - Foi.

Fabi - Esse trabalho vai ser assim, eu vou te fazer algumas perguntas que vai demorar aproximadamente 20 minutos. Você entendeu?

C - Sim.

Fabi - Esse trabalho consiste em algumas perguntas e você só responde se quiser. E se quiser deixar de participar em qualquer momento, você pode, tudo bem?

C - Tá bom.

Fabi - Eu gostaria primeiro que você se apresentasse, falasse seu nome, sua idade e contasse um pouco de você.

C - Tá bom. Pode começar?

Fabi - Por favor.

C - Tá. Meu nome é (...). Eu tenho 20 anos atualmente. Eu vou fazer 21 daqui a três meses. Nem parece que passou muito rápido. Eu faço faculdade de jornalismo na Anhembi Morumbi. Estou no segundo semestre. Demorei um pouquinho para entrar na faculdade por uma opção própria mesmo. Estava, depois da pandemia, precisando muito de um tempo sozinha. Tirei um ano sabático, fiz cursinho ano passado. Passei na faculdade que eu queria, porém eu não tinha condições financeiras para ir para essa faculdade. E foi aí que o jogo começou...

Fabi - Que faculdade que era?

C - A Cásper Líbero. Eu passei em primeira chamada na Cásper. E eu fiquei muito feliz, porque era meu sonho, assim, passar desde que eu pensei em fazer jornalismo. Mas por questões financeiras, eu não consegui ir. Mas eu tô muito feliz com onde eu tô. Consegui uma bolsa. Tô super, assim, realizada. Minha carreira tá começando agora, tá decolando. E eu tô muito, muito, muito feliz. E eu faço faculdade de comunicação, né? E eu sempre gostei muito de falar, de conversar. Acho que dá pra perceber.

Fabi - Você tá no primeiro ano de faculdade, é isso?

C - Isso, no primeiro ano ainda.

Fabi - Legal. O que você entende pela palavra audiovisual?

C - A gente vê muito audiovisual na faculdade. Até o terceiro ano, mais ou menos. Porque faz parte da matriz. E eu sempre gostei muito, muito, muito. Fiquei diretamente apaixonada por tudo que envolve o audiovisual no geral. Sempre fui mais ligada no cinema, né? Porque desde pequenininha, sempre fui muito cinéfila. Sempre gostei muito de ver filmes. E não só assistir, mas saber do por trás, né? Por trás das câmeras, a voz, a técnica. Enfim, tudo que envolve o audiovisual. E assim, no meu último ano da escola, do ensino médio, a gente tinha que fazer um trabalho de metodologia da pesquisa. E como a gente tava em pandemia, o nosso orientador pediu pra gente fazer algo relacionado ao que a gente gostasse. O que estava mais inserido ali no nosso dia a dia, na nossa rotina. E eu escolhi fazer sobre um diretor super famoso, que é o Tarantino.

Fabi - Maravilhoso.

C - Foi um TCC, né? Ele orientou a gente. Eu demorei muito pra fazer, mas eu consegui terminar. E no dia da minha apresentação, eu fui aplaudida de pé. Eu fiquei muito feliz por isso. Recebi muitos aplausos. E isso foi muito bom e gratificante pra mim, porque me ajudou a me encontrar na área que eu tô hoje. Naquele momento, eu percebi assim, o que eu queria não é mais o que eu quero. Então, deixa eu ver aqui. Aí eu fiz um curso de cinema preparatório pra faculdade. E foi ótimo, eu me encontrei. Aí eu fui

pesquisando mais e mais e mais. E eu pensei, pô, acho que jornalismo se encaixa bastante no que eu gostaria. E aí, então, eu tô aqui hoje na faculdade. A gente vê muito essa parte até mais técnica do audiovisual. E é isso. Eu entendo, eu vejo o audiovisual não só como uma forma de expressão artística, porque tem todo esse lado sensível e tal. Mas também na questão de inserir informações dentro de uma sociedade. A questão da mídia, entende? E é isso, das notícias.

Fabi - Você se considera inserida em que classe social?

C - Então, depois disso tudo que nós passamos no país, essa reforma que a gente está passando aí, com essa transição de governo, né? Eu, graças a Deus, eu sou muito privilegiada, não falei da Cásper no sentido, como eu posso dizer, ai, coitada, sabe? Problemas de gente de branca, ou coisa do tipo. É mais num sentido assim, eu sou privilegiada, graças a Deus, sempre tive acesso ao estudo, tanto que sempre estudei em escola particular, né? Mas meus pais, eles sempre dependeram do Estado. Eles são funcionários públicos, né? Minha mãe é aposentada, mas meu pai é funcionário público. Então a gente sempre dependeu do Estado. E se o país tá quebrado, então também a gente fica quebrado. É meio uma consequência, assim. Eu não conseguia pagar a faculdade, porque não tem nenhum tipo de programa de bolsa. E eu não conseguia aplicar pro Fies, porque eu não tinha todos os requisitos pra passar no Fies, por conta justamente do salário total, juntando todos aqui de casa.

Fabi - Enfim, então vamos seguir. Você acha que as ferramentas audiovisuais te ajudam de alguma maneira? Se sim, de que jeito? Tudo bem, você já contou bastante da sua trajetória, que tem a ver com cinema, agora tem a ver com jornalismo, dentro dessa carreira que você tá construindo. Mas quais são as outras ferramentas que você acredita que podem te auxiliar no dia a dia? As ferramentas audiovisuais.

C- Ó, tem a rádio. Por incrível que pareça, eu escuto muito rádio. Eu sei que não é muita gente que fala sobre isso. Inclusive, na facul a gente vê que é um meio de comunicação que tá cada vez mais descendo de patamar. Isso é muito triste, mas também tem a ver com a nossa evolução, pra isso existe a evolução da tecnologia. Então tá tudo bem. E assim, eu escuto muita rádio, eu gosto muito de ouvir rádio. O celular, né? Estamos todos sujeitos a essa forma de comunicação. Estou tentando inclusive me desintoxicar um pouquinho desse excesso de dopamina, porque a gente sabe que o audiovisual é bom, é uma delícia, mas também pode ser destruidor de certa forma. Se não souber usar, se não tiver responsabilidade. E o computador, eu ando usando muito meu computador pra trabalho mesmo, por conta da faculdade. A televisão, cinema, enfim. E é isso. A

fotografia, que sempre foi uma coisa que eu gostei de fazer. Eu sou fotógrafa freelancer, então eu uso muito máquina, filmadora. Pra faculdade também a gente anda usando muito. E é, esses são os que eu mais...

Fabi - Você consome podcast, por exemplo?

C - Sim, nossa, eu estou viciadíssima em podcast.

Fabi - É que você falou da rádio, por isso que eu estou perguntando. Porque é um outro meio, claro, é um outro... Não é tão democrático como a rádio, mas tá aí.

C - Verdade. Eu escuto bastante. Eu não sei por que eu não lembrei do podcast. Todo dia de manhã, tomando café, eu escuto. Aí, às vezes, eu escuto notícia pra saber o que está acontecendo. Porque assim, de quinta e sexta, eu tenho duas professoras que só deixam a gente entrar na sala de aula se a gente conta a notícia do dia pra elas.

Fabi - Ótimo.

C - Então, isso é ótimo, né. Exercita muito a nossa cabeça em como que... Eu, né, que estou no jornalismo, estou mais pra parte do jornalismo político, estou muito ligada com notícias todos os dias, todos os momentos. Então, eu escuto podcast. Às vezes, de notícias, às vezes, eu faço uma aula de yoga ali, guiada, meditação guiada. Eu gosto muito, pra dormir. E no dia a dia também, de influencers. E é isso.

Fabi - Quantos anos você tinha quando participou da Experimente Oficina? E você cursava que série?

C - A gente começou na pandemia.

Fabi - Maio de 2020.

C - Meu Deus, por isso que eu sou de humanas. Eu não sei nem saber quantos anos eu tinha. 17, né? 17. Estava com 17. É, 17. 18 ali, beirando pros 18, eu acho.

Fabi - Então você estava no terceiro ano, quando aconteceu o grande evento da pandemia?

C - Isso, foi bem no comecinho, assim. Eu lembro que a gente foi, passou o carnaval, né? A gente teve umas duas semaninhas de aula. Acho que nem isso, e aí parou tudo. Logo depois.

Fabi - Você acha que o maior contato com o audiovisual, através de diversas formas de expressão, que a gente experimentou ali, na Experimente Oficina, mudou teu olhar em relação à qualidade daquilo que consumia naquele momento? E do que você consome hoje?

C - Ah, mudou. Eu falo muito, muito. Da oficina, tanto quando tínhamos presencialmente, quando tínhamos na pandemia, isso ajudou muito. Eu sempre fui

muito, como é que posso dizer? Desenvolvida, assim, né? Nunca precisei medir, nunca fui tímida. É isso que eu quero dizer. Só que ainda assim eu consegui sair muito mais da minha caixinha. Independente de estar trancada em casa na pandemia, independente de estar presencialmente, sabe? Focando mais no cenário pandêmico que a gente teve, eu acho que me ajudou sim. E eu falo isso com a boca cheia. O que me ajudou a estar onde eu estou hoje, foi também por conta que eu moro na Serra da Cantareira, então é muito mais afastado da zona de São Paulo, da cidade, poluição. Eu quase não tenho vizinhos. Meus vizinhos são os macaquinhos, os bichos preguiça e os passarinhos. Eu podia sair ainda, respirar um pouco de ar puro, andar todos os dias. Eu consegui evoluir muito nessa parte. Isso ajudou o meu lado mais sensível, né? Esse lado mais estético emocionalmente, sabe? De lidar com as coisas. Eu passei a escrever mais, eu passei a tirar mais fotos, eu passei a ler mais. Nossa, eu li muitos livros na pandemia. Muitos livros. Vi muitos filmes e eu fazia muitas resenhas de filmes. Eu, assim, durante a pandemia, lá de 2020, 2021, eu assisti 580 filmes.

Fabi - Nossa!

C - Então, assim, eu vi muito e todos eu fazia resenha crítica. Com certeza me ajudou bastante nessa parte de desenvolver aonde eu queria estar, que é onde eu estou hoje, graças a Deus, e onde eu quero estar daqui pra frente, onde eu queria estar naquele momento, entendeu?

Fabi - Naquele momento da pandemia, que estávamos em isolamento total, teve alguma experiência que te marcou na Experimento Oficina? Você lembra de algum exercício, alguma coisa que foi muito marcante, assim, naquele momento?

Fabi - Teve aquele da gente... Que eu lembro sempre, eu lembrei, inclusive, que a gente tinha que escolher uma música e representar, passar pro papel, ou de alguma, qualquer outra forma artística, o que essa música representasse pra gente. E eu lembro que eu fiz uma coisa até meio... Tipo, eu deixei meio em aberto e você perguntou, mas, o que isso quer dizer? E eu escrevi, eu fiz sobre um rap, né, e era um rap com uma crítica social.

Fabi - Você lembra da música?

C - Eu lembro, que era Canção Infantil.

Fabi - De quem é?

C - Ai, é... Ai, calma. Meu Deus, deu branco.

Fabi - Não, tudo bem, depois eu procuro.

C - Depois eu lembro, eu lembro também. Ah, é MC César. Isso, é. É um rap sobre uma crítica social incrível, emocionante, e eu choro todas as vezes que eu escuto essa

música, de tão linda que ela é. E eu lembro que eu fiz sobre ela, e aí eu fiz um desenho sobre o que seria o livro da vida. E aí você até falou pra mim, você falou assim, mas para o que servia o livro da vida? O quê é que tem nesse tal livro da vida? Então isso me marcou muito. E eu penso até hoje, inclusive, quando eu escuto essa música, eu lembro exatamente desse momento. Eu acho isso muito legal.

Fabi - Ai, que legal. Que incrível. Você chegou a ter algum tipo de ansiedade, de depressão, síndrome do pânico? Alguma coisa que tenha afetado a sua saúde mental?

C - Bom, todos nós fomos afetados, né. Quem falar que não foi, de alguma maneira, tá mentindo.

Fabi - Mas você teve algum quadro que você precisou ter algum cuidado maior? Criar alguma atenção maior?

C - Olha, muitas pessoas me perguntam isso, e eu sempre fico muito constrangida em responder. Porque assim, a pandemia foi um caos, né, a gente sabe disso. Infelizmente, mas pra mim, espiritualmente, igual eu disse, foi incrível. Então é até meio estranho, talvez feio eu dizer isso, porque pra mim foi ótimo poder ficar, passar um tempo. Se aquilo não tivesse acontecido, eu não estaria aqui, entendeu? Eu não teria me reconhecido. Talvez sim, talvez não, mas o importante é que quando aconteceu, eu consegui me conhecer de verdade, sabe? Pô, eu alisei, eu alisava meu cabelo. Uma curiosidade aqui, né, pras pessoas que estiverem assistindo. Eu alisei meu cabelo pela primeira vez com 10 anos de idade. Eu fiz progressiva. E na pandemia, eu consegui voltar pros meus cachinhos, porque eu falei assim, pô, ninguém vai me ver. Ninguém vai me ver, então assim, o que eu posso fazer? Eu falei, pô, eu vou simplesmente, eu literalmente acordei, eu falei, vou lavar meu cabelo e deixar secar naturalmente. E secou lindo, porque fazia um tempo, uns tempos, né, que eu não fazia botox, não fazia progressiva. E aí, minha mãe falou assim, nossa, cara, tá lindo, tá muito lindo. A mamãe vai comprar produtinhos pra você finalizar o seu cabelo. Aí eu fiquei toda animada. Eu falei, pô, se eu não gostar, é só voltar, né? Porque a gente não tá saindo, ninguém tá me vendo, então tá tudo bem. Mas eu amei. Então, assim, isso aqui é identidade, né? Nosso cabelo é nossa identidade. Então, eu pensava, hoje eu penso e falo assim, meu, onde eu tava com a cabeça de alisar, de tacar química no meu cabelo? Então, eu sei que pode ser uma, meio estar desvirtuando da conversa, mas é porque isso foi o que mais me marcou.

Fabi - A gente tem as nossas questões pessoais e cada um, e tá tudo bem. E eu acho que é isso, aqui, pra mim, o importante é isso mesmo. Que vocês se abram pra que a

gente possa ter uma troca real neste lugar. Porque isso vai estar sendo analisado com outros lugares, com outros contextos.

C - Acho maravilhoso isso. Eu não me senti ansiosa ou não fiquei depressiva. No pós, eu posso dizer pra você que voltar tudo foi meio... Caramba, será que já pode mesmo? Sabe? Deixar de usar máscara, por exemplo. Até hoje eu uso máscara em alguns lugares. Virei a louca, viciada em álcool em gel. Tendo meu em todo lugar. O pós talvez tenha trazido um pouco dessa ansiedade, desse medo. Porque também, né, depois que a gente passou, completamente normal, eu acredito. Mas também fiz muita terapia durante a pandemia, online. Então, eu acho que ajudou muito, muito, muito pra mim. Então, eu não tinha, graças a Deus, não tive nenhum problema comigo mesma. Ou ansiedade, depressão. Não desenvolvi nada disso.

Fabi - Você acha que a experiente te ajudou também nesse sentido?

C - Ah, sim. O fato é assim, só o fato de estar... De ter uma responsabilidade e estar estudando. Isso já fazia com que a gente tivesse isso, né? De estar inserido nesse meio e conseguir mexer ainda mais, se identificar ainda mais. Eu digo no sentido de comunicação via aparelhos, né? Sim. Com certeza ajudou pra saber mexer também. Eu sempre gostei de tecnologia, mas eu não era tão inserida assim nisso tudo. Então eu acho que pra todo mundo, né? Pra todo mundo, de certa forma, isso deve ter alavancado mais, com certeza.

Fabi - Maravilha. Meu amor, pra gente terminar, você gostaria de falar alguma coisa antes da gente finalizar?

C - Ah, eu... Agradecer, né? Por todo o carinho e amor que você sempre teve pela gente. E o prazer também que você sempre teve em ensinar. Não era como se fosse uma obrigação pra você, né? Você sempre fez tudo com prazer, desde o presencial até dar os seus pulos pra estar com a gente no online. Nas experiências que foram maravilhosas. E eu tenho certeza que cada um... Eu não converso mais com a maioria das pessoas que eu tinha contato, que eu tinha uma amizade. Mas eu sei que elas estão marcadas nesse sentido. Eu lembro muito, eu tenho muitas fotos também, muitos registros. Isso é o bom de ser uma pessoa que tira foto de tudo. De lembrar das nossas performances, das nossas rodas de conversas, das nossas mensagens, das nossas trocas de energia. Nossas experiências no geral. Como pessoas, né? Porque isso ajuda a moldar. Hoje em dia, tem um efeito gigantesco na minha cabeça, no meu corpo. Nossa, gente, eu sou muito alongada, graças a Deus. Tudo bem que eu já era na época, dos nossos encontros, mas o nosso corpo tem memória, né? É isso que eu queria dizer. E é isso. Eu sempre gostei

muito. Adorava quando chegava quinta-feira. Era sempre quinta-feira nas nossas aulas. Eu adorava muito.

Fabi - Que maravilha. Ó, eu vou finalizar aqui a gravação daqui. Peraí, só um segundo.

4. Entrevista realizada no dia 18 de novembro de 2023 - 16h

Fabi - Onde é que você está?

BA - Estou no Alasca.

Fabi - Eu vou entrar direto nas perguntas para a gente não perder tempo por conta dessa conexão, tá?

BA - Tudo bem.

Fabi - Primeiro eu gostaria que você se apresentasse, falasse seu nome, sua idade e contasse um pouco de você.

BA - Me chamo (...), tenho 24 anos. Eu estudei no Colégio Cantareira junto com a professora Fabiana. Hoje eu estudo administração e trabalho... Isso é um pouquinho de mim.

Fabi - Desculpa, cortou. O que você entende pela palavra audiovisual?

BA - Audiovisual é tudo que é comunicável visualmente. Comunicável de uma forma gravada. Tudo que transmite algo para uma outra pessoa de uma forma gravada. Uma comunicação. Essa é a forma que eu entendo.

Fabi - Você considera que essa ferramenta que a gente está usando agora aqui é uma ferramenta audiovisual?

BA - Sim, considero.

Fabi - Tá, você acha que essas ferramentas audiovisuais te ajudam de alguma maneira no seu dia a dia?

BA - Muito, muito. Porque a gente consegue se... Primeiro que a gente consegue se conectar com outras pessoas em todo lugar do mundo, na verdade. O que faz muita diferença nesse momento para mim, principalmente. E a mais importante é que você pode se conectar com pessoas que você não conhece também, mas que tem algo a te transmitir. Eu acho isso muito interessante. A gente pode procurar uma aula diferente, a gente pode procurar um espaço... Coisas diferentes para assistir que vai trazer novas experiências de alguma forma. Eu acho muito interessante. A mim, ajuda muito no dia a dia.

Fabi - Você consome materiais audiovisuais no seu dia a dia também ligados à arte?

BA - Sim. Eu assisto muita série de arte. Sobre coisas abstratas, sobre pinturas de rosto e tudo mais. São muito de arte, eu acredito. E até séries normais, que tem atuação, para mim, também é arte. Também é uma forma de arte.

Fabi - Quantos anos você tinha quando você participou da Experimente Oficina?

BA - Tinha 21 anos, tinha acabado de fazer 21 anos.

Fabi - Você já cursava alguma universidade ou não, na época?

BA - Não. Eu acho que eu estava decidindo iniciar a administração. Estava começando o processo de começar a administração.

Fabi - E você fez a Experimente Oficina em outro estado, né? Onde era?

BA - Sim, fiz na Bahia.

Fabi - Você já estava morando lá há quanto tempo?

BA - Fiz na Bahia, eu estava...

Fabi - Tá, você terminou aqui o ensino médio e foi para lá ou terminou lá o ensino médio?

BA - Eu terminei o ensino médio em dezembro de 2019. Em janeiro de 2020, eu me mudei para Bahia. E aí, em quatro meses veio a pandemia e a gente fez a Experimente.

Fabi - O que significou a Experimente Oficina para você naquele momento de isolamento total no início da pandemia?

BA - Na verdade, foi extremamente importante para mim, porque eu consegui me conectar com pessoas da escola que eu não tinha me conectado anteriormente há muito tempo, na verdade. Nesse um ano e quatro meses, e foi muito interessante. E, ao mesmo tempo, foi muito bom para eu me conectar comigo mesma. Acho que a pandemia trouxe esse pedido de conexão consigo mesma. E a Experimente Oficina me ajudou muito com isso. Porque a gente trabalhou lados diferentes sobre nós mesmos. Então, tudo era mais ou menos uma forma de autoconhecimento. O que toda a oficina, todos os exercícios traziam para nós mesmos. Foi um momento muito bom para eu repensar sobre mim, ter um autoconhecimento que é muito bom, né? No momento em que eu estava ali de pós-escola, entrando na faculdade, meio perdida e ainda num momento extremo de pandemia. Então, foi muito, muito bom para mim.

Fabi - Legal. Muito bom. Você acha que o maior contato com essa ferramenta audiovisual, ali através das várias expressões que a gente experimentava, mudou o teu olhar em relação à qualidade daquilo que você consumia naquele momento? Ou até do que consome hoje?

BA - Interessante. Acho que sim. Porque era um momento que a gente falava, vamos parar aqui um pouquinho. Por que eu estou assistindo isso? Eu acho que foi uma forma... É bem interessante isso, porque realmente... Foi bem na época da pandemia que eu comecei a trocar as coisas que eu assistia. Foi aí que eu comecei a parar e falar por que eu estou assistindo isso? Isso não me agrega em nada. Então, eu comecei a trocar, sempre buscando mais por arte. E também buscando conteúdos mais que me agregassem em alguma coisa. Não só por assistir.

Fabi - Eu acho que uma pergunta interessante de se fazer... e se te ajudou tecnicamente também? Porque vocês tinham que posicionar a câmera de um jeito. Vocês tinham que, às vezes, editar o vídeo que vocês faziam. Vocês tinham que tirar uma foto e mandar ali no grupo. Vocês criaram poesias, vocês escreveram. Mas isso precisava, de alguma maneira, vir para cá, ser compartilhado com o grupo. Aparecer nessa ferramenta audiovisual. Então, você acha que te ajudou?

BA - Sim, eu acredito que sim. Porque foi naquele momento que eu percebi que eu podia colocar... Exatamente o que você falou. Eu podia colocar uma coisa sobre mim, ou falar sobre minhas experiências. Me abriu muito a cabeça para, talvez, começar a contar um pouco mais sobre mim. Talvez começar a fazer vídeos sobre mim. Contando experiências. E, claro, é importante porque ativou novamente aquela paixão pela arte. Aquela paixão pelo teatro, principalmente. E eu sempre vou ter. Então, ativou muito. Foi muito bom para essa parte da arte. E uma conexão de pensar, poxa, o que eu posso fazer da mesma forma? O que eu posso fazer parecido com isso? De me gravar, de fazer alguma coisa do tipo. Então, abriu um pouco a mente para isso também.

Fabi - Você continuou produzindo, de alguma maneira, algum conteúdo? Alguma coisa?

BA - Naquele exato momento, não. Mas, de alguma forma, me abriu para, hoje em dia, compartilhar principalmente sobre o que eu vivo hoje, agora. Para conseguir compartilhar um pouco mais. Abriu um pouco a mente para eu poder fazer isso. Se eu usar a luz dessa forma. Se eu colocar o celular nesse ângulo, vai ficar uma luz melhor. É uma coisa assim. Eu senti que deu uma diferença. Hoje em dia, eu uso.

Fabi - Você lembra de alguma experiência que a gente fez ali? Que tenha te marcado?

BA - Eu lembrei de mandar foto de... Se eu não me engano, era de... Foto de cinco objetos importantes para você. A gente começou a oficina eu estava na casa dos meus pais. Quando a gente terminou o oficina, eu estava morando sozinha. Então também foi importante naquele momento. Foi muito bacana.

Fabi - Você chegou a ter algum tipo de ansiedade? Depressão? Síndrome do pânico?

Alguma coisa que tenha afetado a sua saúde mental? Durante a pandemia?

BA - Durante a pandemia, não. Durante a pandemia é muito difícil falar isso... mas foi um momento muito bom para mim. Em questão eu comigo mesma. Consegui me conectar muito. Consegui fazer muita arte. Durante a pandemia foi o momento que eu mais fiz arte.

Fabi - Que tipo?

BA - Eu mais... Pinteí muito. Eu pinteí muito. Eu desenhei muito. Eu... Tudo que era com a mão. Testava umas coisas diferentes. Umas artes diferentes. Foi muito bom para a minha parte artística.

Fabi - Você gostaria de falar alguma coisa antes da gente finalizar a entrevista?

BA - A Oficina foi muito importante realmente para o meu lado artístico. tenho muita saudade. Até hoje me dá muita saudade do teatro. É apaixonante. A Oficina foi muito importante porque trouxe isso. Me conectou de novo com aquela pessoa. Com a arte e tudo mais. E provavelmente agora com essa entrevista também vai me trazer de volta. Está me trazendo de volta isso. E com certeza vai fazer muita diferença nesse momento.

Fabi - E você foi parar aí, a bordo de um navio, como?

BA - Foram uns amigos dos meus pais que falaram que eles se conheceram a bordo. E que era uma experiência muito legal. Que eu podia viajar o mundo. Trabalhando. E que seria muito bom para mim. E eu estava numa cidade muito pequenininha na Bahia. E eu queria explorar um pouco mais. Queria saber o que mais eu podia fazer. Então foi me abrindo essas portas. E aí eu comecei. Comecei a fazer entrevista e tudo mais. O momento da pandemia foi muito agonizante para mim. Eu acho que a ansiedade que você perguntou veio muito forte na pandemia por conta disso. Porque eu estava esperando uma data para vir a bordo. Então eu passei praticamente dois anos só esperando essa data. Terminei o relacionamento. Fui de um trabalho para o outro.

Fabi - Então você está há quanto tempo a bordo?

BA - Eu fiz um contrato primeiro ano passado de oito meses e meio fiquei seis meses em casa. Mais ou menos sete. E agora eu já estou há três meses a bordo de novo. Três meses e meio.

Fabi - E você faz exatamente o que?

BA - No primeiro contrato eu trabalhei em restaurante. E aí era muito mais puxado. Muito mais pesado. Foram oito meses e meio muito puxados. E acho que fiquei até em depressão quando eu voltei para casa. Agora eu trabalho no shopping. Então a minha escala de trabalho é mais tranquila. Então eu estou vivendo melhor graças a Deus.

Fabi - Que maravilha. Deixa eu desligar aqui só a nossa gravação.

5. Entrevista realizada no dia 29 de setembro 2023 - 11h

Fabi - Pronto. Iniciei a gravação aqui... e vou iniciar aqui pelo... gravador também. Eu vou cumprir um protocolo aqui, vou ler uma coisinha aqui rapidinho pra você... e aí eu vou fazendo as perguntas na sequência, tá bom?

BO - Certo.

Fabi - Meu nome é Fabiana Calucci, eu sou arte-educadora, cineasta e pesquisadora. Eu sou mestranda no programa de pós-graduação interdisciplinar em estudos da condição humana pela Universidade Federal de São Carlos, PPGECH, Campus Sorocaba. Eu tô fazendo um trabalho a partir da produção audiovisual colaborativa de jovens no contexto escolar. Você foi escolhido porque participou da Experimente Oficina durante a pandemia, de forma remota, e utilizou o audiovisual como ferramenta de aprendizagem ou produção, não foi?

BO - Sim.

Fabi - Esse trabalho vai ser assim, ó, eu vou te fazer algumas perguntas que vai demorar aproximadamente 20 minutos. Você entendeu?

BO - Certo.

Fabi - Mesmo você me ajudando no trabalho, não vai ganhar nada. Esse trabalho consiste em algumas perguntas e você só responde se quiser. E se quiser deixar de participar em qualquer momento, você pode. Tudo bem?

BO - Perfeito.

Fabi - Primeiro eu gostaria que você se apresentasse, falasse seu nome, sua idade e contasse um pouco de você.

BO - Perfeito. Meu nome é (...), eu tenho 22 anos, sou um homem branco, cis. Estudei no Colégio Cantareira. Faço marketing, trabalho no ramo também há três anos. Durante a pandemia tive as atividades com a Experimente Oficina, que foi muito essencial para descontar um pouco do dia à dia que estava a pandemia, além de todos os exercícios, até com o corpo e nossa forma de comunicação.

Fabi - Jóia. O que você entende pela palavra audiovisual?

BO - Audiovisual é tudo aquilo que transmite uma comunicação. Pode ser através de um som, de uma imagem, de um vídeo, de um sinal, que possa transmitir algo que você esteja querendo comunicar.

Fabi - Você acha que as ferramentas audiovisuais te ajudam de alguma maneira?

Se sim, de que jeito?

BO - Totalmente. Hoje, trabalhando com marketing e trabalhando nesse ramo de eventos, audiovisual é sempre muito importante, desde a parte da comunicação para um convite, receber os clientes em eventos e todo o público. O audiovisual também está presente nas telas do evento, para mostrar alguma comunicação, algum banner com alguma informação importante de segurança, de comunicados sobre a empresa, branding, etc.

Fabi - E que produtos audiovisuais que você consome no seu dia a dia?

BO - Microfones, telas, LEDs, celular, som, fone de ouvido, tablets, som automotivo. Acredito que todos esses façam parte.

Fabi - Quantos anos você tinha quando você participou da Experimente Oficina?

BO - Eu tinha 20 anos.

Fabi - Você já tinha terminado o ensino médio? Você já estava fazendo faculdade ou ainda não?

BO - Já estava.

Fabi - E como que foi isso? Você fazia uma faculdade à distância já, ou isso aconteceu no período da pandemia, onde o estudo se tornou remoto.

BO - Assim que eu terminei o ensino médio, eu fui morar em outro país. A partir de 2020, logo depois veio a pandemia aí, eu comecei a graduação na universidade Anhembí Morumbi. E assim que começou o lockdown, a gente passou a ter as aulas EAD. Tudo transmitido ao vivo, durante o período de aula, semanais e todos os dias tinham aula, pra gente continuar o nosso aprendizado, então, de forma remota, passei a estudar EAD, e só nesse semestre a gente voltou realmente presencial às aulas.

Fabi - Tá, você ainda não terminou.

BO - Não terminei, termino agora esse semestre.

Fabi - Você faz faculdade de marketing.

BO - Marketing bacharelado, isso.

Fabi - O que significou a Experimente Oficina pra você naquele momento de início de pandemia em isolamento total?

BO - Descontração total, sair um pouco daquele caos que estava o mundo, apenas notícias ruins, a gente desconstruir um pouco essa questão de que em casa a gente não consegue fazer nada, a gente teve totalmente uma descontração no nosso dia a dia pra poder mexer um pouco com o nosso corpo, falar um pouco mais sobre a gente, etc.

Fabi - Você acha que o maior contato com o audiovisual, através de diversas formas de expressão na Experimente, mudou teu olhar em relação à qualidade daquilo que você consumia naquele momento e passou a consumir até hoje?

BO - Demais, totalmente. A partir desse momento, quando iniciou a pandemia, a gente fez esse experimento e uma sessão prática disso durante alguns dias, logo no início da pandemia, a gente pôde ver que através do audiovisual e remotamente a gente podia fazer tudo o que a gente teoricamente precisava fazer na rua. Então foi essencial pra gente dar uma movimentada, todo esse experimento foi essencial pra gente também perceber que a gente não estava sozinho ali. Então, através de um celular a gente se sentia um pouco mais conectado e o audiovisual, o som, poder ouvir e tudo mais faz uma grande diferença pras pessoas.

Fabi - Ótimo. Naquele momento da pandemia, em isolamento total, teve alguma experiência que te marcou que foi feita ali na oficina? Algum exercício que te marcou, que você lembra até hoje?

BO - Teve sim. Voltando ao assunto aula remota e tudo mais, eu me lembro que a gente, como conhecia a Fabiana através de uma aula que fazia parte do ensino médio, que era a oficina do corpo. Então a gente realmente sentiu partes do corpo que a gente não estava desfrutando por estar em casa. Fizemos exercícios bem bacanas, que pôde movimentar coisa que a gente não estava movimentando muito e esquecendo do que era essencial para a gente sair um pouco da rotina e ficar sentado o dia inteiro ou ficar em casa o dia inteiro. Isso ajudou bastante.

Fabi - Você chegou a ter algum tipo de ansiedade, depressão, síndrome do pânico durante a pandemia? Alguma coisa que tenha afetado sua saúde mental?

BO - Sim. Através da pandemia, tudo se agravou. Eu já sofria com ansiedade. Tomava remédios, acabei tendo que mudar, assim que normalizou um pouco as fases da pandemia. Eu tive que voltar ao psiquiatra para alterar um pouco isso, porque tudo se agravou com ansiedade. As pessoas se tornaram muito imediatistas. Então tudo, até em questão de trabalho, as pessoas querem uma resposta imediata através de uma reunião. Tudo virou uma conversa que precisa ser resolvida na hora e a gente acaba se cobrando um pouco mais. Mas só na questão da ansiedade mesmo, que hoje estou me entendendo muito melhor e consigo conviver com isso.

Fabi - Você acha que, de alguma maneira, o contato com a arte pode te ajudar, te ajudou, de alguma maneira, nesse lugar da saúde mental?

BO - Com certeza. A arte, seja sair, assim como normalizou, e poder desfrutar de diversos tipos de coisas artísticas que fazem a gente se distrair, realmente, desde um filme, que a gente se desconecta do mundo para poder interpretar aquilo e absorver um pouco daquilo, uma série, um podcast, uma música, realmente me ajudou muito.

Fabi - Ótimo. Você gostaria de falar mais alguma coisa, antes da gente finalizar a entrevista? Mais alguma coisa relacionada àquele momento, à Experimente Oficina, ao contato com, novamente, os amigos ali? Enfim, quer falar alguma coisa antes da gente finalizar?

Fabi - Posso falar, sim, um pouco. Eu acredito que todo esse experimento da Experimente Oficina durante a pandemia ajudou bastante. Como eu comentei, conheci a Fabiana no tempo do ensino médio e a gente acabou reunindo alunos e colegas de sala que participaram dessa sessão prática que foi a Experimente Oficina e foi bem bacana para a gente realmente se descontraír. Acredito que a pandemia atingiu cada um de uma forma, não dá para entender a dor do outro. Então, foi bem no momento que todos estavam com medo e simplesmente sentados na frente de um sofá, o que às vezes a pessoa não tem nessa condição de estar ali parado em casa. Então, eram diversas coisas que foram fazendo a gente abrir o olho. Então, ali na ligação, eu mesmo tinha uma amiga presente que a pandemia, para ela, não parou. Ela tinha que ir trabalhar, correr o risco, os pais dela pegaram. Então, acho que foi uma descontração ali para a gente sair um pouco desse caos que estava o mundo e foi realmente essencial a gente se reencontrar aí e fazer tudo isso juntos.

Fabi - Legal. Eu tenho falado isso nas outras entrevistas e vou perguntar, porque acho que eu passei um pouco reto disso, e isso é importante para a minha pesquisa, porque assim, por mais que vocês, jovens, tivessem muito contato com a questão, sempre muito conectados, toda essa coisa da internet e tal, eu acho que aquele momento ali, 2020, foi muito um divisor de águas em relação a essa ferramenta técnica. Tudo passou, por exemplo, você me contou ontem, ou antes de ontem, quando a gente estava marcando, que você ia ter um *happy hour* virtual. Isso não era uma coisa comum antes, da pandemia. Isso, enfim, se tornou comum porque a gente começou a ver que tinha várias possibilidades de funcionamento disso virtualmente. De alguma maneira, você acha que te ajudou tecnicamente a experimente oficina também?

BO - Com certeza, com certeza. Até a questão, seja no virtual, seja estar em casa e tirar um tempo para fazer isso, que a gente acaba esquecendo, às vezes, na rotina frenética de trabalho. Eu, por exemplo, trabalho híbrido, às vezes em casa, às vezes no

escritório. Então, quando eu estou em casa, eu tento priorizar aquilo que eu tenho que dar valor na minha casa, para mim, para a minha saúde mental. E a experiente trouxe um pouco disso, logo no começo da pandemia, como lidar até entrar numa reunião, deixar no mudo no período certo, abrir a câmera para mostrar a gente fazendo exercício. Foi bem bacana, porque era bem no começo, o pessoal precisava se familiarizar da nova forma, que não persistiu, mas ainda persiste um pouco, de fazer as coisas virtualmente. Fabi - Legal, muito bom. Muito obrigada, meu querido. Eu vou desligar aqui, a gente já fala. Deixa eu desligar aqui a câmera. Espera aí, deixa eu encerrar a gravação.

6. Entrevista realizada no dia 05 de outubro 2023 - 20h

Fabi - Então, começamos a gravação aqui, também vou dar um play aqui no gravador. Eu vou ler uma coisinha pra você antes, só pra cumprir um protocolo de pesquisa. Meu nome é Fabiana Carlucci, eu sou arte educadora, cineasta e pesquisadora.

Eu sou mestranda no programa de pós-graduação interdisciplinar em estudos da condição humana na Universidade Federal de São Carlos, PPGECH, Campos Sorocaba. Eu estou fazendo um trabalho a partir da produção audiovisual colaborativa de jovens no contexto escolar. Você foi escolhida porque participou da Experimente Oficina durante a pandemia, de forma remota, e utilizou o audiovisual como ferramenta de aprendizagem e ou produção. Esse trabalho vai ser assim, ó, eu vou te fazer algumas perguntas que vai demorar aproximadamente 20 minutos. Mesmo você me ajudando no trabalho, não vai ganhar nada. Tudo bem?

M.C - Tudo bem.

Fabi - Este trabalho consiste em algumas perguntas e você só responde se quiser, e se quiser deixar de participar em qualquer momento, você pode, tá bom?

M. C - Ah, ótimo.

Fabi - Eu gostaria primeiro que você se apresentasse, falasse seu nome, sua idade e contasse um pouco de você.

M.C - Tá, eu preciso do seu nome inteiro?

Fabi - Você fique à vontade, se apresente como achar melhor.

M.C - Ok. Eu sou a (...), eu tenho 23 anos, atualmente eu sou designer numa grande empresa de beleza e meu dia a dia consiste basicamente em acordar e trabalhar e tentar aproveitar um pouquinho do resto do dia, que sobra depois desse tempo.

Fabi - Tá, se você quer falar o nome da empresa, fica à vontade.

M.C - Ah, é, Oceania é o nome da empresa, tudo bem.

Fabi - Como é que é?

M.C - É Oceania o nome da empresa.

Fabi - Tá, legal. O que você entende pela palavra audiovisual?

M.C - Audiovisual eu consigo compreender uma série de fatores, né? Tipo, eu posso usar o audiovisual para vários fins e ele em si é uma imagem junto com uma trilha sonora, uma voz que acompanhe junto, então é a junção perfeita da imagem e do Som.

Fabi - Quais os materiais audiovisuais que você consome no seu dia a dia?

M.C - Eu como designer, eu consumo, acho que um pouquinho mais do que, por exemplo, alguém que trabalha com planilhas e essas coisas assim, porque faz parte do meu dia a dia também criar coisas audiovisuais. Então, além de...eu faço vídeos, por exemplo, a gente chama de stop motion ou um motion mesmo, que é animar algumas peças com produtos, às vezes com imagens, então a gente dá vida àquilo que antes estava parado. Enfim, aí tem os fins de engajamento para redes sociais, por exemplo, que não vem ao meu caso, mas durante os dias eu uso normalmente em chamadas de vídeo, que da pandemia para cá ficou muito mais comum esse uso desse tipo de chamada, para assistir filmes, para vídeos, vídeos curtos, vídeos longos, YouTube, TikTok e também aulas, que foi um leque que abriu muito também, novamente, depois da pandemia, foi um leque aberto que deu oportunidade para muitas pessoas fazerem... Terem aulas em lugares que são muito longe de onde eles poderiam ir.

Fabi - Legal, você já lincou com uma próxima pergunta, que é... Você acha que as ferramentas audiovisuais te ajudam no seu dia a dia?

M.C - Com certeza! Fora, assim, eu tô falando também fora do meu meio profissional, porque eu trabalho com isso, né? Não, com certeza, o audiovisual, para mim, eu acho que eu não consigo imaginar uma vida sem o audiovisual, que foi uma coisa que entrou tanto na vida, acho que de todo mundo, que não existe mais a... Nossa, muitos anos, desde a criação da televisão, do cinema, tudo isso nunca mais vai ser igual, você pode ter certeza.

Fabi - Tá, muito bom. Quantos anos você tinha quando você participou da Experimente Oficina e você ainda estava no colégio formal ou você já estava fazendo faculdade, como é que era?

M.C - Foi em 2020, eu tinha 20 anos, e estava na faculdade. É, eu terminei em 2021.

Fabi - Tá, o que você fez?

M.C - Eu fiz design gráfico.

Fabi - Você entrou na faculdade em que ano?

M.C - No começo de 2018.

Fabi - Tá, e como que foi essa mudança? As suas aulas eram presenciais na faculdade?

M.C - Isso.

Fabi - Que universidade que você fez?

M.C - Belas Artes.

Fabi - As aulas eram presenciais?

M.C - Sim, e a partir de um momento deixaram de ser.

Fabi - E como que foi isso? Como que foi essa mudança pra você desse ensino presencial pra esse ensino remoto?

M.C - Olha, eu vou confessar que no começo foi uma mudança de realidade muito grande pra mim, então eu não estava conseguindo focar muito, mas eu também achei que ia passar tudo tão rápido, ia voltar tudo ao normal, que eu acabei não levando tanto a sério no começo. Mas quando eu vi que era um negócio, e até o final da minha graduação foi online, então com o tempo eu fui percebendo que aquilo lá era a minha realidade, e fui falando, tá bom, agora é de verdade, vou sentar pra fazer. E eu percebi que era um conforto muito, milhares de vezes maior do que eu poderia ter em sala de aula. Obviamente, em sala de aula existem dinâmicas que não funcionam nas chamadas de vídeo, enfim. Mas eu percebi que existem muito mais prós do que contras no ensino à distância.

Fabi - Como, por exemplo?

M.C - Um pró que eu acho que é o maior, assim, é não ter a necessidade de locomoção. Eu estava na zona norte, lá dentro da mata, e tinha que vir aqui pra Vila Mariana, que é onde eu tô morando atualmente, que eu tinha que vir aqui pra Vila Mariana, e demorava muito, era muito cansativo pra chegar, e às vezes o professor fala, tá bom, o coordenador fala, tá bom, o professor não veio, vocês podem ir, vocês estão dispensados. Dois ônibus, metrô, saia andando, era difícil. É um pró que, assim, eu acho que bate todos os outros.

Fabi - E financeiramente também, né?

M.C - Com certeza, nossa. Isso nem se fala. Porque a questão do deslocamento na cidade, tem toda uma questão também que é financeira.

Fabi - O que que significou a Experimente Oficina, quando você foi chamada ali naquele momento, no início de uma pandemia? Como que foi essa experiência pra você?

M.C - Caramba. Eu lembro que, pra mim, na minha cabeça ia ser só um remember, assim, da escola, pra lembrar de como é que era fazer teatro, como é que é legal, essas coisas assim. Mas, no fim, acabou que foi uma coisa muito boa, porque, querendo ou não, eu ficava sentada o dia inteiro na frente do meu computador, eu não fazia mais nada, era cadeira, cama, banheiro, cozinha, e era só isso que eu fazia. Então, quando veio a ideia de, poxa, conversar, ver outras pessoas também, e principalmente se mexer, começar a se alongar, sentir os ossos tralando, foi... fez uma diferença.

Fabi - Você acha que o maior contato com o audiovisual, ali, naquela oficina, que foi bem nessa transição de tudo isso que a gente falou, né, através daquelas diversas formas de expressão, mudou o teu olhar em relação à qualidade daquilo que você consumia naquele momento, daquilo que você consome hoje, ou a maneira como você passou a encarar essa ferramenta que a gente está agora?

M.C - É, eu acho que a resposta seria essa mesmo, de conseguir encarar a ferramenta um pouco mais... mais a sério, por assim dizer, porque era tudo muito novo, eu não consigo explicar muito bem, mas eu não conseguia levar muito a sério isso que estava acontecendo naquele momento. Eu acho que com certeza, eu consigo afirmar com certeza que me ajudou a falar, tá bom, existe uma coisa chamada de vídeo e ela funciona, parece que eu estou perto. E a partir daquele momento se tornou uma coisa...

Ah, sim, claro, é verdade.

Fabi - E passou a fazer coisas a partir disso também, né?

M.C - Com certeza, com certeza, foi uma ferramenta recorrente no meu dia a dia, esqueci de concluir, mas...

Fabi - Você lembra de alguma experiência diferente assim, sei lá, teve gente que já contou que, de repente, rolou um aniversário através dessa ferramenta e que a família pôde se ver? Você lembra de alguma coisa que também te marcou nesse novo movimento aqui que era essa coisa virtual?

M.C - Poxa, eu não sei se vale, mas eu tive minha apresentação do TCC.

Fabi - Pô, claro que vale, né?

M.C - E foi muito mais tranquilo, eu tenho certeza. Foi a apresentação do meu TCC, acho que é o marco que eu consigo lembrar agora, que eu tinha me preparado desde o colégio para fazer uma apresentação toda bonitinha, em pé, na frente de um telão, falando um monte de coisa, só que no fim acabou... tava eu na frente de uma telinha.

Fabi - Ótimo. Naquele momento da pandemia, que a gente estava ali em isolamento total, teve, você lembra, de alguma experiência ali, alguma forma de expressão, algum

exercício, alguma música que a gente... que você fez ou que alguém fez ou que aconteceu ali na Experimente Oficina que te marcou?

M.C - Aqueles alongamentos que a gente fazia no começo, que é algo que está muito marcadinho aqui. E também teve um em específico que eu tinha que fazer alguma coisa com desenho. Enfim, eu sei que fui muito ligada a desenho, mas era para fazer alguma... Alguma emoção, você retratar alguma emoção usando grãos ou alguma coisa assim. Enfim, eu não lembro muito bem, mas é algo que está guardadinho bem com carinho aqui dentro.

Fabi - Você lembra do resultado disso ou não?

M.C - Eu tenho guardado até hoje, inclusive, o desenho que eu fiz com lápis, o de feijãozinho que eu fiz, infelizmente eu não vou ter, mas um exercício que teve que eu fiz a lápis, eu tenho guardado até hoje.

Fabi - Então, depois, se você puder me mandar uma foto, eu agradeço.

M.C - Com certeza, eu tenho fácil, eu mando sim.

Fabi - Você chegou a ter algum tipo de ansiedade, depressão, síndrome do pânico, alguma coisa que tenha afetado a sua saúde mental durante a pandemia?

M.C - Não foi por causa da pandemia, era uma doença que eu já tinha, continuei tendo, mas não foi engatilhado pela pandemia, né. Eu sempre tive ansiedade e... Enfim, eu não sei dizer se exatamente se agravou por causa da pandemia. Eu acho que, arrisco dizer que não. Mas, obviamente, teve alguns momentos que ficou mais tenso, né, com as notícias que saíram, e aí, obviamente, aumenta a ansiedade. Mas não teve nada engatilhado pela própria pandemia que eu tive, não. Eu já fazia terapia regularmente e eu já era medicada também. Então, eu só continuei, não houve alteração nesse sentido.

Fabi - Tá. Você acha que, de alguma maneira, a arte te ajudou e te ajuda nesse lugar de ansiedade?

M.C - Eu não consigo descrever em palavras o quanto a arte me ajuda todos os dias. Eu arrisco dizer uma frase muito forte, mas acho que se não fosse a arte, eu não estaria aqui hoje. Ela é mensuravelmente importante na minha vida.

Fabi - Meu bem, eu queria que você, sei lá, se tiver alguma coisa pra falar antes da gente finalizar a entrevista, que, obviamente, tenha relação com todas essas coisas que a gente falou, pra que possa ficar registrado.

M.C - Eu acho que é válido pontuar o quão importante foi aquilo naquele momento pra mim. Foi uma bateria de exercícios que foram muito importantes. Pra aquele momento, principalmente. Mas eu tenho certeza que se, por exemplo, fosse uma videochamada

agora que a gente não tá mais em pandemia, seria tanto quanto importante pra mim. Foi algo que me fez sentir muito bem. É isso.

Fabi - Tá bom. Peraí, então, eu vou desligar aqui antes de te falar tchau. Eu vou finalizar aqui a nossa gravação. Vou parar por aqui.

7. Entrevista realizada no dia 18 de outubro de 2023 - 15h

Fabi - Então, vamos lá. Eu vou ler uma coisinha antes pra você, só porque faz parte do protocolo. E aí a gente segue com as perguntas, tá?

L - Tá bom.

Fabi - Meu nome é Fabiana Carlucci. Eu sou arte educadora, cineasta e pesquisadora. Eu sou mestranda no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos da Condição Humana na Universidade Federal de São Carlos, PPGECH, Campo Sorocaba. Eu tô fazendo um trabalho a partir da produção audiovisual colaborativa de jovens no contexto escolar. Você foi escolhida porque participou da Experimente Oficina durante a pandemia, de forma remota. E utilizou o audiovisual como ferramenta de aprendizagem e ou produção. Não foi?

L - Foi.

Fabi - Esse trabalho vai ser assim, ó. Eu vou te fazer algumas perguntas que vai demorar aproximadamente 20 minutos. Mesmo você me ajudando no trabalho, não vai receber nada. Esse trabalho consiste em algumas perguntas e você só responde se quiser. E se quiser deixar de participar em qualquer momento, você pode. Tudo bem?

L - Tudo bem.

Fabi - Então tá. Então primeiro, eu gostaria que você se apresentasse, falasse seu nome, sua idade e contasse um pouco de você.

L - Tá. Meu nome é (...), eu tenho 14 anos e... Ah, o que eu tenho que pra falar de mim, tipo, nesse contexto, eu acho que é que eu sou uma pessoa que gosto muito da arte, desde pequena. Gosto muito de me expressar dessa forma. Eu gosto muito também de natureza, dos animais.

Fabi - Você tá falando comigo de onde? Qual que é a cidade?

L - Valinhos.

Fabi - Valinhos. Tá. Legal. O que que você entende pela palavra audiovisual?

L - Ah, eu entendo que é algo que, tipo, da linguagem multimodal, né? Que é algo que você, algum tipo de arte que você consegue interpretar das duas maneiras. Vendo e ouvindo.

Fabi - Você acha que as ferramentas audiovisuais te ajudam de alguma maneira no seu dia a dia?

L - Com certeza.

Fabi - De que jeito?

L - Ah, eu acho que, por exemplo, a conferência que a gente tá fazendo agora, poderia dizer que é algo audiovisual, certo? Igual, o próprio trabalho que a gente fez durante a pandemia foi um trabalho audiovisual. Então, eu acho que me ajuda muito a me comunicar com pessoas que estão à distância, por exemplo, você. Só que me ajudou mais ainda na pandemia, que praticamente tudo era feito de forma audiovisual.

Fabi - Ótimo. Maravilha. Quais são os materiais audiovisuais que você consome no seu dia a dia?

L - Ah, acho que principalmente o celular e computador.

Fabi - Você assiste filmes, séries?

L - Sim, sim.

Fabi - Quantos anos você tinha, você era integrante mais nova quando participou da Experimente Oficina?

L - Tinha 11.

Fabi - Você tava em que série?

L - Sexto ano.

Fabi - Como que foi pra você, que tava saindo do Fundamental I e entrando no Fundamental II? Como que foi isso pra você?

L - Ah, no começo eu não imaginava que ia tomar a proporção que tomou, né? Então no começo, tipo, quando acabou de acontecer isso, eu não tava ligando muito. Até porque eu tenho facilidade na escola e eu sempre participei. Tipo, muita gente não deu a mínima pras aulas online, não participava e tal, mas eu sempre busquei participar. Então, pra mim, de início não teve uma diferença muito grande. Tipo, eu conseguia acompanhar a matéria e as aulas da mesma forma que presencial. Só que depois, tipo, quando já tava acabando o ano, mesmo conseguindo aprender da mesma forma, começou a ficar muito cansativo e exaustivo. Tipo, ficar na frente de uma tela todo dia. E, tipo, eu comecei a sentir muita falta de ter aula presencial dos meus colegas. E daí eu fui voltar só no final do sétimo ano. E eu fui uma das últimas a voltar também porque

eu fiquei bastante afastada na quarentena. E eu voltei, acho que só em outubro de 2021 pra escola. Só que eu acho que não teve uma grande... Pra mim, acredito que pra várias pessoas teve, mas pra mim eu não senti tanta diferença nessa transição. Porque o processo da transição foi mais no final do quinto ano, que foi presencial. E daí no começo do sexto ano eu consegui acompanhar bem as aulas online. Mas eu senti muita falta do contato físico dos meus amigos.

Fabi - O que que significou a Experimente Oficina pra você naquele momento de isolamento social no início da pandemia?

L - Então era uma forma de eu fazer parte de um grupo de pessoas, mesmo estando isolada. E não era um grupo de pessoas que eu tava acostumada. Por mais que eu já conhecesse, acho que duas integrantes, eu fazia várias atividades com pessoas que eu não tava tão acostumada a conversar. E foi importante, porque foi uma maneira de eu me distrair na quarentena.

L - Você acha que o maior contato com o audiovisual, através daquelas várias expressões que a gente tinha ali na Experimente Oficina, mudou o teu olhar em relação àquilo que você consumia naquele momento ali nas redes sociais ou na internet? Que aquilo te desenvolveu de alguma maneira? Você passou a olhar as coisas de uma maneira diferente?

L - Ah, sim. Tipo, o que você perguntou, o que eu consumia na internet, de lá pra cá, já mudou muito naturalmente, né? Porque eu amadureci muito, e tipo, mudou a minha ideia. Eu já tô com 14 anos, né? Na época eu tinha 11, eu era mais infantil. Mas, ah, com certeza. Tipo, eu sempre gostei muito de... Na época, eu tinha até um canal no YouTube, que postava coisa do tipo, e eu sempre tive muita facilidade, assim, pra me expressar, e pra editar também o vídeo, que os meus vídeos, eu lembro que eu editava tudo direitinho e tal, e até hoje, eu edito alguns vídeos, sim.

Fabi - Você continua ainda produzindo coisas assim, audiovisual?

L - Ah, sim, mas são mais pra mim. Eu não costumo mais postar, hoje em dia. Mas menos, diria que menos.

Fabi - Que tipo de ferramenta que você usa?

L - Eu uso o... Tipo, na época, eu não usava. Eu usava outro editor, eu usava o InShot. É tudo editor pra celular. Faço tudo pelo celular. Mas hoje em dia, eu uso um que muita gente usa, que é o CapCut. Só que eu, tipo, sei... Faz bastante tempo que eu uso, e tipo... Todo mundo consegue mexer, mas o básico, eu sei, tipo, fazer tudo nele. Tudo mesmo.

Fabi - Você lembra de algum... De algum exercício, de alguma experiência ali, que tenha te marcado? Que você fez ali na Experimente Oficina?

L - Eu lembro que... Do primeiro exercício, na primeira aula, que a gente tinha que fazer um vídeo se apresentando. E daí eu lembro que cada um se fez de um jeito completamente diferente do outro. E eu lembro de outro exercício também, que foi um vídeo... Ai, eu não lembro o nome da menina agora, eu acho que era a Malu. Tá certo? Eu lembro que ela fez um vídeo que eu gostei muito e que ela postou no TikTok e viralizou, inclusive. Isso eu lembro bastante também.

Fabi - O que que era, você lembra?

L - Ai, era um de flor, era um que ela pintava flor na cara, assim. Não lembro agora detalhes, mas eu lembro que era um que ela faz, tipo... Eram três personagens, eram três tipos de flores diferentes, que ela fez uma maquiagem artística. E daí ela postou no TikTok, acho que pegou, tipo, duas mil curtidas. Na época, que na época, tipo, não era tão comum viralizar no TikTok. Então a gente ficou, nossa, que legal. Enfim... Ai, eu lembro desses dois exercícios. Não lembro exatamente qual era o exercício que ela fez, mas eu lembro do vídeo dela. E eu lembro desse primeiro, que cada um fez um vídeo se apresentando. E como que você fez o seu, você lembra?

L - Eu lembro, eu lembro que eu, tipo, fiz como se eu fosse um entrevistador me entrevistando.

Fabi - Muito bom. Você chegou a ter algum tipo... Porque você acabou de comentar também que você foi uma das últimas a voltar, né? Do isolamento pra essa convivência ali na escola e tals. Você chegou a ter algum tipo de ansiedade, depressão?

Alguma coisa que você tenha sentido que tenha afetado a sua saúde mental durante a pandemia?

L - Ah, eu acho que não. Tipo, algo grave assim, eu acho que não. Mas, tipo, realmente, eu fiquei com a saúde mental um pouco instável, né. Por conta de eu sentir muita falta de ver os meus amigos. Mas acho que, tipo, ansiedade e depressão, acho que não chegou nesse nível, né. Mas eu diria, sim, que eu sinto uma diferença. No final da quarentena eu tava meio que surtando e queria a todo custo sair daquilo, né.

Parar com o isolamento. Mas, tipo, hoje em dia eu diria que minha saúde mental tá muito melhor do que naquela época.

Fabi - E também foi tranquilo pra você a volta? Não teve nenhum problema? Porque teve gente também que sentiu a volta, né.

L - Sim. Depois de voltar a conviver foi muito difícil pra vários adolescentes, né.

Pra mim foi super tranquilo. Porque eu voltei na escola que eu já estudava há muito tempo. Então eu conhecia todo mundo. Pra mim foi bem tranquilo. Mas uma coisa que eu não gostava é que... Mas isso foi ano passado. Que depois que todo mundo tirou a máscara, eu ainda não tirei. Porque meus pais me deixavam. E por eu ter... Tipo, eu fui uma das últimas a sair do isolamento, a última a tirar a máscara. Porque eu tenho um histórico de doenças respiratórias. E daí eu tenho comorbidade, né. Tomei a vacina antes até, tal. Eu tenho asma, bronquite, rinite... Ah, eu tenho tudo! Já tive várias internações por conta de problema respiratório. Aí... Meus pais sempre ficaram muito rígidos com isso, por causa da minha comorbidade.

Fabi - Entendi. Você acha que, de alguma maneira... A arte... Te ajudou naquele momento? E te ajuda até hoje em momentos... Que são mais difíceis? Mais imprevisíveis?

L - Ah, na época me ajudou sim. Porque foi uma maneira de eu me expressar. Porque eu tava falando com poucas pessoas. Tipo, eu falava mais com o meu ciclo de amigos, que eu tenho mais intimidade, né. Mas eu tava falando com poucas pessoas. E foi uma forma melhor de eu expressar o que eu tava sentindo. Porque acho que ninguém tava, tipo, 100% bem naquela época, né. Então, na época me ajudou sim. E... Ah, é bom a gente se expressar de outras formas também. Porque querendo ou não, a gente vai se fechando. E quando, por exemplo, na volta... Eu não era. Porque teve gente que voltou e ficou muito fechado. Eu não, sempre fui uma pessoa muito aberta. Porque sempre me expressei muito bem. Hoje em dia, eu não diria que isso me ajuda. Mas eu gosto muito. Ainda pratico. Eu gosto muito de desenhar. E de fazer... Ah, é aquelas escritas diferentes, sabe. Com desenhos. Eu gosto bastante.

Fabi - Tá. Eu ia te perguntar isso. Se você faz alguma coisa dentro do teu currículo.

Ou fora até da escola, assim. Tipo, a S, que faz teatro. A N, que faz sapateado. Você faz alguma coisa ou não?

L - Não, eu não faço nada de arte, não. Mas eu gosto muito de fazer uma coisa que eu acho bem diferente. Que é letra de grafite. Que tem, assim, na rua, de grapixo. E eu, tipo, faço aqui em casa, assim. Uma coisa fora da escola, né. Que é, acho que, tipo, a principal coisa de arte que eu faço.

Fabi - Você é muito comunicativa.

L - Obrigada.

F - Você acha que, de alguma maneira, o experimento que a gente fez, te ajudou a lidar com essa ferramenta aqui? Tecnicamente, também?

L - Sim. Sim, eu acho. Tipo, eu sempre tive muita facilidade pra mexer em coisa tecnológica. E arte virtual também é uma coisa que eu gosto muito. Mas eu lembro que, na época, eu não tinha TikTok. Que é... E daí eu instalei só por conta do experimento. Porque acho que a gente postava no TikTok, ou alguma coisa assim. E, tipo, não sei depois de quanto tempo eu instalaria depois. Provavelmente eu já ia instalar, porque era algo que estava muito em alta na época. Mas isso foi uma coisa muito boa. Tipo, querendo ou não, pode ter seus lados ruins, né. De ser um vixi, etc.

Mas eu gosto muito da ferramenta TikTok. E, na época, eu aprendi a mexer no TikTok por causa do experimento. Aí, o Meet, o Meet também. Também, eu não tinha muito costume de usar. E por causa do experimento, eu acabei usando mais.

Fabi - Ótimo. Maravilha, meu amor. Você gostaria de falar alguma coisa antes da gente finalizar a entrevista?

L - Ah, acho que a única coisa que eu gostaria de contribuir é te agradecer pelo experimento que a gente fez durante a pandemia. Que foi muito importante pra mim. Foi muito legal. Tenho boas lembranças.

Fabi - Então, tá bom. Peraí que eu vou encerrar aqui a gravação.

8. Entrevista realizada no dia 18 de outubro de 2023 - 14h

Fabi - Pronto, já estou gravando. Então, vamos começar, sou... Eu vou cumprir aqui um protocolozinho, que é ler uma coisa pra você rapidinho antes da gente começar, só pra você entender o que é, e aí a gente vai pras perguntas. Meu nome é Fabiana Carlucci, eu sou arte-educadora, cineasta e pesquisadora. Eu sou mestranda no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos da Condição Humana na Universidade Federal de São Carlos, PPGES, Campos Sorocaba. Eu tô fazendo um trabalho a partir da produção audiovisual colaborativa de jovens no contexto escolar. Você foi escolhida porque participou da Experimente Oficina durante a pandemia, de forma remota, e utilizou o audiovisual como ferramenta de aprendizagem e ou produção, não foi?

S - Sim.

Fabi - Esse trabalho vai ser assim, eu vou te fazer algumas perguntas que vai demorar aproximadamente 20 minutos. Mesmo você me ajudando no trabalho, não vai ganhar nada. Esse trabalho consiste em algumas perguntas e você só responde se quiser. E se quiser deixar de participar em qualquer momento, você pode.

S - Tudo bem.

Fabi - Então vamos lá. Eu gostaria primeiro que você se apresentasse, falasse seu nome, sua idade e contasse um pouco de você.

S - Ok. Meu nome é (...), eu tenho 16 anos, agora que eu fiz aniversário em setembro. Eu tô no primeiro ano do médio e eu agora tô me interessando muito por teatro, por arte no geral, desenho, escrita. Então é uma coisa que agora eu tô estudando muito. Acho que tô na minha quinta ou sexta peça de teatro. Então, arte agora uma coisa pela qual eu tô me interessando bastante é a carreira que eu busco seguir.

Fabi - Ótimo. O que você entende por audiovisual?

S - A junção da arte do som e da imagem. Então quando essas duas artes se complementam, né? Como a arte de um filme, por exemplo, que tem toda a questão estética da cena, de como aquela cena vai ser feita. Então tem a questão ali da imagem que a gente vê, por exemplo, o desenho é só uma imagem, é só uma arte visual. Não tem a parte sonora. Mas aí o filme junta também tem a arte da música com isso. Então é quando essas duas artes criam, passam a mesma mensagem juntas.

Fabi - Você acha que as ferramentas audiovisuais te ajudam de alguma maneira no seu dia a dia? E se sim, de que jeito?

S - Ah, eu acho que sim bastante. Porque é quando a gente entende que uma coisa às vezes não consegue fazer, passar uma mensagem completamente sozinha. Ou se consegue, a junção de uma outra coisa vai fazer essa mensagem ser passada muito melhor.

Fabi - Você considera que esse instrumento que a gente está usando agora aqui, virtualmente, ele é uma ferramenta audiovisual?

S - Considero, porque tem a imagem da videochamada e tem o áudio. Então, considero sim.

Fabi - Quais são os produtos audiovisuais que você consome no seu dia a dia?

S - Ah, acho que as redes sociais tem bastante disso. Os filmes. Eu não sei. Eu acho que peças de teatro não seriam audiovisuais, mas não sei muito bem.

Fabi - Mas elas podem usar elementos audiovisuais, né? Tem peça que trabalha com projeção, tem peça que, enfim, usa alguns materiais tecnológicos que são audiovisuais, né?

S - Sim, tem filmes. Do que eu estou me lembrando agora são esses. Acabo ficando muito mais na rede social, né? Porque é o que a gente está muito imerso hoje. Mas acho que todas elas têm essa questão do audiovisual.

Fabi - Você falou, por exemplo, que você acabou de apresentar uma peça. Quer falar um pouco dessa peça? E se ali vocês usavam algum tipo de ferramenta audiovisual?

S - Sim, acho que seria ótimo. A gente apresentou o Rei Leão, inspirado no musical da Broadway. Então, a gente trabalhou muito a junção das cenas com a música. A gente trabalhou em módulos, né? Então primeiro teve módulos de canto e dança, pra depois a gente montar as cenas. E era algo muito, assim, não dá pra montar isso isolado. Então não dava pra montar a dança, a coreografia e o canto. E depois montar uma cena sem pensar em como era a nossa coreografia e a música que a gente ia cantar. Então foi uma experiência... foi a minha primeira experiência com teatro musical. E foi algo muito legal de ver como que algo estava intrinsecamente ligado à outra parte do espetáculo. Mesmo que não fosse algo que tivesse a ver, era tudo parte de um mesmo corpo. Então, as cenas, a gente tinha que pensar numa movimentação de cena que não fosse deixar a gente completamente esbaforido pra depois ter que cantar uma música inteira. A coreografia também. A gente não podia pensar em algo que fosse ficar, um posicionamento que ia ficar visualmente feio no palco e que depois não ia funcionar pra cena. Como a gente ia entrar, como a gente ia sair da coreografia, era tudo algo pensado. Então, foi algo que fez eu pensar muito bem nessa junção.

Fabi - Quantos anos você tinha quando você participou da Experimente Oficina?

S - Eu tinha... Foi 2020, eu tinha 12 anos.

Fabi - E você estava em que série no colégio?

S - No sétimo.

Fabi - Como foi pra você a experiência... Porque por conta do isolamento social, todo mundo passou a ter aulas a partir do ensino remoto híbrido, né? Como que foi essa experiência pra você?

S - A experiência do ensino EAD?

Fabi - Isso.

S - Pra mim foi algo bem difícil. Porque, pra mim, a coisa que me dava vontade pra escola era essa interação social, né? De todos os alunos entre si, estavam ali na sala. Então, foi uma coisa que atrapalhou muito, sabe? Estar sozinha no escritório ali. Então, não ter essa convivência diária era algo muito difícil. Ainda mais porque eu tinha acabado de mudar de cidade, mudar de escola. Então, eu não podia nem interagir com os alunos no chat ali da aula. Porque eu não sabia como. Eles ficavam ali conversando entre si no chat, não prestando atenção na aula. Só que conversando entre si. Pelo menos ali ... Às vezes até no WhatsApp.

Fabi - Você chegou a ter algum contato com eles na nova escola pessoalmente? Ou não? Quando começou... Quando você teve contato já era virtual?

S - Não, eu cheguei a ter dois meses de aula presencial. Só que acabou não dando tempo muito de criar vínculo nenhum. Aí veio essa coisa e eu ficava completamente desmotivada, sabe? De ir pra aula e não ter ali aquela coisa física todo mundo junto.

Fabi - O que que significou a Experimento Oficina pra você naquele momento de isolamento social? Início de pandemia.

S - Ai, pra mim foi... Foi algo muito importante. Porque foi... Foi como que eu pudesse extravasar tudo que eu tava sentindo no momento que eu tava passando. Não só na questão de isolamento social, mas tava passando comigo uma fase muito complicada. E tanto que na época eu não conseguia nem desenhar. Ai, vou desenhar tal coisa aqui que eu gostei e vi na internet e vou tentar fazer. Eu não conseguia. Mas na oficina eu conseguia, sabe, liberar tudo e fluir alguma coisa muito legal. E foi uma das primeiras vezes que eu trabalhei com alguma coisa que não fosse desenho. Que eu fiz uma arte que não era completamente, sabe, só o papel. E daí eu consegui descobrir que, poxa, tem coisa fora disso, sabe? Então foi algo muito legal. E acho que foi o que fez eu descobrir que eu gostava mesmo de criar coisa, de criar arte.

Fabi - Você acha que o maior contato com o audiovisual, através daquelas diversas formas de expressão que a gente experimentava ali, né? Através do corpo, ou da edição de vídeo, ou das coisas que vocês criavam. Vocês eram um grupo muito criativo. Vocês faziam muitos vídeos. E editavam... vocês editavam muito rápido aquilo. Você acha que o contato com o audiovisual, ali na Experimento Oficina, mudou o teu olhar em relação à qualidade daquilo que você consumia naquele momento? daquilo que você consome hoje?

S - Ah, eu acho que mudou. Porque quando a gente... A gente era livre pra fazer o que a gente achava quando você dava uma proposta pra gente. E daí, a gente soltava a criatividade em tudo, né? Então, foi uma experiência muito legal. E daí, você dava essa devolutiva do que significava, sabe? Do que poderia significar aquilo que a gente tava criando. E daí, às vezes, a gente achava que era uma coisa completamente boba. Mas daí, você dava uma interpretação pra gente. E a gente ficava, caraca, é verdade, sabe? Eu fiz isso aqui com propósito. E daí que você começa a reparar em coisas que têm um propósito, que têm um fundo, sabe? E que têm um pensamento por trás. E coisas que não tem. Que tá ali só por estar, né? Coisas que foram feitas só por fazer.

Então, até hoje, eu lembro de frases específicas. De todas nós ali conversando. E, tipo, sabe? Quando eu tô pensando... vendo algum filme, lendo algum livro, ou qualquer coisa que seja. E eu acabo lembrando da oficina.

Fabi - Legal. Muito bom. Você lembra de algum exercício que te marcou na Experimente Oficina?

S - Pra mim, foi... Foi um vídeo em que... O que eu fiz era um vídeo que tinha muitas memórias. Então, eu acho que tinha a ver com isso. Com você resgatar uma memória sua e tal. Eu lembro que eu peguei um bonequinho meu, que eu tenho desde bebê. Que foi a minha avó que me deu e tal. E que ele não tem olho, porque o cachorro da minha avó arrancou o olho dele. E daí, eu lembro que eu fiz um vídeo muito...Tipo, eram vários close só do boneco. Eram vários detalhezinhos dele. E daí, era a minha voz. Eu meio que interpretava diferentes personagens só com a minha voz e tal.

E mostrando o boneco. Acho que é o que eu mais lembro. Porque foi uma coisa que mexeu muito comigo fazendo. Porque eu tinha aquele boneco lá. E na época da pandemia, aquela coisa de todo mundo muito sensível. E eu ficava lembrando das minhas avós o tempo inteiro. Porque eu era muito criança quando elas morreram e tal. E daí, aquele vídeo fez eu criar uma memória muito mais carinhosa daquele boneco que eu tinha. Porque até então, era um boneco que eu evitava olhar muito.

Fabi - Muito bom. Você chegou a ter algum tipo de ansiedade? Depressão? Síndrome do pânico? Alguma coisa que tenha afetado a sua saúde mental durante a pandemia?

S - Eu não fui diagnosticada com nada. Durante a pandemia, nem com nenhum transtorno. Nem nenhuma doença psicológica. Mas eu tive alguns momentos muito frágeis. Não sei se podem ser considerados crises de ansiedade. Mas vários momentos em que eu me sentia muito perdida. Tanto que foi na pandemia que eu comecei a fazer terapia. Foi quando eu pedi pra minha mãe pra me botar na psicóloga. Porque eu tava vivendo muito no automático. Eu tava só indo. Mas eu não tive nenhum diagnóstico de nada. Foram momentos muito emblemáticos. Que eu lembro até hoje de crises minhas. E às vezes meio que sem sentido. Não tinha acontecido nada específico. Mas eu comecei a me desesperar. Foram momentos muito marcantes que eu tive. Acho que umas duas ou três crises minhas.

Fabi - De alguma forma, você acha que a arte, tanto nesse momento ali, em que a gente tava experimentando juntas, ali dentro da Experimente Oficina, como em outros momentos, você acha que a arte te ajudou, te ajuda de alguma maneira em se entender no mundo?

S - Demais. Acho que foi nesse momento que eu descobri o quanto a arte pra mim não era só uma coisa assim. Eu gosto de desenhar os personagens do anime que eu vejo. Não era só isso. Era uma coisa que me ajudava a lidar com tudo. Foi na pandemia. Assim, um pouco antes da pandemia começar, eu tinha entrado no clube de teatro da escola. Mas eu tive que parar o teatro. A escola inteira parou o teatro também. E eu percebi que eu tava sentindo muita falta daquilo. E na pandemia eu separei trechos de filmes da Disney que eu gostava, de personagens que eu gostava, pra interpretar sozinha no meu quarto. E eu não sei de onde que surgiu isso. Eu lembro de uma época que eu fazia isso todo dia. E era algo que me ajudava, me deixava muito feliz. Na época eu não conseguia desenhar. Eu tive uma coisa que eu não gostava de nada, nenhum traço do papel que eu fazia. E eu acabei indo pra outras coisas. Eu não comecei a escrever, a minha escrita foi depois. Mas nessa época eu lembro... Eu interpretava muito o Frollo do Corcunda de Notre Dame, o Gato da Alice, o Chapeleiro Maluco. Eu adorava pegar esses personagens, assim, interpretar eles do jeito que eu sabia. E foi algo que me ajudou a lidar muito com tudo.

Fabi - Legal. Você acha que a Experimente, de alguma maneira, te ajudou a lidar com essa ferramenta audiovisual tecnicamente? Muita coisa remota surgiu a partir da pandemia e a gente sabe que isso virou uma ferramenta extremamente importante. Você acha que, de alguma maneira, te ajudou naquele momento? Para o que viria depois? Porque depois vocês continuaram tendo aula por pelo menos dois anos, num vai e volta.

S - Foi. Rodízio de aula. Foi uma coisa bem insana. Mas para mim ajudou, sim. Porque acho que antes disso, antes das aulas online e antes da oficina, eu não usava muito chamada de vídeo nem no WhatsApp. Era uma coisa assim... Eu era muito... Não sei. Eu ficava muito nervosa de não saber como mexer. Eu ganhei o celular muito tarde. Então, enquanto todos os meus amigos já sabiam fazer isso há muito tempo, eu não fazia a menor ideia de como fazer isso. Tanto que eu nunca tinha usado o Google Meet. As minhas aulas também não eram pelo Meet. Então, eu via o negócio... Clica no link para fazer chamada. E eu ficava... Como assim? Clicar em link e tal? Não sei o que. Eu fiquei muito perdida. E daí, o meu celular eu tinha excluído o Meet, porque eu não usava. Eu tive que pegar do meu pai. Foi uma confusão. Então, foi algo que me ajudou a lidar muito bem. Agora é super tranquilo para mim.

Fabi - Antes da gente finalizar, eu gostaria de saber se você quer falar alguma coisa. Enfim, fique livre.

S - Eu não saberia muito bem o que adicionar. Mas que a arte é algo muito surpreendente, sabe? Quanto mais a gente entra nela, mais a gente se surpreende com ela. Acho que é isso que eu acabo levando, sabe? Essa curiosidade que faz eu estudar arte cada vez mais. Porque é muito surpreendente. E sempre, não importa quanto tempo você está nela.

Fabi - Pronto. E eu vou encerrar esta gravação aqui. Espera aí só um segundo.

9. Entrevista realizada no dia 04 de outubro de 2023 - 15h

Fabi - Pronto, e eu vou gravar agora também, vou colocar aqui pra gravar no gravadorzinho do lado. Pra gente ter essas duas fontes. Então vamos lá, pra cumprir o protocolo eu vou ler aqui um negocinho pra você rapidinho antes da gente começar e você me responde se tá tudo bem pra você. Meu nome é Fabiana Carlucci, eu sou arte educadora, cineasta e pesquisadora. Eu sou mestranda no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos da Condição Humana na Universidade Federal de São Carlos, PPGECH Campus Sorocaba. Eu tô fazendo um trabalho a partir da produção audiovisual colaborativa de jovens no contexto escolar. Você foi escolhida porque participou da Experimente Oficina durante a pandemia, de forma remota, e utilizou o audiovisual como ferramenta de aprendizagem e ou produção, não foi?

N - Uhum.

Fabi - Esse trabalho vai ser assim ó, eu vou te fazer algumas perguntas, vai demorar aproximadamente 20 minutos. E mesmo você me ajudando no trabalho, não vai ganhar nada, tudo bem?

N - Uhum.

Fabi - Esse trabalho consiste em algumas perguntas e você só responde se quiser. E se quiser deixar de participar em qualquer momento, você pode. A gente pode começar?

N - Sim.

Fabi - Então tá bom. Eu gostaria primeiro que você se apresentasse, falasse seu nome, sua idade e contasse um pouco de você.

N - Meu nome é (...), eu tenho 16 anos, eu tô no segundo ano de ensino médio, e eu gosto muito de dançar, faço sapateado desde que eu tinha 4 anos até hoje. Gosto muito de me exercitar, de ler, de assistir filmes e várias coisas nesse sentido.

Fabi - Tá, tem alguma coisa muito especial assim de você, pra quem não te conhece, que é importante saber for a essas coisas?

N - Eu sou uma pessoa que eu sou um pouco tímida, mas eu sou muito comunicativa no geral. Então, por mais que nos primeiros momentos eu não me abra muito, eu também não sou uma pessoa difícil de conversar.

Fabi - Tá ótimo. O que você entende pela palavra audiovisual?

N - Audiovisual eu penso em algo que venha com uma imagem e um som junto, uma gravação, um vídeo, um filme, alguma coisa desse sentido.

Fabi - Você pensa que quando você tá usando uma ferramenta como essa, que a gente está usando aqui agora, que essa é uma ferramenta audiovisual?

N - Sim.

Fabi - Você, durante o tempo de uso disso, você se preocupa com coisas técnicas desse uso audiovisual daqui? Você se preocupa se você tá sendo ouvida, se você tá sendo vista, o fundo?

N - Sim.

Fabi - Tá. Muito bom. Você acha que as ferramentas audiovisuais, elas te ajudam de alguma maneira no seu dia a dia? E se sim, de que jeito?

N - Ah, ajudaram muito durante a pandemia, principalmente por conta das aulas, porque foi a forma que encontraram de conseguir manter o roteiro que tinham das aulas que a gente ia ter durante o ano. E atualmente, como agora as aulas passaram a ser presenciais de novo, eu acho que mesmo saindo da pandemia, várias, as pessoas meio que redescobriram a possibilidade de poder usar o audiovisual para várias outras coisas. Então, muitas coisas que antes eram 100% presenciais, agora passam a ser, às vezes, um pouco híbridas, ou coisas que antes eram presenciais podem ser feitas por home office, pelo jeito, por exemplo. Então, eu acho que agora, por mais que a gente tenha saído da pandemia, fica sendo muito mais presente do que era antes dela começar.

Fabi - E você acha que mudou também o contexto do teu dia a dia na escola em relação a materiais audiovisuais? Por exemplo, eu, quando estou dentro da escola dando aula, vejo que os professores agora usam muito mais projeção de imagens, filmes, sei lá, PowerPoint. Eu tenho essa impressão no dia a dia lá dando aula. Você acha que isso mudou também?

N - Eu acho que mudou. Também por conta de coisas que os professores, às vezes, liberam para a gente assistir em casa, porque durante a pandemia, a gente recebeu cromes para a gente conseguir, para aqueles que não tinham computador, conseguirem também ter acesso às aulas. Então, todos os alunos receberam cromes da escola.

Fabi - O que é um crome?

N - É um crome, é um computador, mas ele é bem menor. Então, ele cabe na mala, ele é mais... Dá para levar para mais lugares, assim. E daí, a gente recebeu da escola, no meio da pandemia, para a gente assistir às aulas e a gente continua com eles até hoje. Ele é meio que o material agora que a gente tem que estar com ele todos os dias na escola. A gente não usa para tudo, porém, tem muitas coisas que os professores agora disponibilizam para a gente, seja de vídeo, de material, que a gente tem que começar a usar pelo crome. E mesmo em casa, as tarefas que a gente faz, muitas coisas.

Fabi - Eu acho que você vai ser uma das entrevistadas, eu acredito, que esteja na escola que comporta um público de maior acesso, das pessoas, provavelmente você é a pessoa que está na escola que tem um público com maior poder aquisitivo. Como que você enxerga isso? Enfim, vou tentar não deixar a pergunta tão complexa. Dentro de um país tão desigual como a gente vive, como é para você, ali dentro, perceber que é um grande privilégio muitos desses acessos, enquanto muitas pessoas não tinham nem conexão à internet, você está falando, olha que incrível. Você ganha um computador da escola para você poder fazer as coisas. Queria que você falasse um pouquinho disso.

N - É realmente, é muito diferente, porque são muitas as oportunidades também que a escola oferece, são muitos os acessos que a gente consegue ter pela escola, que a maioria não tem. Porque ela é uma escola que foca muito nessa parte realmente do conteúdo, é muito conteúdo. Então, acho que eles também usam o Chrome e esses acessos que eles dão para a gente, porque a gente tem também outros projetos que são desenvolvidos lá, como por exemplo, um projeto do Cientista Aprendiz, que é um projeto muito grande de iniciação científica, que vários alunos, chamados pelos professores, participam. E existem muitos contatos, existem muitas ferramentas que a gente pode utilizar lá dentro ao nosso favor. E isso mostra realmente uma parcela que é muito estranho de se pensar, porque é quando eu passo a maior parte do meu tempo lá. E eu sempre paro para pensar que para mim é uma coisa que é tão normal e tão cotidiana, que é estar no Dante e pegar o meu Chrome, que a minha escola me deu, e usar, e depois ir para o Cientista, que é um programa. É uma coisa que para mim é tão automática, mas que é uma coisa tão... é uma bolha muito específica, que não faz parte do dia a dia da grande maioria. Então, é muito... eu não sei muito bem se eu estou indo para a resposta que você queria.

Fabi - Não, eu quero te ouvir, eu quero te ouvir.

N - É isso, eu acho que é isso.

Fabi - O grande barato é o que você vai fazer a partir dessas oportunidades, e eu tenho certeza que você é uma pessoa que é educada para pensar também na questão da solidariedade, e que provavelmente no seu futuro como profissional vai pensar em políticas públicas que podem, de alguma maneira, abraçar as pessoas que não têm os mesmos privilégios. Esse programa que você está fazendo, você ainda está lá? É na USP?

N - É, não. Então, a USP eu ia ano passado, fui na metade do ano passado até o final, porque o Cientista Aprendiz é um projeto que é como se fosse uma eletiva, só que a diferença dessa eletiva é que são os professores que chamam os alunos. Então, você pode se candidatar, você pode se inscrever, mas isso não quer dizer que você vai participar. Aí eles pegam quem quer participar, e daí eles vão... Os professores se juntam, os que dão aula para esse aluno no ano, os de ciência especificamente, os de química, física, biologia, e eles se juntam e eles olham para esse aluno, como eles olham em quesito de notas, e olham também o quão é que serve a participativa, qual é a vontade que ele teria, porque é um programa de iniciação científica, mais ou menos, e que você vai desenvolver o seu próprio projeto. Então, você precisa ter uma autonomia, você precisa ter o foco e você precisa ter curiosidade.

Fabi - Ah, e o projeto é sobre o quê? Qual é o projeto?

N - O meu projeto é sobre a doença de Alzheimer. Eu tinha um outro projeto, sempre foi, meu tema sempre foi doença de Alzheimer, e antes eu trabalhava procurando um princípio ativo em uma planta que conseguisse meio que retardar um dos processos que tem dentro do nosso cérebro, durante doença de Alzheimer, para a progressão ser um pouco mais lenta. E daí, essa minha hipótese era muito parecida com uma pesquisa que estavam desenvolvendo na USP, e daí foi que eu consegui a minha parceira e que eu comecei a frequentar a USP nos últimos seis meses do ano passado. Só que no começo desse ano, a minha parceira, ela recebeu uma bolsa de estudos em outro país, e daí ela se mudou e eu não tive mais quem me acompanhasse na USP. Então, eu mudei meu projeto para um projeto que eu conseguisse desenvolver no Dante, porque aquele meu outro projeto, ele exigia vários materiais, várias coisas que eu não tinha acesso no Dante, porque a gente não tem um laboratório específico lá, a gente tem as coisas mais gerais. Então, eu mudei para uma coisa que para mim era a minha segunda opção de projeto, que agora eu trabalho desenvolvendo um material educativo que facilite a interação entre cuidadores, pacientes e os médicos em relação a doença de Alzheimer. Então, a minha intenção com o meu projeto agora é como se fosse construir um guia de como

cuidar de pacientes de Alzheimer para os cuidadores familiares, que são aqueles que ficam na casa com a pessoa e são da família depois que ela foi diagnosticada para a doença.

Fabi - Maravilhoso. E você ainda participa da coisa do rádio lá na...

N - Não, esse eu não. Acho que nem tem mais disponível para o meu ano já. Agora são só os menores. Eu fiz até o oitavo, eu acho.

Fabi - É uma rádio comunitária dentro da escola, é isso?

N - É, agora essa rádio ela não existe mais.

Fabi - O que aconteceu?

N - Essa rádio fechou, construíram uma outra sala e o que fizeram agora foi meio que um laboratório que dentro dele a gente tem esses recursos para a gente conseguir gravar e fazer essas coisas. Agora, no Ensino Médio, a gente não vai. A gente não vai para esse laboratório mais. Só que eu ainda vejo hoje em dia os alunos, os mais novos que fazem parte, a chama Dante em Foco. E eles cobrem os projetos do Doente, eles vão em festas, eles tiram foto de festa. Criam podcast, essas coisas.

Fabi - Legal. Quais são os produtos audiovisuais que você consome no seu dia a dia?

N - Filme, filme e série, videoaula e os vídeos também das plataformas como o TikTok e o Instagram, quando eu estou navegando.

Fabi - Quantos anos você tinha quando você participou da Experimente Oficina? E você estava em que série?

N - Eu estava no oitavo ano e eu tinha 13 anos.

Fabi - O que significou aquela experiência ali, naquele momento para você, em um início de pandemia?

N - Foi, acho que principalmente pelo contexto que a gente estava, foi muito importante porque era uma fuga da realidade que a gente estava. Era uma atividade que a gente estava para fazer, que não tinha nada em relação da escola, que não tinha nada relacionado a nenhuma questão repetida. Porque na pandemia a gente estava dentro de casa, fazia as mesmas coisas todo dia. E daí era tipo escola, eu estava no meu quarto, aí eu tinha aula no meu quarto, eu continuava no meu quarto, e daí a oficina era uma coisa que trazia uma diferença. Eram atividades diferentes que também traziam uma coisa que deixava mais leve, para você meio que dar uma distraída. Para mim foi muito importante e também fazia pensar, não era como se fossem atividades que você ia fazer só por fazer. Você também tinha que colocar um esforço naquilo, você também tinha que botar uma concentração. Então foi bem gostoso.

Fabi - Ótimo. Você acha que o maior contato com o audiovisual ali, através daquelas diversas formas de expressão que a gente experimentava, mudou o teu olhar em relação à qualidade daquilo que você consumia naquele momento e que você consome hoje?

N - Eu acho que sim. Porque as atividades elas traziam pontos que não são pontos que você parava para pensar no dia a dia. Principalmente por ser tudo muito automático. Aí a gente fazia as atividades e a gente parava para analisar ou realizar coisas que para a gente não eram coisas que a gente realmente prestava atenção. Só que para realizar aquela atividade a gente precisava colocar um foco maior e realmente tirar alguma coisa daquilo. Então fazia pensar.

Fabi - Eu ficava muito impressionada, eu estou voltando nos materiais para assistir, principalmente o de vocês, da turma de vocês. Você, a S, a M, a L, de como vocês editavam muito rápido. Vocês fazem uma atividade em vídeo assim e aí vocês editavam com uma facilidade, com uma rapidez. Eu acho que era pelo TikTok, né? Mas com muita coerência, né? Com muita coerência. Muito legal assim, muito legal. Porque a gente também esquece, né? Faz três anos assim. Então eu vou vendo o material de vocês e falo assim, gente, que genialidade. E faziam os cortes, as brincadeiras com os materiais. Muito bom. Naquele momento da pandemia, que nós estávamos em isolamento total, teve alguma experiência que te marcou na Experimente Oficina? Algum exercício, alguma coisa que você lembra até hoje?

N - Tem alguns que eu lembro mais. Eu lembro tanto de eu fazendo e também das coisas que eu via, que a S, a M e a L faziam. Eu lembro da dança que eu fiz, que no mesmo que eu fiz um que eu dançava, a Malu fez um que ela compôs uma música, ela cantou. E aquele foi muito diferente, porque eu nunca achei que eu fosse fazer um vídeo dançando. Eu lembro que tinha alguma coisa, que essa atividade tinha alguma coisa relacionada com outra pessoa. A gente tinha tirado alguma outra pessoa e feito alguma coisa em relação a ela. Acho que é isso que eu lembro. E daí foi muito... eu lembro da L também, que ela fez um vídeo, que eu acho que a L que tinha me tirado. E que ela fez um vídeo, e esse é um dos vídeos que ela tinha feito umas edições mais diferentes. Eu lembro desse vídeo até hoje, que eu lembro que na hora que eu pensei, na hora que eu vi o vídeo, eu falei, nossa, o que é isso? O que esse vídeo tem a ver comigo? Só que daí depois eu fiquei, eu vi e era muito legal. Porque você vê a interpretação diferente de cada pessoa sobre o outro. Porque a L obviamente não vai me ver da mesma forma como eu me vejo. E daí eu lembro que isso foi muito legal. Outro que eu lembro era um que a gente tinha que fazer desenho, acho que não era com arroz, com feijão, alguma

coisa assim, que a gente fez as formas. Eu lembro que nesse dia a Giovana estava na minha casa também. E daí eu lembro que como a gente estava juntas, a gente não queria afetar o trabalho uma da outra. Então ela pegou um tipo de grão, eu peguei outro tipo de grão. Foi cada uma para o lado da mesa e cada uma fez o seu. Porque a gente queria fazer o nosso. E daí, no fim, saíram coisas muito diferentes, porque a gente não estava nem... E daí eu lembro que isso foi bem legal também.

Fabi - Nossa, muito bom. Muito bom. Você chegou a ter algum tipo de ansiedade, depressão, síndrome do pânico? Alguma coisa que tenha afetado a sua saúde mental durante a pandemia?

N - Não.

Fabi - E você esteve perto de pessoas que tiveram alguma coisa... Que foram afetadas em sua saúde mental pela pandemia?

N - Há alguns amigos meus, sim.

Fabi - Você acha que nesse sentido, trabalhar com a sensibilidade através das artes, de alguma maneira, ajuda a lidar com esses momentos mais improváveis, de imprevistos, como foi a pandemia?

N - Com certeza. Porque, além de uma forma de expressão, é uma válvula de escape muito grande. Ainda mais os diferentes tipos de arte que a gente pode ter. Alguma pessoa que pode ter mais afinidade com um certo tipo, por exemplo, e não com outro. São muitas opções de forma que você consegue colocar pra fora o que você está sentindo. Principalmente na pandemia, que foi uma época que a gente sentiu muita coisa, mas que não tinha onde colocar pra fora. Você não encontrava outras pessoas. Era tudo virtual. E essa falta de relação social não é uma coisa boa. Você não consegue se manter sem essas relações sociais. Porque é muito importante pra você estabilizar, conviver com outras pessoas. E você conseguir colocar seu foco em alguma outra coisa. Ou, pelo menos em algum período do dia, distrair. Seja, por exemplo, cantando, dançando, pintando, atuando. Fica muito mais fácil. Até porque é um momento que muitas vezes... Bom, na minha visão, durante a pandemia, seria o momento da pessoa. Então, seria um momento em que ela poderia fazer alguma coisa dela numa ocasião diferenciada, que foi o momento da pandemia. E que pudesse liberar tudo que ela estava guardando da repetitividade de todos os dias. Então, acho que é muito importante. Tanto que durante a pandemia, pra mim, eu acho que eu experimentei um pouco de tudo. Porque, às vezes, eu dançava ainda. Eu continuei fazendo aula de dança durante a pandemia. Virtual. E, pra mim, era um saco. Eu adorava dançar. Sempre gostei. Só que fazer aula de dança

pra mim virtual não fazia nenhum sentido. Porque eu estava aqui. Eu ficava no computador. Eu mal tinha espaço. E eu quase não conseguia ouvir a professora. Eu tinha que adivinhar o que ela estava fazendo. Porque eu também não conseguia ver ela. Eu não conseguia me ver.

Fabi - Então, outra questão também que eu acho que a gente passou muito. Por isso que eu te perguntei lá no início. Porque as pessoas não sabiam. Vocês são jovens. Vocês estão aí ligados à internet, né? Vocês estão o tempo inteiro... Para as gerações, para as nossas gerações, a gente teve muito problema técnico. Com a ferramenta também. Então, eu acho que, de certa forma, não sei, mas... No experimento, a gente também experimentou esse tipo de técnica. Como usar isso, né?

N - Sim, foi um momento de uma adaptação muito grande. Eu lembro que o Rémi era muito mais legal. Por exemplo, quando eu queria dançar, eu não aguentava mais fazer a balada sapateada. Eu não aguentava fazer nenhum dos dois. Para mim era muito mais legal ir no YouTube e colocar, por exemplo, o de acidente. Porque eu conseguia me mexer, mas eu também não precisava ficar me preocupando com a questão da internet, com a questão da câmera, essas coisas. Durante a pandemia, eu comprei a tela, a tinta, eu pintei, eu aprendi a desenhar algumas coisas. Porque o tempo livre também era muito grande. E passar todo o tempo livre meio que no ósseo, também não é uma coisa que faz bem. É sempre uma coisa de ir diversificando. E eu tentava diversificar com as coisas que eu conseguia. Então, eu acho que isso mudou bastante para mim também, esse momento. Tentar fazer coisas novas, passadas a arte, mudou para mim. Pelo menos muito durante a pandemia.

Fabi - Muito bom. Meu amor, você gostaria de falar mais alguma coisa antes da gente finalizar a entrevista?

N - Não tenho nada em mente.

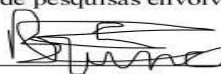
Fabi - Então, tá bom. Olha, perai que eu vou finalizar aqui, só um segundo. Vou parar a gravação aqui.

TERMOS DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Meu nome é Fabiana Furlani Carlucci, sou arte-educadora, cineasta e pesquisadora. Sou orientada no meu mestrado pela Prof.^a Cláudia Regina Lahni. Gostaria de convidá-lo(a) a participar de livre e espontânea vontade do estudo **“ARTE, EDUCOMUNICAÇÃO, COMO POTENCIALIDADE DE JOVENS EM ESPAÇOS DE EDUCAÇÃO FORMAL E NÃO FORMAL”** que tem como objetivo compreender de que maneira o audiovisual tem colaborado com jovens em práticas educacionais. A entrevista será feita por meio de perguntas, com duração de aproximadamente 20-40 minutos. O que você contar será somente do meu conhecimento e de minha professora, sendo mantido sigilo e respeito a sua privacidade. O relatório final do estudo será publicado, sem que seus nomes sejam mencionados, e você poderá desistir de colaborar com a pesquisa em qualquer momento, sem que tenha qualquer gasto ou prejuízo. Você também não será pago e não receberá qualquer benefício. Se em algum momento esta entrevista trouxer algum desconforto ou constrangimento, poderemos interrompê-la imediatamente. Em nenhum caso haverá dano físico ou emocional seja esperado durante ou após a entrevista, se algum dano ocorrer, a indenização devida será providenciada pelo pesquisador responsável. Em caso de dúvidas o/a senhor/a poderá entrar em contato comigo pelo telefone (11) 9945-5160 ou pelo email: fabianacarlucci@estudante.ufscar.br. Este documento será assinado e rubricado em duas vias, ficando uma via com você e a outra comigo. Esta pesquisa atende todas as especificações da Resolução 466, de 12 de dezembro de 2012, que aprova as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos.

Assinatura do Entrevistado (a) _____



Assinatura do Pesquisador _____


Documento assinado digitalmente
gov.br FABIANA FURLANI CARLUCCI
 Date: 24/01/2024 13:52:02-0300
 Verifique em <https://validar.it.gov.br>

São Paulo, 07/ 01 /2024

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Meu nome é Fabiana Furlani Carlucci, sou arte-educadora, cineasta e pesquisadora. Sou orientada no meu mestrado pela Prof.^a Cláudia Regina Lahni. Gostaria de convidar você a participar de livre e espontânea vontade do estudo **“ARTE NA EDUCOMUNICAÇÃO, COMO POTENCIALIDADE DE JOVENS EM ESPAÇOS DE EDUCAÇÃO FORMAL E NÃO FORMAL”** que tem como objetivo compreender de que maneira o audiovisual tem colaborado com jovens em práticas educacionais. Vou fazer algumas perguntas, com duração de aproximadamente 20-40 minutos. O que você me contar será somente do meu conhecimento e de minha professora, sendo mantido sigilo e respeito a sua privacidade. O relatório final do estudo será publicado, sem que seus nomes sejam mencionados, e você poderá desistir de colaborar com a pesquisa em qualquer momento, sem que tenha qualquer gasto ou prejuízo. Você também não será pago ou receberá qualquer benefício. Se em algum momento esta entrevista trazer algum desconforto ou constrangimento, poderemos interrompê-la imediatamente. Embora nenhum dano físico ou emocional seja esperado durante ou após a entrevista, se algum dano ocorrer, a indenização devida será providenciada pelo pesquisador responsável. Em caso de dúvidas o/a senhor/a poderá entrar em contato comigo pelo telefone (11) 99577-5160 ou pelo email: fabianacarlucci@estudante.ufscar.br. Este documento será assinado e rubricado em duas vias, ficando uma via com você e a outra comigo. Esta pesquisa atende todas as especificações da Resolução 466, de 12 de dezembro de 2012, que aprova as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos.

Assinatura do Entrevistado (a) Bruno Manfio

Documento assinado digitalmente
 FABIANA FURLANI CARLUCCI
 Data: 25/01/2024 00:00:40-0300
 Verifique em <https://validar.it.gov.br>

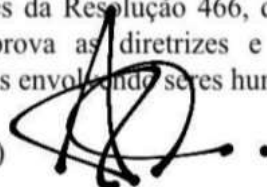
Assinatura do Pesquisador _____

São Paulo, jan 24, 2024

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Meu nome é Fabiana Furlani Carlucci, sou arte-educadora, cineasta e pesquisadora. Sou orientada no meu mestrado pela Prof.^a Cláudia Regina Lahni. Gostaria de convidar você a participar de livre e espontânea vontade do estudo **“ARTE NA EDUCOMUNICAÇÃO, COMO POTENCIALIDADE DE JOVENS EM ESPAÇOS DE EDUCAÇÃO FORMAL E NÃO FORMAL”** que tem como objetivo compreender de que maneira o audiovisual tem colaborado com jovens em práticas educacionais. Vou fazer algumas perguntas, com duração de aproximadamente 20-40 minutos. O que você me contar será somente do meu conhecimento e de minha professora, sendo mantido sigilo e respeito a sua privacidade. O relatório final do estudo será publicado, sem que seus nomes sejam mencionados, e você poderá desistir de colaborar com a pesquisa em qualquer momento, sem que tenha qualquer gasto ou prejuízo. Você também não será pago ou receberá qualquer benefício. Se em algum momento esta entrevista trazer algum desconforto ou constrangimento, poderemos interrompê-la imediatamente. Embora nenhum dano físico ou emocional seja esperado durante ou após a entrevista, se algum dano ocorrer, a indenização devida será providenciada pelo pesquisador responsável. Em caso de dúvidas o/a senhor/a poderá entrar em contato comigo pelo telefone (11) 99577-5160 ou pelo email: fabianacarlucci@estudante.ufscar.br. Este documento será assinado e rubricado em duas vias, ficando uma via com você e a outra comigo. Esta pesquisa atende todas as especificações da Resolução 466, de 12 de dezembro de 2012, que aprova as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos.

Assinatura do Entrevistado (a)



Assinatura do Pesquisador

Documento assinado digitalmente
gov.br FABIANA FURLANI CARLUCCI
 Data: 24/01/2024 15:42:24-0300
 Verifique em <https://validar.it.gov.br>


São Paulo, / / □

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E
ESCLARECIDO (TCLE) -
RESPONSÁVEIS**

Meu nome é Fabiana Furlani Carlucci, sou arte-educadora, cineasta e pesquisadora. Sou orientada no meu mestrado pela Prof.^a Cláudia Regina Lahni. Gostaria de convidar seu/sua filho/filha a participar de livre e espontânea vontade do estudo **“ARTE NA COMUNICACÃO, COMO POTENCIALIDADE DE JOVENS EM ESPAÇOS DE EDUCAÇÃO FORMAL E NÃO FORMAL”** que tem como objetivo compreender de que maneira o audiovisual tem colaborado com jovens em práticas educacionais. Vou fazer algumas perguntas para seu/sua filho/filha, com duração de aproximadamente 20-40 minutos. O que ele/ela me contar será somente do meu conhecimento e de minha professora, sendo mantido sigilo e respeito a sua privacidade. O relatório final do estudo será publicado, sem que seus nomes sejam mencionados, e ele/ela poderá desistir de colaborar com a pesquisa em qualquer momento, sem que tenha qualquer gasto ou prejuízo. O/a senhor/a também não será pago ou receberá qualquer benefício. Se em algum momento esta entrevista trouxer algum desconforto ou constrangimento, poderemos interrompê-la imediatamente. Embora nenhum dano físico ou emocional seja esperado durante ou após a entrevista, se algum dano ocorrer, a indenização devida será providenciada pelo pesquisador responsável. Em caso de dúvidas o/a senhor/a poderá entrar em contato comigo pelo telefone (11) 99577-5160 ou pelo email: fabianacarlucci@estudante.ufscar.br. Este documento será assinado e rubricado em duas vias, ficando uma via com vocês e a outra comigo. Esta pesquisa atende todas as especificações da Resolução 466, de 12 de dezembro de 2012, que aprova as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos.

Assinatura do(a) responsável

Assinatura da Pesquisadora

Documento assinado digitalmente
 **FABIANA FURLANI CARLUCCI**
 Data: 24/01/2024 15:52:02-0300
 Verifique em <https://validar.it.gov.br>

São Paulo, / /

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Meu nome é Fabiana Furlani Carlucci, sou arte-educadora, cineasta e pesquisadora. Sou orientada no meu mestrado pela Prof.^a Cláudia Regina Lahni. Gostaria de convidar você a participar de livre e espontânea vontade do estudo **“ARTE NA EDUCOMUNICAÇÃO, COMO POTENCIALIDADE DE JOVENS EM ESPAÇOS DE EDUCAÇÃO FORMAL E NÃO FORMAL”** que tem como objetivo compreender de que maneira o audiovisual tem colaborado com jovens em práticas educacionais. Vou fazer algumas perguntas, com duração de aproximadamente 20-40 minutos. O que você me contar será somente do meu conhecimento e de minha professora, sendo mantido sigilo e respeito a sua privacidade. O relatório final do estudo será publicado, sem que seus nomes sejam mencionados, e você poderá desistir de colaborar com a pesquisa em qualquer momento, sem que tenha qualquer gasto ou prejuízo. Você também não será pago ou receberá qualquer benefício. Se em algum momento esta entrevista trouxer algum desconforto ou constrangimento, poderemos interrompê-la imediatamente. Embora nenhum dano físico ou emocional seja esperado durante ou após a entrevista, se algum dano ocorrer, a indenização devida será providenciada pelo pesquisador responsável. Em caso de dúvidas o/a senhor/a poderá entrar em contato comigo pelo telefone (11) 99577-5160 ou pelo email: fabianacarlucci@estudante.ufscar.br. Este documento será assinado e rubricado em duas vias, ficando uma via com você e a outra comigo. Esta pesquisa atende todas as especificações da Resolução 466, de 12 de dezembro de 2012, que aprova as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos.

Assinatura do Entrevistado (a) _____



Documento assinado digitalmente
gov.br FABIANA FURLANI CARLUCCI
Data: 24/01/2024 15:42:24-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Assinatura do Pesquisador _____

São Paulo, 03/01/2024

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
(TCLE) - RESPONSÁVEIS**

Meu nome é Fabiana Furlani Carlucci, sou arte-educadora, cineasta e pesquisadora. Sou orientada no meu mestrado pela Prof.^a Cláudia Regina Lahni. Gostaria de convidar seu/sua filho/filha a participar de livre e espontânea vontade do estudo **“ARTE NA EDUCOMUNICAÇÃO, COMO POTENCIALIDADE DE JOVENS EM ESPAÇOS DE EDUCAÇÃO FORMAL E NÃO FORMAL”** que tem como objetivo compreender de que maneira o audiovisual tem colaborado com jovens em práticas educacionais. Vou fazer algumas perguntas para seu/sua filho/filha, com duração de aproximadamente 20-40 minutos. O que ele/ela me contar será somente do meu conhecimento e de minha professora, sendo mantido sigilo e respeito a sua privacidade. O relatório final do estudo será publicado, sem que seus nomes sejam mencionados, e ele/ela poderá desistir de colaborar com a pesquisa em qualquer momento, sem que tenha qualquer gasto ou prejuízo. O/a senhor/a também não será pago ou receberá qualquer benefício. Se em algum momento esta entrevista trouxer algum desconforto ou constrangimento, poderemos interrompê-la imediatamente. Embora nenhum dano físico ou emocional seja esperado durante ou após a entrevista, se algum dano ocorrer, a indenização devida será providenciada pelo pesquisador responsável. Em caso de dúvidas o/a senhor/a poderá entrar em contato comigo pelo telefone (11) 99577-5160 ou pelo email: fabianacarlucci@estudante.ufscar.br. Este documento será assinado e rubricado em duas vias, ficando uma via com vocês e a outra comigo. Esta pesquisa atende todas as especificações da Resolução 466, de 12 de dezembro de 2012, que aprova as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos.

Assinatura do(a) responsável

Assinatura da Pesquisadora

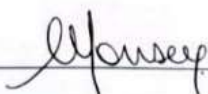


Documento assinado digitalmente
FABIANA FURLANI CARLUCCI
Data: 24/01/2024 15:52:02-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
(TCLE) - RESPONSÁVEIS**

Meu nome é Fabiana Furlani Carlucci, sou arte-educadora, cineasta e pesquisadora. Sou orientada no meu mestrado pela Prof.^a Cláudia Regina Lahni. Gostaria de convidar seu/sua filho/filha a participar de livre e espontânea vontade do estudo **“ARTE NA EDUCOMUNICAÇÃO, COMO POTENCIALIDADE DE JOVENS EM ESPAÇOS DE EDUCAÇÃO FORMAL E NÃO FORMAL”** que tem como objetivo compreender de que maneira o audiovisual tem colaborado com jovens em práticas educacionais. Vou fazer algumas perguntas para seu/sua filho/filha, com duração de aproximadamente 20-40 minutos. O que ele/ela me contar será somente do meu conhecimento e de minha professora, sendo mantido sigilo e respeito a sua privacidade. O relatório final do estudo será publicado, sem que seus nomes sejam mencionados, e ele/ela poderá desistir de colaborar com a pesquisa em qualquer momento, sem que tenha qualquer gasto ou prejuízo. O/a senhor/a também não será pago ou receberá qualquer benefício. Se em algum momento esta entrevista trouxer algum desconforto ou constrangimento, poderemos interrompê-la imediatamente. Embora nenhum dano físico ou emocional seja esperado durante ou após a entrevista, se algum dano ocorrer, a indenização devida será providenciada pelo pesquisador responsável. Em caso de dúvidas o/a senhor/a poderá entrar em contato comigo pelo telefone (11) 99577-5160 ou pelo email: fabianacarlucci@estudante.ufscar.br. Este documento será assinado e rubricado em duas vias, ficando uma via com vocês e a outra comigo. Esta pesquisa atende todas as especificações da Resolução 466, de 12 de dezembro de 2012, que aprova as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos.

Assinatura do(a) responsável _____



Assinatura da Pesquisadora _____

Documento assinado digitalmente
gov.br FABIANA FURLANI CARLUCCI
Data: 24/01/2024 15:42:24-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

São Paulo, 18/01/2024

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Meu nome é Fabiana Furlani Carlucci, sou arte-educadora, cineasta e pesquisadora. Estou fazendo um trabalho a partir da produção audiovisual colaborativa de jovens no contexto escolar. Você foi escolhido/a porque teve aula de artes durante a pandemia, de forma remota, híbrida ou presencial, utilizando o audiovisual como ferramenta de aprendizagem e/ou produção, não foi? Este trabalho vai ser assim, vou te fazer algumas perguntas que vai demorar aproximadamente 20-40 minutos. Seu nome não vai aparecer em nenhum lugar do meu trabalho. Mesmo você me ajudando no trabalho, não vai ganhar nada. Este trabalho consiste algumas perguntas e você só participa se quiser, e se quiser deixar de participar em qualquer momento, você pode.

Quer participar do meu trabalho?

Eu Luara Fonseca Lambert aceito participar do trabalho sobre produção audiovisual colaborativa de jovens no contexto escolar. Entendi que vou responder algumas perguntas e que posso dizer "sim" e participar, mas que, a qualquer momento, posso dizer "não" e desistir.

Assinatura do/a adolescente



Assinatura da Pesquisadora

São Paulo, 18/01/21

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Meu nome é Fabiana Furlani Carlucci, sou arte-educadora, cineasta e pesquisadora. Estou fazendo um trabalho a partir da produção audiovisual colaborativa de jovens no contexto escolar. Você foi escolhido/a porque teve aula de artes durante a pandemia, de forma remota, híbrida ou presencial, utilizando o audiovisual como ferramenta de aprendizagem e/ou produção, não foi? Este trabalho vai ser assim, vou te fazer algumas perguntas que vai demorar aproximadamente 20-40 minutos. Seu nome não vai aparecer em nenhum lugar do meu trabalho. Mesmo você me ajudando no trabalho, não vai ganhar nada. Este trabalho consiste algumas perguntas e você só participa se quiser, e se quiser deixar de participar em qualquer momento, você pode.

Quer participar do meu trabalho?

Eu aceito participar do trabalho sobre produção audiovisual colaborativa de jovens no contexto escolar. Entendi que vou responder algumas perguntas e que posso dizer “sim” e participar, mas que, a qualquer momento, posso dizer “não” e desistir.

Assinatura do/a adolescente

Mica Braziani

Assinatura da Pesquisadora

Documento assinado digitalmente
gov.br FABIANA FURLANI CARLUCCI
 Data: 24/01/2024 15:52:02-0300
 Verifique em <https://validar.it.gov.br>

São Paulo, / /

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Meu nome é Fabiana Furlani Carlucci, sou arte-educadora, cineasta e pesquisadora. Sou orientada no meu mestrado pela Prof.ª Cláudia Regina Lahni. Gostaria de convidar você a participar de livre e espontânea vontade do estudo "ARTE NA EDUCOMUNICAÇÃO, COMO POTENCIALIDADE DE JOVENS EM ESPAÇOS DE EDUCAÇÃO FORMAL E NÃO FORMAL" que tem como objetivo compreender de que maneira o audiovisual tem colaborado com jovens em práticas educacionais. Vou fazer algumas perguntas, com duração de aproximadamente 20-40 minutos. O que você me contar será somente do meu conhecimento e de minha professora, sendo mantido sigilo e respeito a sua privacidade. O relatório final do estudo será publicado, sem que seus nomes sejam mencionados, e você poderá desistir de colaborar com a pesquisa em qualquer momento, sem que tenha qualquer gasto ou prejuízo. Você também não será pago ou receberá qualquer benefício. Se em algum momento esta entrevista trouxer algum desconforto ou constrangimento, poderemos interrompê-la imediatamente. Embora nenhum dano físico ou emocional seja esperado durante ou após a entrevista, se algum dano ocorrer, a indenização devida será providenciada pelo pesquisador responsável. Em caso de dúvidas o/a senhor/a poderá entrar em contato comigo pelo telefone (11) 99577-5160 ou pelo email: fabianacarlucci@estudante.ufscar.br. Este documento será assinado e rubricado em duas vias, ficando uma via com você e a outra comigo. Esta pesquisa atende todas as especificações da Resolução 466, de 12 de dezembro de 2012, que aprova as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos.

Assinatura do Entrevistado (a) _____



Documento assinado digitalmente
 FABIANA FURLANI CARLUCCI
 Data: 24/01/2024 15:42:24-0300
 Verifique em <https://validar.id.gov.br>

Assinatura do Pesquisador _____

São Paulo, 04/01/24

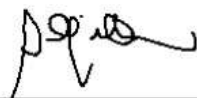
TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Meu nome é Fabiana Furlani Carlucci, sou arte-educadora, cineasta e pesquisadora. Estou fazendo um trabalho a partir da produção audiovisual colaborativa de jovens no contexto escolar. Você foi escolhido/a porque teve aula de artes durante a pandemia, de forma remota, híbrida ou presencial, utilizando o audiovisual como ferramenta de aprendizagem e/ou produção, não foi? Este trabalho vai ser assim, vou te fazer algumas perguntas que vai demorar aproximadamente 20-40 minutos. Seu nome não vai aparecer em nenhum lugar do meu trabalho. Mesmo você me ajudando no trabalho, não vai ganhar nada. Este trabalho consiste algumas perguntas e você só participa se quiser, e se quiser deixar de participar em qualquer momento, você pode.

Quer participar do meu trabalho?

Eu, **Sofia Moreira Graziano**, aceito participar do trabalho sobre produção audiovisual colaborativa de jovens no contexto escolar. Entendi que vou responder algumas perguntas e que posso dizer “sim” e participar, mas que, a qualquer momento, posso dizer “não” e desistir.

Assinatura do/a
adolescente _____



Assinatura da Pesquisadora _____

Documento assinado digitalmente
gov.br FABIANA FURLANI CARLUCCI
Data: 24/01/2024 15:42:34 -0300
Verifique em <https://validar.br.gov.br>

São Paulo, ____ / ____ / ____

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Meu nome é Fabiana Furlani Carlucci, sou arte-educadora, cineasta e pesquisadora. Sou orientada no meu mestrado pela Prof.^a Cláudia Regina Lahni. Gostaria de convidar você a participar de livre e espontânea vontade do estudo **“ARTE NA EDUCOMUNICAÇÃO, COMO POTENCIALIDADE DE JOVENS EM ESPAÇOS DE EDUCAÇÃO FORMAL E NÃO FORMAL”** que tem como objetivo compreender de que maneira o audiovisual tem colaborado com jovens em práticas educacionais. Vou fazer algumas perguntas, com duração de aproximadamente 20-40 minutos. O que você me contar será somente do meu conhecimento e de minha professora, sendo mantido sigilo e respeito a sua privacidade. O relatório final do estudo será publicado, sem que seus nomes sejam mencionados, e você poderá desistir de colaborar com a pesquisa em qualquer momento, sem que tenha qualquer gasto ou prejuízo. Você também não será pago ou receberá qualquer benefício. Se em algum momento esta entrevista trouxer algum desconforto ou constrangimento, poderemos interrompê-la imediatamente. Embora nenhum dano físico ou emocional seja esperado durante ou após a entrevista, se algum dano ocorrer, a indenização devida será providenciada pelo pesquisador responsável. Em caso de dúvidas o/a senhor/a poderá entrar em contato comigo pelo telefone (11) 99577-5160 ou pelo email: fabianacarlucci@estudante.ufscar.br. Este documento será assinado e rubricado em duas vias, ficando uma via com você e a outra comigo. Esta pesquisa atende todas as especificações da Resolução 466, de 12 de dezembro de 2012, que aprova as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos.

Assinatura do Entrevistado (a) _____



Assinatura do Pesquisador _____



Documento assinado digitalmente

FABIANA FURLANI CARLUCCI

Data: 24/01/2024 15:52:02-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

São Paulo, ____ / ____ / ____